



REVISTA

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

DO RIO GRANDE DO SUL

◆

COMISSÃO DE REDAÇÃO:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA

OTHELO ROSA

EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA

EDUARDO DUARTE

◆

PÔRTO ALEGRE — BRASIL

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Sede: PÔRTO ALEGRE

DIRETORIA DO INSTITUTO

Presidente honorário:

Desembargador Florencio C. de Abreu e Silva.

Presidente:

Dr. Leonardo Macedonia.

Vice-Presidente:

Prof. Othelo Rosa.

Secretario Perpétuo:

Dr. Eduardo Duarte.

2.º Secretario:

Prof. Valter Spalding.

Orador:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.

Tesoureiro:

Prof. Afonso Guerreiro Lima.

Bibliotecário:

Prof. Valter Spalding.

COMISSÕES PERMANENTES.

Fundos e Orçamentos:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.

Prof. Jorge Bahlis.

Dr. Lindolfo Collor.

Clemenciano Barnasque.

HISTÓRIA:

Prof. Othelo Rosa.

Dr. Darcy Azambuja.

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.

Cel. Aurelio Porto.

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL



I TRIMESTRE
ANO XVIII

Comissão de Redação:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
OTHELO ROSA
EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOÇA
EDUARDO DUARTE

PÔRTO ALEGRE
— 1938 —

1938
Officinas Gráficas da LIVRARIA DO GLOBO
Barcellos, Bertaso & Cia. — Pôrto Alegre
Filiais: Santa Maria e Pelotas

Francisco Pinto Bandeira

Pelo GENERAL JOÃO BORGES FORTES

Ao escrever meu primeiro livro sobre o povoamento inicial do Rio Grande do Sul, assunto que desde a juventude atraía a minha curiosidade, desenhei a largos e indecisos traços o panorama de conjunto do quadro, como o via a minha deficiente percepção.

De pontos vários desciam para as paragens promissoras do Continente de São Pedro três grupos sucessivos de povoadores: os Lagunistas, os Colonistas e os Açorianos.

Procurei em TRONCOS SECULARES destacar as figuras mais impressionantes dêsses grupos, os fundadores das famílias patricias, e com o tempo, trouxe paulatinamente para os planos mais próximos do cenário, além daqueles, CRISTÓVÃO PEREIRA, o Brigadeiro JOSE' DA SILVA PAIS e aquele benemérito contingente dos CASAIS que Feliciano Velho Oldenberg e seu sucessor Francisco de Souza Fagundes arrancaram do Arquipélago dos Açores para transplantá-lo ao seio carinhoso de nossa terra.

E, à proporção que me iam passando sob os olhos os velhos documentos dos arquivos e os comentários inteligentes dos cronistas, vinham adquirindo realce, na evolução histórica, certas outras personalidades que merecem, — justo preito aos seus serviços e valor, — a consagração dos estudiosos de hoje.

Os dois Congressos de História realizados no Rio Grande do Sul, em 1935 e 1937, assinalam um incalculável progresso na indagação da marcha gradativa do povo riograndense.

A comemoração do movimento Farroupilha esmiuçou detalhadamente em livros, memórias, conferências, discursos, artigos de imprensa, — muitos desses, trabalhos de súbido valor, — o que foi a tradicional epopéia de 1835, as suas causas, seu desenvolvimento e repercussão no espírito do povo brasileiro. Foi preciso remontar à origem dos acontecimentos e investigar o meio cósmico em que eles tiveram efeito, as raízes remotas de sua formação, o processo lento da evolução de nossa gente, os fatores intrínsecos e extrínsecos influenciando sobre a mentalidade social e política da população; daí êsse belo monumento literário que perdurará através do tempo, porque iluminou-se deslumbrantemente o teatro de nossa História até a eclosão do glorioso movimento.

Não menos fecundo foi o de 1937. Novos clarões rasgaram as trevas que se haviam adensado em torno de acontecimentos tão remotos como os de 1737. A Colônia do Sacramento, com suas glórias e desastres, as lutas porfiadas com castelhanos, heroísmos esquecidos de comandantes e de soldados, injustiças de sentenças contemporâneas, bravuras imarcessíveis de homens e de povos, receberam à luz da inteligência e do senso superior da imparcialidade, a consagração da verdadeira História.

* * *

Continuo empolgado no assunto da formação inicial do povo de minha terra. Empenhado em contribuir, na escassez de meu esforço, para que se não detenha o admirável movimento atual de esquadrinharmos o passado para firmarmos com traços seguros, equânimes, inapagáveis, as linhas reais da marcha evolutiva do Rio Grande, trago para as páginas da Revista do Instituto, uma diminuta parcela para essa grandiosa obra.

O nosso Instituto e sua Revista são os mais sólidos apóios em que ela assenta. Seu mérito, valor e prestígio crescem avultadamente na proporção dos imensos serviços que vêm prestando à cultura nacional.

* * *

Rafael Pinto Bandeira foi o primeiro filho do Rio Grande do Sul cujo nome transpôs fronteiras e se encheu de fama. Foi o favorito da vitória nas lutas que os espanhóis nos trouxeram, na competição porfiada de guardarem para a sua bandeira as terras que os portugueses lhes iam ganhando numa ação lenta, perseverante, ininterrupta.

Tão grande foi a repercussão de seus sucessos que não só nos campos da América do Sul, onde Rafael praticava seus heróicos feitos, porém nos paços reais e aristocráticos de Lisboa, se falava de Rafael Pinto Bandeira com admiração e orgulho patriótico.

Esse nome de família, Pinto Bandeira, que recebera do pai, já o herdara aureolado pela glória. Era um patrimônio de honra, de bravura e de patriotismo. Francisco Pinto Bandeira, o pai do Brigadeiro, foi um soldado exemplar, de raras e superiores qualidades que se transmitiram ao filho.

Reciprocamente poderiam orgulhar-se: o pai de um tal filho, este de seu honrado progenitor.

A reputação de Francisco se fez por uma longa série de ações patrióticas e guerreiras, não constituindo simples episódios de sua existência, porém uma sequência ininterrupta de atos de cidadão e soldado, incansável, dedicado e intemerato.

Tenho citado o nome de Francisco Pinto Bandeira dezenas de vezes em meus estudos de história, lido em milhares delas.

Rafael teve em Alcides Cruz o escultor do monumento histórico que é aquele entusiástico livro que analisa e comenta a vida do Brigadeiro e que um dia se transformará no bronze ou no mármore imortais.

O pai, Francisco Pinto Bandeira terá no monumento definitivo do General e em alto relêvo, a consagração de sua glória, pelo filho que gerou como pelo exemplo que para ele foi: não só, também pela dedicação com que serviu na edificação e defesa da terra continentina.

Francisco Pinto Bandeira nasceu na vila da Laguna, no ano de 1701, conforme apurou o ilustre genealogista Aurélio

Pôrto, sendo seus pais José Pinto Bandeira e Catarina de Brito.

José Pinto Bandeira era português, natural de Valongo, bispado do Pôrto, exercia na Laguna o cargo de procurador da Câmara e sua espôsa uma das filhas de Francisco de Brito Peixoto, fundador da vila, com seu pai o benemérito vicentista Domingos de Brito Peixoto.

Muito cedo mencionam os documentos da época o nome de Francisco Pinto Bandeira ligado aos acontecimentos da terra riograndense. A 18 de Fevereiro de 1727 fora assinado no local onde atravessam as tropas de gados o então chamado rio de São Pedro e que é o atual desaguadouro da Lagoa dos Patos, um têrmo entre vários tropeiros obrigando-se a recrutar gados na Pampa da Vacaria, amansá-los e passá-los para o Norte do canal afim de serem incorporados à Fazenda Real.

Presidiu a lavratura do têrmo o Tenente General Davi Marques Pereira que alí fôra a mando do Capitão General de S. Paulo e seu texto está inserto nas páginas do segundo volume da "A Colônia do Sacramento", do Coronel Rego Monteiro. A 15 de Abril immediato, na Laguna, Francisco Pinto Bandeira lançava a sua assinatura no referido têrmo assumindo igual compromisso.

Daí se infere que foi êle um daqueles pastorejadores de gados que subiam dos campos do Rio da Prata e do Rio Grande conduzindo tropas para a Laguna e S. Paulo.

A figura impressionante de Cristóvão Pereira de Abreu sobressae no cenário daquela época e vêmo-lo remover-se ativamente da Colônia para a Laguna, para S. Paulo e para as Gerais na superintendência de seus importantes negócios de mercador de gados.

Acompanhando seus passos iremos encontrá-lo em 1727 afastando os tropêços criados pelo govêrno local da Laguna para a abertura da estrada que, galgando a serra, atravessaria os campos altos de Santa Catarina em demanda da vila dos Pinhais de Curitiba.

Pouco tempo mais tarde teremos o intrépido sertanejo percorrendo o precário caminho rasgado por Francisco de

Souza Faria, onde com um corpo de trabalhadores seus, durante treze meses, aperfeiçoou a estrada, desviou-a para melhor traçado dando-a franca e desembaraçada em 1732.

Ao lado de Cristóvão Pereira estava Francisco Pinto Bandeira. Temos documento que o comprova e que fala também do préstimo de sua atividade.

Carta de F. de Brito Peixoto ao Conde de Sarzedas.

“Laguna, 10 de Janeiro de 1733.

Exmo. Snr. O Capitão Christovão Pereira de Abreu me remetteu tres indios Tapes dos Pinhaes e serra e campos donde está mandando conduzir os seus animaes donde estão mais homens interessados tambem no que levam. Os ditos indios são fugidos das Aldeias dos Padres Castelhanos e estes que digo tem feito muito dano a furtar os ditos animaes das tropas que estão já nas ditas campanhas. E quem os apanhou é um FRANCISCO PINTO filho e natural desta povoação com que me resolvi a remetter a V. Exa. que me foi necessario envial-os ao Capitão Mor da Ilha de Santa Catharina para dali tambem o dito remetter a V. Exa. por mar ou por terra levando os ditos indios as suas familias, mulheres e filhos. E por ser assim necessario os botei já fóra desta povoação por fugir de alguma fuga que poderão fazer pela boa sahida que tem daqui para as campanhas e tambem por exemplo dos mais que assistem nas aldeias dos Padres e não ha duvida que é má gente e este que digo os apanhou com grande diligencia obrou neste tal serviço e vai nas tropas com alguns animaes seus para essa cidade e eu creio que se irá botar aos pés de V. Exa.

Laguna, 10 de Janeiro de 1733.”

* * *

Em pleno período de paz entre Portugal e Espanha, insidiosamente, D. Miguel de Salcedo, governador de Buenos Ai-

res, ameaça a Colônia do Sacramento e reunindo forte contingente de tropas regulares e índios das Reduções jesuíticas prepara-se para sitiá-la.

O general comandante da fortaleza Antônio Pedro de Vasconcelos recebe avisos oportunos dos perigos que se prenunciavam. Recorre aos governos de S. Paulo e Rio de Janeiro, fazendo-os conhecedores da gravidade dos acontecimentos que se avizinhavam e toma as medidas militares na órbita de sua capacidade.

Entre outras, destacou na região ao sul da foz do Rio de São Pedro um pequeno contingente recrutado por Domingos Fernandes de Oliveira e composto, ao que se sabe, dos esparsos exploradores do negócio de gados naquelas paragens.

João de Távora era um dos homens que compunham o grupo de Domingos Fernandes. Foi êle quem enviou para a Laguna o aviso de que os castelhanos haviam chegado às trincheiras da Colônia na inteção de a tomar.

Francisco Pinto Bandeira estaria também no destacamento de Domingos Fernandes porquanto foi êle o portador das cartas de Antônio Pedro contendo o aviso das ameaças de Salcedo.

Deprecende-se essa conclusão da carta abaixo, escrita por José Luiz Caldeira e Sebastião Luiz Bragança, capitão mor de Santa Catarina.

“Meu Senhor. Hoje que se conta o quatro de Dezembro recebi a de V. Mcê. e juntamente com ella o prego que vai para o Rio Grande de que logo o remetti e estando para fechar a carta de V. Mcê. chegou meu cunhado Francisco Pinto Bandeira com um terceiro prego para o Snr. Conde de São Paulo e outro para o Snr. Governador do Rio de Janeiro os quaes remetto pelos mesmos portadores que V. Mcê. remetteu e assim logo por serviço de V. S. e S. Magde. que Deus Guarde o remette logo e juntamente vai a carta que vinha para o Capitão Mor que serve de guia dos pregos.

Do mandado que meu cunhado conta está a Colônia com cerco ha dois mezes com 400 homens e 6000 tapes e já hão tomado todas as cavalhadas dos moradores das estancias: e das tres naus de guerra na Colônia . . . si esperando por cinco naus inglezas.

No particular da parte para a Serra já tenho avisado a V. Mcê. e tambem tenho avisado ao Snr. Conde. Hé o que se me offerece e o mais fico esperando as ordêns do serviço. Laguna, 4 de Dezembro de 1735. A Sebastião Luiz Bragança. O mais humilde creado José Luiz Caldeira.”

O desempenho da espinhosa missão que levou Francisco Pinto à Laguna foi providencial. As notícias de que êle foi portador transmitidas imediatamente às altas autoridades determinaram as providências salvadoras da Colônia.

De outro lado Francisco Pinto escapou ao destino do destacamento de Domingos Fernandes que, logo após a partida do emissário, foi atacado pelos espanhóis e aprisionados chefes e soldados.

* * *

Em sua correspondência com o Conde de Sarzedas, preconizava Antônio Pedro de Vasconcellos a conveniência de ser organizado, por Cristóvão Pereira, um corpo de tropa voluntária que, vindo para o Rio Grande, pudesse desenvolver a operação que fôra atribuida ao pequeno contingente de Domingos Fernandes, atacando com o maior vigor a retaguarda dos sitiantes da Colônia.

Efetivamente pôde Cristóvão Pereira realizar em parte a sua missão, reunindo um corpo de 160 homens formando quatro companhias que, em 4 de Fevereiro de 1737, estavam ocupando posições de vigilância ao longo do território que se estende entre o passo do Rio Grande e os rios Chuí e São Miguel.

Refiro essa data porque ela é a da carta em que Cristóvão Pereira relata ao Conde de Sarzedas os atos que até então praticara, carta que está no Arquivo de São Paulo e que copiei.

Quasi nos mesmos termos dessa carta é a que foi dirigida a Gomes Freire e está incluída no segundo volume da **A COLÔNIA DO SACRAMENTO** e copiada dos Verbetes de Castro e Almeida pelo Coronel Rego Monteiro.

Francisco Pinto Bandeira se alistava entre os companheiros e comandados de Cristóvão Pereira e desempenhava o posto de Capitão comandante da quarta companhia do Corpo expedicionário.

Foi bem cheia de incidentes e perigos a incursão dos homens de Cristóvão naquelas longínquas paragens. Procurou comunicar-se com a Colônia, lutou com os atacantes da praça, prestou socorros em víveres à esquadra do Prata, levou comunicações a Silva Pais do que interessava ao êxito da guerra e é de presumir, dadas a confiança e estima do chefe Cristóvão que Pinto Bandeira tivesse novas oportunidades de prestar bons serviços, tanto mais quando êle era bem conhecedor do campo das operações.

O comando e empresa de Cristóvão estavam, a 4 de Fevereiro, prestes a ter fim pois que a 19 do mesmo mês desembarcava na margem sul do canal da barra do Rio Grande o Brigadeiro José da Silva Pais com o seu contingente de oficiais e soldados para fundar uma nova colônia e as fortificações que garantiriam definitivamente a decisão do governo português de exercer a soberania e domínio no Rio Grande.

O Brigadeiro Silva Pais não se limitou a ocupar a margem do rio, pois, prosseguindo na exploração e conhecimento do território, descobriu a Lagoa Mirim e foi plantar além do rio S. Miguel o forte dêste nome, ganhando com essa construção centenas de léguas superficiais para Portugal e firmando novos e poderosos e indiscutíveis títulos para defender os direitos da nação lusitana àquele território.

A fundação do forte de São Miguel é um episódio cheio de acidentes onde se fêz a prova da energia e tenacidade do Brigadeiro e o denôdo e dedicação da gente que o acompanhou até àquela deserta região.

Foi um pugilo de homens excepcionalmente fortes que levou por diante o ousado empreendimento. Entre êles estaria Francisco Pinto Bandeira. Seu nome não vem escrito nos do-

cumentos que conheço, porém levam-me a essa convicção os fatos seguintes.

Pinto Bandeira era, desde muito, pessoa da absoluta confiança de Cristóvão Pereira, como vamos provando desde o início dêste estudo: Cristóvão acompanhou o Brigadeiro e seus serviços foram relevantes.

No mês de Agôsto de 1737 chegava ao Rio de Janeiro o Coronel Diogo Osório Cardoso trazendo consigo a ordem régia que mandava criar o Regimento de Dragões do Rio Grande. Vinham designados, do Reino e de Minas Gerais, alguns oficiais. Os claros seriam preenchidos pela escolha que fizesse o Governador Gomes Freire. Assim ocorreu e dos homens pertencentes à força que Cristóvão Pereira comandara e que estiveram sob vistas de Silva Pais, somente Francisco Pinto Bandeira mereceu a honrosa distinção de ser incorporado como Alferes na organização da nova unidade, preterindo mesmo os heróicos defensores da gloriosa Colônia do Sacramento na recente provação por que vinha de passar.

Conhecidas as altas virtudes de administrador e de soldado que formavam o caráter de José da Silva Pais temos de admitir que tão somente as qualidades e valor do Capitão de Auxiliares teriam cooperado para o grande destaque por êle alcançado.

Referindo-se a essa nomeação dizia Gomes Freire em carta a Antônio Pedro:

“Francisco Pinto Bandeira me seguiu o Brigadeiro José da Silva Paes repetidas vezes era capaz de muito maior emprego e se distinguiu muito entre todos os que ali serviam.”

Certamente que êsse elevado conceito adquirido pelo oficial de uma força irregular seria conquistado no desempenho de missões árduas e importantes. Não seria no trabalho rotineiro do quartel e da construção das obras de fortificação que as notáveis qualidades de Francisco Pinto se evidenciariam. Nessas condições é absolutamente de afirmar-se que ao partir para a penosa e arriscada empresa do levantamento do forte

de São Miguel, ao escolher as pessoas que o deviam secundar, levando como braço direito o forte Cristóvão Pereira, não teria Silva Pais deixado ficar Francisco Pinto o colaborador dêste e homem da própria confiança.

Não aceitou Pinto Bandeira desde logo a sua investidura como Alferes de Dragões. O fato é que em 2 de Janeiro de 1738 André Ribeiro Coutinho, o substituto de Silva Pais no governo do Rio Grande, escrevia ao Brigadeiro comunicando-lhe que Francisco Pinto se escusara do pôsto, não mais de Alferes, porém de Tenente de Dragões.

Reconsiderou, porém, de sua resolução e foi incluído no rol dos oficiais do futuro Regimento com o pôsto de Tenente. Trabalhador infatigável que até então fôra, pela terra riograndense, iniciava agora sob o pavilhão sagrado de sua Pátria a carreira de soldado, que viria a ser fecunda e exemplar.

* * *

Ao convulsivo período de atividade guerreira de 1735 a fins de 1737 segue-se um período tranqüilo de sossêgo e prosperidade para o Continente de São Pedro.

O povoamento de suas terras, o aumento de sua economia, o desenvolvimento do comércio, os cuidados que começou a merecer do governo do Rio de Janeiro deram, à nóvel conquista portuguesa, um vigoroso impulso.

As terras iam adquirindo valor, as estâncias formavam a base da prosperidade geral e as sesmarias eram distribuídas a todos aqueles que se vinham radicando no Rio Grande.

Antigo tropeiro de gados nos campos e travessias daqueles domínios, tinha o Tenente Francisco Pinto legítimo título a possuir uma gleba de terras.

No Arquivo de São Paulo encontrei os dois requerimentos que vou reproduzir nestas páginas, dirigidos à Câmara da Laguna:

“Senhores do nobre Senado. Diz o Tenente Francisco Pinto Bandeira, morador nas estancias do Rio Grande de São Pedro, districto desta Villa que elle supplicante, tem povoado uns campos que pela parte do Leste parte com João Diniz Alvares e pela d'Oeste com Antonio de Souza, pela do Norte com Manoel de Barros e pela do Sul com o mesmo Rio Grande, os quaes ditos campos tem elle supplicante povoado ha mais de dez annos com mais de mil cabeças de gados assim vacuns como cavallares e nelles tem feito umas bemfeitorias assim curraes, como casas e lavouras de que tudo paga dizimos a Deus e como de presente quer elle supplicante recorrer-se ao Exmo. Snr. General desta Capitania para os haver por sesmaria o que não pode a fazer sem informe de V. Mcês. em que nelle especifique o ser certo tudo o que o supplicante em sua petição allegue portanto P. a V. Mcês. sejam servidos assim mandar.”

Segue-se a informação favoravel da Camara assignada em 14 de Novembro de 1739 por Caldeira, Moreira, Quevedo dos Santos e Carvalho.

A carta de sesmaria referente a êste requerimento foi despachada em Vila Boa de Goiaz a 15 de Maio de 1740 pelo Governador de São Paulo Luiz de Mascarenhas.

“Senhores do nobre Senado. Diz o Tenente Francisco Pinto Bandeira, morador nas estancias do Rio Grande de São Pedro, districto desta Villa que elle supplicante tem povoado um campo que é a paragem chamada Guaixim Sapucaia nos campos de Viamão o qual dito campo parte com José da Costa da parte do Este com o rio do Sino a de Norte e Sul confina com o rio Gravatahy e seu sertão o qual dito campo tem elle supplicante povoado a mais de quatro annos e como o supplicante o quer por sesmaria haver do Exmo. Snr. General desta Capitania o que não pode fazer sem informe de V. Mcês. e em que

nelle especifique o ser certo o que o supplicante allega em sua petição, portanto P. a V. M. sejam servidos assim mandar. E. R. M.”

Segue-se a informação favoravel a 14 de Dezembro de 1739 e assignada por Caldeira, Moura, Quevedo e Carvalho.

O General da Capitania deferiu-lhe a carta de sesmaria em Vila Boa de Goiaz a 20 de Maio de 1740.

De seu irmão José Pinto Bandeira está arquivado em S. Paulo um requerimento dessa mesma época pedindo a informação da Câmara da Laguna sobre “uns campos em as estancias de Tremandy, cujos campos partem com seu irmão o Tenente Francisco Pinto Bandeira, correndo de Norte a Sul, pela parte do Norte partem com Manoel de Barros e pela do Sul com um arroio que divide os Palmares”. Também esta sesmaria foi concedida em 15 de Maio de 1740 pelo governador de São Paulo.

Emprega-se, portanto, a atividade do Tenente de Dragões, afora os seus deveres de militar, em constituir o patrimônio de terras, a estância que garantiria o futuro da família e a sua velhice tranqüila.

Nem todos os pretendentes à posse das terras, larga e generosamente distribuídas no Rio Grande, teriam títulos mais legítimos para possuí-las do que Francisco Pinto, como está bem e fartamente demonstrado nas linhas que vimos traçando.

Desde 1734 acompanhara êle o exôdo de sua parentela quando os descendentes e afins de Francisco de Brito Peixoto abandonaram o velho ninho da Laguna para vir radicar-se naqueles aprazíveis rincões do Viamão. Fôra êle tropeiro nas longas viajadas pelo litoral e pelo sertão conduzindo rebanhos para o povoamento dos campos lagunenses e para o mercado de São Paulo.

Prestara seu concurso dedicado para a defesa da terra ainda desconhecida que agora se desvendava e recebia exploradores de tôda a parte: justo seria que a Pinto Bandeira tocasse um quinhão compensador.

Entre os novos povoadores que se vinham entranhando no Continente se inscreveu a família de Antônio de Souza Fernando, antigo habitante da Colônia do Sacramento, a qual se havia transportado para o Rio de Janeiro e que Gomes Freire fizera descer para o Rio Grande onde aportou em 1738.

Com uma das filhas de Antônio de Souza Fernando e sua espôsa Apolônia de Oliveira, contraiu casamento o Tenente Pinto Bandeira. Em 16 de Novembro de 1740 nascia o primogênito do joven casal que foi batizado na capela de Jesus Maria José do Rio Grande de São Pedro, ⁽¹⁾ recebendo o nome de Rafael, o qual veio depois a ser o bravo guerreiro do Continente.

Ocupando as terras que povoara desde longa data, como vimos de seus requerimentos, Francisco Pinto organiza duas estâncias na margem direita do Gravataí. Entre essas duas propriedades se estabelece também seu sogro, que fica na Sapucaia e contíguo a segunda estância o campo de seu irmão José.

Comandando o Regimento de Dragões e exercendo a autoridade máxima em o novo estabelecimento militar se achava no Presídio desde 22 de Dezembro de 1740 o Coronel Diogo Osório Cardoso.

A normalidade da vida do Continente sofreu em o ano de 1742 um profundo sobressalto: o levante do Regimento de Dragões.

Havia cinco anos que os dragões do Rio Grande alí tinham aportado e nunca mais lhes chegara o descanso.

O inimigo próximo os ameaçava permanentemente, com as suas insídias, a sua superioridade e com aquele irreconciliável ódio castelhano.

Era uma tarefa infinita de levantar trincheiras, de construir muralhas, de transportar materiais escassos, de defender postos.

As guardas, as fachinas, os piquetes, as sentinelas... De dia aquela faina de construir, de noite a vigilância das armas.

(1) Pg. 429 do Vol. 29 das Pub. do Arq. Nac. — Notas de Aurélio Pôrto.

E isso sem tréguas, desde o primeiro dia do desembarque até aquela data, de 5 de Janeiro de 1742.

Os que desertavam viam-se obrigados a voltar, ou porque fôsem caçados nos extremos da vigilância da posição ou porque corriam o risco de morrer à fome ou nas mãos dos índios. Os que iam suportando tinham mais horrores a sofrer. Officiais e sargentos, não todos, porém, requintavam em crueldade naquilo que êles chamavam a disciplina.

Esbordoavam a pau os que lhes decaíam do agrado, chegando ao ponto de os aleijarem, ofendiam-lhes os brios humanos e a dignidade de soldados.

Iludiam a lei e enganavam os pobres exilados: aceitavam a substituição legal de alguns que assim poderiam regressar a seus lares e quando incorporado o substituto retinham um e outro.

Naquele degrêdo, em que tudo faltava, sonegavam os fardamentos e nem a importância que lhes correspondia e que lhes devia ser paga, ia sendo acumulada, era adjudicada aos seus donos.

Os soldos desde vinte meses deixaram de ser pagos.

Doentes e indo para o hospital, não tinham as dietas regulamentares, as quais eram desviadas ao sabor dos traficantes incumbidos de cuidar dos infelizes enfermos.

A êsse quadro de misérias e injustiças ajuntava-se a fome: desde cinco meses que nenhuma embarcação chegara ao porto, e a última trouxera mil e seiscentos alqueires de trigo, quando a muito já não havia pão.

Fôra-lhes prometido pagar a farinha vencida, integralmente, porém essa palavra não se cumprira. E como só houvesse carne, do gado abundante, dava-se-lhes, além dela, uma espiga de milho por dia e um abóbora para duas semanas!

Desgraçado o que reclamasse: a prisão, o calabrote estavam à sua espera.

Tinham sofrido demais. Bastava de injustiças, de misérias, de fomes, de aviltamento e maus tratos. Revoltaram-se.

Na véspera de Reis de 1742 os dragões e os demais soldados do Presídio decidiram não obedecer mais aos tiranos.

Não desertaram, não traíram, não exerceram vinditas, não derramaram sangue...

Conservaram erguida nas trincheiras a bandeira de sua Pátria, juraram dedicação a seu Rei, abandonaram, porém, a autoridade incapaz do comandante e exigiram dêste a restituição de todos os seus direitos recalçados e sonegados e o reconhecimento absoluto da justiça de sua conduta com a concessão de um perdão completo para o seu ato de rebeldia.

Em um detalhado memorial, expuseram os Dragões as suas queixas e o perdão lhes foi assegurado. Nesse memorial vem lançados os nomes daqueles superiores que esqueciam os seus direitos de homens e os seus deveres de chefes e arrasaram os martirisados soldados áquela extrema atitude.

O Tenente Francisco Bandeira não se inclui entre êsses, e, com o Tenente Barreto Pereira Pinto, teria sido um dos que cooperaram para o restabelecimento da ordem e da disciplina dentro dos quartéis do Rio Grande.

* * *

A política do govêrno português tomou novos rumos, finalmente, no que dizia respeito ao sul do Brasil.

Os acontecimentos militares, econômicos e diplomáticos que gravitavam em tôrno da posse da Colônia do Sacramento, indicaram à Côrte de Lisboa a oportunidade de graves decisões, importantíssimas que foram para o futuro da terra rio-grandense.

Foi primeira delas a introdução de famílias açorianas no povoamento intensivo de Santa Catarina e Rio Grande de São Pedro. Outra foi o Tratado assinado com a Espanha em 13 de Janeiro de 1750 pelo qual Portugal permutava a soberania na Colônia pela posse das Missões jesuíticas de aquem Uruguai, fazendo-se a demarcação dos domínios portugueses e castelhanos no continente americano.

Preparando a vinda dos açorianos El-Rei proclamava a Provisão de 9 de Agôsto de 1747 e assinava Feliciano Velho Oldenberg um contrato para o transporte de quatro mil casais do Arquipélago para a Ilha de Santa Catarina. ⁽¹⁾

(1) Ver o livro CASAIS, do General Borges Fortes.

Para a demarcação dos limites no extremo da fronteira brasileira removeu-se, a 19 de Fevereiro de 1752, do Rio de Janeiro, o ilustre Gomes Freire de Andrade, chegando ao Rio Grande a 7 de Abril seguinte.

A morosidade de comunicações e transportes, imposta pela deficiência da indústria naquela época, trouxe como consequência que os dois grandes desígnios do governo português viessem a se entrosar, ligando-se intimamente e transformando por completo a evolução riograndense.

Inicialmente, o povoamento açoriano destinava-se a desafogar o Arquipélago de um certo volume de população julgada excessiva para os escassos recursos locais, estabelecendo-a em uma vasta região vazia de gente e opulenta de possibilidades para os seus cultivadores.

O retardamento na execução dos projetos assentados fizeram-nos coincidir e predenrem-se intimamente. O povoamento do sul passou a depender da marcha da demarcação.

Os habitantes da Colônia eram destinados a ocupar as terras das Missões, com suas cidades, chácaras e estâncias criadas pela perseverante ação dos padres jesuítas. Em substituição da abandonada praça forte do Prata uma outra seria levantada em Castilhos Pequeno, nova sentinela avançada do poder lusitano e, a coberto dessa fortaleza, ficariam as terras onde se iriam instalando os povoadores açorianos.

Formariam tantos núcleos de sessenta casais quantos comportasse o território e onde melhor pudessem contribuir para o desenvolvimento econômico do país, vasto que era, desde o Uruguai, pelo Ibicuí acima e Jacuí abaixo, Lagoas até Castilhos.

Desenvolvendo-se acontecimentos de tão subida importância no cenário da vida riograndense, teria de aparecer necessariamente a personalidade de Francisco Pinto Bandeira.

Era êle o conhecedor perfeito da terra e da gente do Rio Grande; era soldado valente e “capaz de muito maior emprêgo” do que o de simples tenente de Dragões; freqüentes vezes provara já o seu devotamento ao serviço da Pátria.

Modestamente, como em tôda a sua vida, prossegue a ação de Francisco Pinto Bandeira. Não tardará o dia em que vamos

vê-lo pagar o tributo do sangue que todo o militar jura derramar na defeza de seu país.

A primeira incumbência que coube ao Tenente de Dragões quando Pascoal de Azevedo, comandante do Estabelecimento do Rio Grande e substituto de Diogo Osório Cardoso, providenciava sobre a distribuição dos Casais chegados ao Continente desde meados de 1752, a primeira incumbência que coube a Bandeira, repetimos, foi a de levar para o Capitão Francisco Barreto Pereira Pinto, comandante do arranhamento de ilhéus e mais pessoas que se achavam no sítio do Dornelles, a quantia de 640\$000 destinada à sustentação da mesma gente. ⁽¹⁾

Esta ordem foi datada de 29 de Maio de 1753.

Cumprida que foi, recebeu o Tenente Bandeira missão muito mais importante: foi incumbido de levantar na foz do Rio Pardo uma fortaleza para segurança daquela passagem contra possíveis ameaças dos índios de Missões.

“Em Rio Pardo havia-se levantado um fortim de taipa, sobre essa iminência precipite ao rio Jacuí, próxima à confluência daquele, cuja explanada indica a sua primitiva origem, e é atualmente conhecida por — **alto da fortaleza**: era a chamada fortaleza de Jesus Maria José, que obedecia ao mando de Francisco Pinto Bandeira.”

(Alcides Cruz — Vida de Rafael Pinto Bandeira. Pg. 20).

A minúscula fortificação erguida no rincão montanhoso onde demora a nossa tradicional cidade do Rio Pardo, defendida apenas por um contingente de 60 homens, foi o alvo buscado pelos índios das Missões, dirigidos pelos padres jesuítas, para demonstrarem aos governos ibéricos a sua disposição de resistirem por todos os meios à execução do Tratado de 1750.

(1) Ver CASAIS, pg. 126.

“A 2 de Fevereiro de 1754, trezentos e cincoenta guaranis, Tiaraju à frente, chegados às cercanias do reduto sem serem lobrigados, deixando os cavalos ocultos à margem direita do Jobi (1) sorrateiramente, a pé, surpreenderam pela madrugada (tendo matado dois negros, sentinelas avançadas dos portugueses) a fraca guarnição, que foi obrigada a defender-se renhidamente.

À princípio, dada a confusão resultante do insólito ataque os portugueses tiveram de recuar deixando 18 mortos, embrenhando-se fugitivos nas matas adjacentes. Enquanto os índios, descuidosos, se entregavam à pilhagem dos ranchos, aqueles reconstituíram-se rapidamente e os contra-atacaram impávidos, matando-lhes 22, ferindo-lhes 18.

.....
As nove horas da manhã fugiram derrotados, sob disparos de canhão.”

* * *

Parece-me provável algum equívoco do autor citado quando fixa em dezoito o número de mortos entre os defensores do Rio Pardo, comandados pelo Tenente Francisco Pinto Bandeira.

O DIÁRIO do Capitão Jacinto Rodrigues da Cunha, escrito quando se desenrolavam os acontecimentos da Campanha da Demarcação, refere o fato dizendo apenas que o Governador Pascoal de Azevedo escrevera uma carta a Gomes Freire manifestando “terem mil índios comandados por um Padre da Companhia seu, atacado um forte fabricado de novo no continente de Viamão aonde chamam o Rio Pardo em cujo ataque valorosamente pelejaram os nossos soldados destruindo os índios e fazendo a poder de fogo render as vidas a dezenove e em todos mui grande hostilidade cujo destrôço os

(1) Gen. Assis Brasil — Batalha de Caiboaté — Pg. 56.

obligou a fugirem, sendo a nossa perda de três pessoas e referidos sendo um o comandante o Tenente Francisco Pinto Bandeira com uma flexa no braço esquerdo.” (1)

(Pg. 157 do Vol. 16 da Rev. Inst. Hist. do Rio).

Entre os documentos que ilustram a obra recentemente publicada “A. COLÔNIA DO SACRAMENTO” do Coronel Rego Monteiro vem estampada à página 154 do II Volume uma carta de Luiz Garcia Bivar onde o mesmo successo é narrado a Diogo de Mendonça e onde se conta a vitória de Pinto Bandeira com sessenta homens e uma peça de artilharia, repelindo após um combate de quatro horas o ataque de mil índios.

Alcides Cruz, na obra a que nos temos referido sobre Rafael, baseando-se no DIÁRIO de Jacinto, só menciona a perda de três defensores do fortim e o ferimento por flexa do bravo comandante.

Sobre tal acontecimento encontro ainda as duas cartas de Gomes Freire publicadas na Revista do Arquivo Público Mineiro, ano de 1928. Uma é dirigida ao citado Diogo de Mendonça e dela transcrevo os seguintes períodos:

“A guarda da Fortaleza e Armazens, que mandei fazer assima de Viamão, como já avisei a V. Exa. em carta de 9 de Novembro, foi atacada por mais de mil Tapes capitaneados por hú Pe. da Comp. e não estando naquella parte mais que sessenta homens por não terem ainda chegado as Tropas, com que eu havia ordenado se reforçasse na supozição de poder intentar os Indios algum assalto, sempre foi em nosso favor o successo; pois matando-nos hum cabo de Esquadra, e ferindonos quatro pessoas, em que entrou o Tenente, que comandava aquella guarda, forão os Tapes obrigados a retirar-se com aselerada fuga depois de haverem entrado no Reducto, aonde deixarão 23 mortos, e

(1) A palavra “referidos”, que grifamos, é um êrro de cópia. O número de feridos foi de quatro, conforme se lerá no teor de outros documentos de que extraímos elementos para esta publicação.

se supoem hirem muitos feridos: o ditto Tenente Francisco Pinto Bandeira se houve nesta occazião com o mesmo valor que mostrou ter sempre; he merecedor de que em lugar de seu Capitão Pedro Pereira Chaves, por velho, e doente tem pedido o seu intertenimento, a Real grandeza de S. Magde. o honra no mesmo posto, que estimulará os mais officiaes a destinguiremse no Real serviço, concorrendo as circumstancias de que não no Regimento de Dragões quem lhe perfira, ainda sem o destinto serviço, que ao presente fez.”

(Pgs. 277 e 278 da Rev. Arq. Pub. Min.).

A outra carta, escrita a 15 de Abril de 1754, dois dias apenas após a data da que vimos de reproduzir, é destinada ao grande ministro Sebastião José de Carvalho e Mello, depois Conde de Oeiras e Marquês do Pombal. Repete o Capitão General, em relação ao Capitão Bandeira, seu valor e merecimento, o mesmo alto conceito que expressara na carta ao ministro de Ultramar.

Existe ainda um documento no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa, como se vê dos Verbetes de Castro e Almeida, publicados nos Anais da Biblioteca Nacional (Vol. L.) detalhando o número de quatro feridos.

A narrativa do autor é tão vigorosa, tão pitoresca, tão singela, que deve ser necessariamente bem verdadeira. Não posso deixar de reproduzi-la no trecho descritivo do ataque a Rio Pardo.

“Quinze legoas abaixo do Rio Pardo entra o Taquary e ahi forma Huma forqueta, distante da barra do Gaiba outras quinze legoas pouco mais ou menos, e por ser o logar adonde podem chegar as nossas faluas grandes; com approvação de S. Exa. tinha mandado o Governador fazer hum armazem para recebimento dos mantimentos das Tropas que para ali houvessem de fazer a sua marcha; recom-

mendando ao mesmo tempo se fortificassem e pözessem as couzas em estado de fiança.

Para esta diligencia foi nomeado João Gomes de Mello, engenheiro, o Alferes de infantaria José da Silva Mattos e ordem ao Tenente de Dragões Francisco Pinto Bandeira, que se achava em Viamão para com todos os Paulistas que na mesma parte residião e outros da mesma qualidade que se lhe tinhão mandado alistar, fosse escoltar os atravessadores e guarnecer o passo do Rio Pardo, por onde poderião ser surprehendidos no caso de que os Tapes se resolvessem a disputarem-nos aquelles campos de que já com os nossos gados estavamos de posse. Por conta do referido se pozerão 20 homens no Rio Pardo, ficando toda mais gente na forqueta; mas succedendo por ocazião de se hirem lavar alguns Paulistas ao rio, teve hum a curiosidade de passar á outra banda a colher frutas chamadas *girivás*, a tempo que se achava nesta curioza diligencia, lhe sahio hum Indio e sendo visto do Paulista, cada qual gritou pelos seus, lançando-se este ao rio que sem brevidade repassou e acudindo ás vozes os camaradas já então virão mais outro Indio montado a cavallo com hum grossa lança na mão e sem dar ouvidos aos que da nossa banda os chamavão pelo lingoa, em alguns fios de escaramuça, brandindo a lança e depois lançando da aljava algumas setas, as apresentava, ou fosse como dezaflío ou dar-nos a entender passariamos pelas suas armas, se nos não retirassemos daquelle posto e com estas vizagens se retirou.

Do referido se deu logo parte a Forqueta, a Viamão e ao Rio Grande e o Tenente com a maior força de gente que tinha na Forqueta se passou para cima, a esperar a rezolução daquelle negocio o qual foi na forma seguinte.

Passados 23 dias do encontro dos Paulistas, e os 2 Tapes na madrugada do dia 23 de Fevereiro

forão os nossos atacados por hum grande numero de Indios que segundo se julgou passavão de 1000 e persuadidos talvez a nos apanhassem descuidados, com effeito nos investirão, mas com tão mau successo, que depois de hum combate vigoroso que durou athé ás 9 horas da manhã, se retirarão deixando 19 mortos e á proporção muitos feridos, cujo numero se não póde athé o presente averiguar e só se supoem seriam muitos porque sendo visto hum matto adonde se fizerão fortes, nelle se achou copiozo sangue, ponches e muitas armas, depois de que os nossos ficarão senhores, por não faltarem troféos a victoria que ao depois nos poderião duvidar e dos Portuguezes morreo tão somente hum Paulista, ficando feridos o Tenente de Dragões de huma frecha em hum braço, hum cabo de esquadra de infantaria passado por ambas as nadegas com huma balla, e mais 2 paulistas de frechas.

Afirmão os officiaes daquella Legião de Tapes vinha commandada por hum Padre da Companhia o qual ainda se não sabe se foi ferido, e só que se fez a diligencia nas vezes que foi encontrado. Ao Tenente de Dragões Francisco Pinto Bandeira he que se deve o bom successo desta derrota pelo bem que dispoz a ocasião, pois os outros officiaes se não acharão nella, por estar o Alferes na Forqueta e o Ajudante ter passado a Viamão, dizem que a esperar a quaresma para se desobrigar.

Se os ventos contrarios não tivessem sido cauza de se demorar a falúa S. Vicente Ferreira em que hia o Capitão Fernando Leite Guimarães com 40 soldados, póde ser se achasse no conflicto, e que fosse maior o estrago dos Indios; o que lhe fizerão 2 peças de artilharia que incessantemente jogarão contra o matto foi grande, e se tornarem será muito maior porque se acharão com a gente que levou a do Capitão e com a companhia de Granadeiros do Regimento da Artilharia que agora vae a socor-

rel-os com o Sargento Maior Luiz Manoel e o Tenente Coronel de Dragoens Thomaz Luiz Ozorio que hoje 4 de Março, partio pela posta a ir-se incorporar com a nossa gente, pois se supõe virão os Tapes com poder maior a despicar-se.”

(Pgs. 515 e 516 do Vol. L. dos Anais da Biblioteca Nacional — 1928).

* * *

Desde que a Comissão mixta de Demarcação chegara com os trabalhos geodésicos a Santa Tecla, em 1753, havia José Tiarayu, chefe nominal militar dos povos das Reduções, apresentado um arrogante protesto contra a execução do ajustado entre as Côrtes ibéricas relativamente à entrega das Missões, dizendo serem os Índios os donos das terras e negando-se a abandoná-las.

Gomes Freire e Val de Lyrios, sem acatar o protesto, deliberaram protelar a marcha das operações de campo esperando que um trabalho de persuasão, por parte dos padres da Companhia de Jesús, modificasse a attitude assumida pelos Índios evitando-se as desgraçadas consequências que poderiam advir de sua resistência e rebeldia.

O ataque a Rio Pardo foi o cartel de desafio atirado contra os chefes militares. E' o primeiro episódio dessa cruenta Guerra dos Guaranís onde se consumou o sacrifício da raça com o desaparecimento do exército levantado pelos desgraçados habitantes das Missões.

Prevendo a possibilidade, vimos que tôdas as medidas de prevenção haviam sido tomadas por Gomes Freire e por Pascoal de Azevedo, para que se malograsse um ataque ao incipiente pôsto militar estabelecido por Pinto Bandeira.

Sabedor do que acabara de ocorrer em Rio Pardo, a 15 de Abril, escrevendo a Sebastião de Carvalho, Gomes Freire manifesta também receio de nova investida:

“Não hei tido té o presente noticia de que os Tapes voltassem segunda vez a attacar a referida guarda, e como sei está soccorrida só cuido em adiantar a minha marcha, que farei no dia 18...”

(Pg. 275 da Rev. do Arq. Pub. Min. — 1928).

A marcha a que alude o Capitão General é para o Rio Grande, de onde deve partir o seu exército, para, de combinação com o exército espanhol, investir decisivamente sobre as Missões e delas tomar a posse definitiva.

Efetivamente o fortim do Rio Pardo recebeu o esperado e novo insulto dos rebeldes.

O historiador de Rafael Pinto Bandeira descreve com proficiência os acontecimentos que se desenrolaram então.

“...no dia 28 de Abril nova expedição indigena surpreendia o povoado do Rio Pardo, ateando fogo numa rua que ardeu toda.

Na manhã do dia seguinte, 29 de Abril de 1754, tres esquadrões de assaltantes, assim de pé como de cavallo, commandados por Sepé e dous jesuitas, investiram contra a fortaleza, arremetendo por tres lados e com quatro bocas de fogo, das quacs eram duas de calibre 2 e as outras de 1.

Dessas investidas, uma arremeteu contra o baluarte da bandeira: chegados a 250 passos os atacantes desfecharam os seus tiros e flexadas. O forte despejou-lhes a artilharia com firmeza e successo, lançando-lhes o terror, constringendo-os a recuar, e tirando a vida a 6.

O commandante Osorio quiz aproveitar o pânico e logo poz-lhes em perseguição uma gentil guerrilha de dragões e granadeiros, que levava como cabo o tenente Pinto Bandeira, que de motu proprio se offerecera para a temeraria diversão. Na varzea alem do Rio Pardo, a acção tornou-se renhida e foi aprisionado o capitão indio que era o famoso Sepé

Tiarayu, e numeroso grupo de sequazes. Trazidos á presença do chefe Osorio, este generoso cabo pol-os em liberdade, depois de tratál-os com carinho e lealdade.”

(Alcides Cruz — Vida de Rafael Pinto Bandeira, Pgs. 21, 3 e 22).

Jacinto Rodrigues da Cunha precisa em 53 o número de prisioneiros feitos na refrega pelo Tenente Pinto Bandeira.

No mês de Julho, no dia 31, dêsse mesmo ano, assentou praça em Santo Amaro, onde estavam situados os depósitos do exército português, o filho de Francisco Pinto Bandeira, o seu primogênito Rafael, que viria a ser o primeiro riograndense que ostentou nos punhos gloriosos os bordados de general e exerceria também a alta investidura de governar a terra natalicia.

* * *

Em 24 de Agôsto de 1754 Gomes Freire reorganizou as tropas de seu comando e lançou-as em marcha na direção do território missioneiro.

Nessa reorganização Francisco Pinto Bandeira ganhou os galões de Capitão de Dragões, no Regimento que Tomaz Luiz Osório comandava.

Em 16 de Maio de 1750 o nome do Tenente Pinto Bandeira já figurava em proposta para êsse mesmo pôsto, enviada pelo governador do Rio de Janeiro para Lisboa e na qual eram também incluídos os nomes de Francisco Barreto Pereira Pinto e Antonio Pinto. (1) Foi escolhido pelo Rei o Tenente Francisco Barreto.

Não ficou o Capitão Bandeira no exercício de seu comando: outra investidura recebeu, qual a de comandar os Aven-

(1) Escrevendo de Rio Pardo ao futuro Marquês do Pombal a 17 de Fevereiro de 1755 Gomes Freire tem esta especial referência: “O Capitão Francisco Pinto mandou tirar a sua Patente, este official hé muito distincto, e utilissimo na forma de fazer a Guerra aos Indios, sobre cujos espiritos tem ascendente.” — Rev. Arq. Púb. Mineiro, de 1828. Pg. 313.

tureiros Paulistas que Cristóvão Pereira reunira e trouxera para o Rio Grande.

Esse corpo era formado de homens habituados ao rude trabalho de varar sertões e a sua bravura já fôra posta a prova nos combates em tôrno do Rio Pardo.

Cabia a êles a missão de abrir o caminho para as tropas, marchando na vanguarda do Exército. Como subalterno de Bandeira ficou o Alferes Antônio Pinto Carneiro, oficial cujo nome é uma tradição de grandes serviços ao seu país.

Estava perfeitamente indicado para o comando dos Aventureiros o Capitão Pinto Bandeira. Era êle também dotado das mesmas qualidades de sertanista, conhecedor do terreno que pisava, valente como os seus subordinados, esforçado como êles.

* * *

A marcha do Exército foi executada sob as vistas do inimigo, sempre próximo e ameaçador.

No dia 7 de Setembro, ao meio dia, chegou a vanguarda, onde sempre estiveram Bandeira e seus soldados, ao passo do Jacuí. Um destacamento de segurança em seguida transpõe o rio e nêle vai o Capitão Bandeira.

Em seu DIÁRIO o Capitão Jacinto Rodrigues narra um incidente que pôs em grave risco a vida do incansável vanguardeiro. Partindo para um reconhecimento com dois outros oficiais, certa tarde, ao chegar ao alto de uma coxilha, lhes saíram ao encontro inopinadamente 14 a 18 índios a pé e com suas lanças, obrigando-os a correr pela lomba abaixo até encontrarem a patrulha de Aventureiros paulistas que, acudindo logo, fêz fugirem os índios que se esconderam em um capão de mato.

O passo do Jacuí foi o ponto terminal do avanço do Exército nessa jornada. Pela operação combinada entre os dois chefes de missão, a marcha do exército espanhol se faria pela margem oriental do Uruguay e a do exército português pela margem do Jacuí, convergindo ambos sôbre as Missões.

A 12 de Setembro chegava ao acampamento de Gomes Freire um capitão castelhano com a comunicação de que o

seu exército fôra obrigado a recuar, não sendo, portanto, conveniente a progressão das tropas portuguesas.

Teve Gomes Freire de dobrar-se ao império das circunstâncias e voltou ao quartel de Rio Pardo conseguindo antes de abandonar o passo do Jacuí uma convenção com os índios que nos entregava sem restrições o território a leste desse rio.

Em meus obscuros trabalhos sobre a história do Rio Grande, tenho preconizado a fecunda significação da convenção do passo do Jacuí.

A radicação brasileira no Continente, iniciada com a passagem dos Lagunistas para os contrafortes do Viamão, progredira invariavelmente espalhando-se desde o Tramandaí até o São Miguel, a princípio, estendera-se depois pelas margens do Caí e Jacuí, alcançando a margem do Taquarí.

Com a ocupação do Rio Pardo pelo escasso destacamento do Tenente Pinto Bandeira a corrente lusitana atravessa êsse curso d'água e desenvolve-se a conquista do planalto serrano.

Essa obra rápida de infiltração se opera com um único instrumento, pacífico, sólido e irremovível — a Estância, isto é, a ocupação e aproveitamento do solo na exploração da indústria de criação dos gados.

Diogo Osório Cardoso autorizara as primeiras posses nos campos de Cima da Serra: em 1752 Gomes Freire distribuiu sesmarias a Pedro da Silva Chaves, Francisco Pinto Bandeira, Frutuoso de Araujo e Silva e José da Silva, ⁽¹⁾ adjudicando-lhes campos na Vacaria e nascentes do rio Taquarí: em 1754 são por êle confirmadas, em cartas de sesmaria, as ocupações de Cristóvão Pereira de Abreu, Antônio Corrêa Pinto e Francisco Carvalho da Cunha, tôdas sobre o rio das Tainhas e a de Francisco da Silva no Lageado de Santa Cruz. ⁽²⁾

A convenção com os caciques afasta tôda a inquietação sobre a mansidão e legitimidade dessas concessões e permite a distribuição de novas dádivas de terras, o que Gomes Freire executa amplamente abrindo por êsse modo mais largas vere-

(1) Francisco Pinto Bandeira vendeu esta sesmaria a Pedro da Silva Chaves.

(2) Ver Rev. Arq. Púb. Min., Anos de 1929 e 1933.

das para a radicação de nossa soberania no sul do Brasil e para o progresso da sua colonização.

Alimentada pela pertinácia dos mal aconselhados Índios, na sua resistência armada contra a decisão de seu soberano, a guerra recommençaria no ano seguinte, após a restauração das forças castelhanas.

No dia 15 de Dezembro as tropas de Gomes Freire abandonavam os seus quartéis, na vila do Rio Grande, e marchavam em direitura às pontas do Rio Negro, ponto designado para a sua junção com as comandadas pelo General D. José Andonaegui.

O encontro teve lugar no Sarandí, a 16 de Janeiro de 1756. Daí em diante marcharam as duas colunas paralelamente ob-
jetivando a região missioneira.

A 9 de Fevereiro defrontavam-nas as forças que os Índios haviam incorporado, na simulação de um exército, para combater contra a invasão de seus domínios e no dia seguinte, esgotada a longanimidade com que os comandantes europeus haviam até então temporizado, feriu-se a peleja que passou à história com o nome de Batalha do Caiboaté.

Esse trágico acontecimento mereceu, bem recentemente, sua rememoração no magnífico livro do saúdoso General Ptolomeu de Assis Brasil e no qual demonstra cabal e irrefutavelmente, o processo por que conseguiu restabelecer com precisão o local, onde se ferira a pugna, no município de São Gabriel.

A tradição permanecera; porém, como ocorrera com o campo da Batalha de Ituzaingo, perdera-se com o tempo a ciência exata do teatro da luta: tal como o fizera em Ituzaingo, Ptolomeu restabeleceu rigorosamente o campo da batalha e também o lugar onde pereceu o famoso Sepé Tiarayu.

Foi um sacrifício pungente dos intrépidos Índios, derramando inutilmente seu sangue, dizimados quase em número integral, ante o poderio das armas de seus antagonistas.

Aniquilada essa resistência, prosseguiram os dois generais sua marcha procurando um caminho através da Serra, que os levasse aos campos abertos do planalto onde os jesuítas haviam implantado as velhas reduções.

“Não havia nesses tempos uma passagem tolerável ao menos, que permitisse transpor a Serra dos Tapes, como por sua vez a chamavam os guaranis que a habitavam, e os portugueses.

Apenas poucas picadas, ou trilhos abertos na mata para o trânsito dos missioneiros, entre as suas estâncias ao sul do Ibicuí-mirim e Ibicuí, e a região de Cima da Serra.

Entre essas picadas havia duas (e não uma unicamente — a seguida pelos exércitos — como afirmaram vários historiadores: Bauzá, Gay, &) que pela situação dos Povos e estâncias a que deviam servir, atendendo às necessidades do custeio e abastecimento de gados, se tornaram mais dêles conhecidas e freqüentadas.

.....
Denominavam-se Picada de São Martinho e Picada de S. Xavier.

.....
A primeira foi aberta pelos Povos de S. Luiz, S. Lourenço e S. João; corta a Serra numa garganta prenhe de penhascos, formidáveis despenhadeiros, com a vantagem de ser estreita e atravessar somente o Ibicuí-mirim; tinha uma légua de extensão com um desnível — nesse espaço — de 400 metros.

.....
A segunda picada, feita pela gente de S. Miguel, corta a Serra Geral em contrafortes extensos, embora escabrosa, o é muito menos do que a outra.

.....
Os índios logravam atravessá-la com carretas; ao passo que na de São Martinho nunca o fizeram.

.....
Quando os comandantes aliados tiveram de decidir sobre o caminho a galgar a Serra, não disputavam, já o vimos, de elementos suficientes para

agirem concientemente, por não haver quem lhes informasse interessadamente a respeito.

Os missionários haviam, naturalmente, previsto ambas as soluções, isto é, a marcha por uma ou outra dessas picadas, certos, em qualquer caso, das inauditas dificuldades que se lhes anteporiam para vencer os tremendos embaraços, principalmente quanto ao transporte das carretas e da artilharia.”

(Gal. Assis Brasil — Batalha de Caiboaté. Pgs. 117, 118 e 119).

Procurando aproximar-se de sua linha de comunicações e reabastecimentos, estendida ao longo do curso do Jacuí, até o Passo de tão penosa recordação, Gomes Freire preferiu fazer a travessia da Serra pela picada de São Martinho.

Do livro de Assis Brasil passamos ainda para estas páginas o seguinte trecho pelo qual se poderá avaliar “o sacrifício despropositado, em que as perdas de homens e os onus decorrentes do esforço hercúleo não podem ser exatamente apreciados nos nossos dias.”

“300 homens trabalharam durante 19 dias (23 de Março—11 de Abril) a abrir e concertar caminho na abrupta serra. Mesmo assim constituiu verdadeira odisséia o cometimento da sua transposição: as deserções de soldados, muitos dos quais foram assassinados pelos guaranís, a mortandade e extravio da cavallhada e outros gados, as fadigas e estropiamento dos homens, foram conseqüências funestas da empreitada em que muitos perderam a vida.” Pgs. 119.

Nessa extenuante tarefa o corpo dos Aventureiros, sob o comando de Pinto Bandeira, rasgando as florestas e aplainando estradas para dar passagem ao pesado material dos exércitos, cooperou decisivamente.

Não só em tão árduos trabalhos valeram os infatigáveis sertanejos, porquanto a 14 de Abril tiveram de assaltar um troço de índios que os veio provocar e deixou, derrotado, um de seus oficiais morto no campo.

Só a 25 de Abril estava reunida em São Martinho a artilharia e carretama dos exércitos.

* * *

A 16 de Maio seguinte entravam os aliados em São Miguel, depois de terem destruído a resistência que lhes fora oferecida na passagem do arroio Churiebí, a curta jornada de São Miguel.

Esta povoação era a capital das Missões e o foco de onde irradiara a arrojada opposição que sofrera a convenção das novas fronteiras do Rio Grande. Um incêndio propositalmente ateado pela população que a abandonava, prejudicou-a grandemente.

Destruído o obstáculo que era a resistência de São Miguel, os demais povos das Missões desanimaram em sua atitude e entregaram-se sem luta. Sòmente o povo de São Lourenço permanecia hostil.

Um destacamento superior a mil homens, sob o comando do General Andonaegui, marchou de São Miguel para surpreender e tomar a povoação. A 17 de Agôsto Andonaegui desempenhava-se de sua missão, ocupando São Lourenço, onde fraquíssima foi a resistência de seus habitantes.

Nesse destacamento tomou parte o Capitão Francisco Pinto Bandeira.

Terminava-se com êsse acontecimento a Guerra dos Guaranís e preparava-se a oportunidade para o prosseguimento de execução do Tratado de 1750. As divergências, as dúvidas, a situação de espíritos haviam transformado completamente a opinião geral sòbre a conveniência de levá-lo a têrmo.

Aguardando a decisão de seu govêrno em Lisboa sòbre o conjunto de dificuldades que se amontoavam agora, Gomes Freire resolveu-se a regressar para o Rio de Janeiro, mandando voltar a seus quartéis as tropas que tão rudemente haviam

perlustrado as terras riograndenses e uruguaias, durante longos sete anos.

Curto foi o período que se seguiu após a campanha das Missões. Em 1761 o Tratado de 12 de Fevereiro derogava o de 1750 e anulava todo aquele imenso esforço pela demarcação das fronteiras dos soberanos de Portugal e Espanha no continente americano.

Logo após, a guerra foi declarada na Europa, entre as duas monarquias da Ibéria.

O aceso rancor que no fundo do coração de cada um dos povos peninsulares os dividia, alimentado pela existência daquela praça forte portuguesa da margem do Prata, ia de novo explodir, acarretando dolorosas conseqüências para o Continente de São Pedro do Sul.

Dom Pedro Ceballos, governador de Buenos Aires, impenitente inimigo de portugueses, inveterado na idéia que eram insubsistentes as pretensões dêstes ao domínio no Prata e no Rio Grande preparou o plano que devia lançar por terra a construção que lentamente haviam, lusitanos e brasileiros, radicado sobre a superfície do território riograndense e catarineta.

Com a retirada das unidades militares que o tinham acompanhado na campanha da demarcação de limites, Gomes Freire deixara o Sul inteiramente desarmado e a mercê do invasor, maxime quando êste viria comandado por um chefe de vigorosa envergadura como o era D. Pedro Ceballos.

Para si reservou Ceballos o ataque à Colônia do Sacramento e a expulsão dos ocupantes de todo o litoral do Rio Grande.

Havia ainda o Rio Pardo, com a sua insignificante fortaleza, porém com uma guarnição briosa e valente.

Sobre êsse objetivo, o Rio Pardo, mandou que descesse um numeroso contingente de tropas, sob o comando de D. Antônio Cattani, que estabelecendo-se em uma posição entrincheirada nas matas do arroio Santa Barbara, um dos afluentes do Vacacaí, aguardaria o momento oportuno para garantir o flanco esquerdo do exército invasor, atacando e arrasando a fortaleza de Jesús Maria José, do Rio Pardo.

O comandante desta praça teve conhecimento do golpe que se lhe preparava e por sua vez organizou o contra-golpe, o que realizou com brilhante êxito.

Coube ao Capitão Francisco Pinto Bandeira o comando de um forte destacamento composto de um esquadrão de Dragões e das tropas auxiliares que Gomes Freire fizera rapidamente convergir de Santos para o Rio Grande, mal se apercebera da iminência de guerra: sua missão foi atacar de surpresa o campo entrincheirado dos castelhanos em Santa Bárbara.

O resultado foi decisivo. Através das matas, no mais rigoroso silêncio, para evitar as suspeitas dos adversários, vários dias a fio levaram os paulistas abrindo caminho que os conduzisse ao flanco da posição visada, onde Cattani se acreditava garantido pela densidade da floresta.

No dia 1.º de Janeiro de 1763 Francisco Pinto Bandeira atacava pela frente com os seus Dragões a trincheira inimiga enquanto os paulistas, comandados pelo Capitão Miguel Pedroso Leite, caíam-lhes dentro das linhas, saindo de surpresa da mata que lhes encobria a galharda marcha.

“O resultado da surpresa foi o pânico e chacina dos espanhóis e índios que só uma preocupação tiveram, a de fugir a salvar as vidas, e seu comandante, D. Antônio Cattani, desperto pela gritaria, mal pôde fugir em trajes menores, a atestar sua falência de vigilância e sua incapacidade de mando, e o sol que nascia iluminou o campo de luta coberto de feridos e mortos, atestando a resistência por parte dos soldados e índios.

Copioso foi o saque, seis canhões, sendo quatro de bronze e dois de ferro, armas, nove barrís de pólvora, cunhetes de balas, apanhando os Dragões nos arredores 9000 cabeças de gado vacum e cêrca de 5000 cavalos, que todos foram levados para os campos de além Jacuí, depois de demolido o forte.”

(“Dominação espanhola no Rio Grande do Sul”, pelo Coronel Rego Monteiro, Pg. 42).

Descrevendo êsse mesmo episódio, glorioso para o Capitão Francisco Pinto Bandeira, acrescenta Alcides Cruz na Vida de Rafael, os seguintes conceitos, ao nome do bravo chefe:

“contumaz e inexcedível caudilho dêsses assaltos inesperados, imprevistos, onde a fúria e o ímpeto da agressão suprem tôdas as combinações e disposições, que por demandarem meditação e delonga e estudo, desprezam-se nesta maneira de guerrear, onde a astúcia e a prática também valem muito.”

Alcides põe em relêvo nessas linhas o valor do Capitão, pobre de cultura, sem estudo da arte da guerra, contrastando com os chefes adversos; soldado por temperamento, como temos demonstrado, guerrilheiro pela natureza das operações obrigadas pelo terreno, em que sempre pelejara, prudente e intrépido, perseverante na execução de um plano quanto atilado ao concebê-lo, Francisco Pinto Bandeira teve sempre a seu lado a vitória, falho embora do verdadeiro preparo de um cabo de guerra.

Mais uma vez se confirma nêle o velho e batido conceito de Camões sôbre a disciplina militar prestante, quando é feita a sua aprendizagem na constância da peleja.

Recolhendo-se ao Rio Pardo com os troféus da recente jornada, nova missão lhe foi reservada.

Ante o ímpeto com que os castelhanos de D. Pedro Ceballos vinham arrasando tudo desde a Colônia ao Rio Grande, ameaçando progredir, talvez até o Viamão, uma linha de resistência tratou o comandante de Rio Pardo organizar ao norte do canal do Rio Grande e Francisco Pinto Bandeira para lá seguiu com as exíguas tropas que foi possível reunir.

Localizou-se na Estância da Tratada e aí preparou-se para agir na defesa dos queridos lares do Viamão.

A derrota do Rio Grande se consumara. A linha de Santa Teresa e o forte de São Miguel caíram ante a superioridade do adversário. O tradicional Regimento de Dragões teve de dobrar-se à adversidade e assinar a capitulação de 19 de Abril de 1763.

O destino fôra generoso para com o Capitão Pinto Bandeira: ficando em Rio Pardo dera-lhe ensejo para a vitória contra Cattani e poupava-o ao desgosto de acompanhar seu chefe e camaradas nos dolorosos transe de Santa Teresa.

Desmoronara a tranqüilidade da vida feliz do Rio Grande, calcado sob o pé do inimigo, abandonado de seu govêrno, incapaz como se revelara para conjurar ou pelo menos atenuar as conseqüências desastrosas que os planos castelhanos despejariam sôbre aquela terra.

Tardias foram as providências de Gomes Freire para remediar o êrro a que o levava a sua boa fé, afastando da extrema fronteira do Brasil as tropas da Demarcação.

Mandou êle que de entre a população do Viamão se organizasse um corpo de ordenanças, dando-se para seu comandante o Coronel Félix José Pereira e cuja missão seria descer para a vila do Rio Grande a cooperar com o Coronel Tomaz Luiz Osório na defesa contra o exército invasor.

Félix Pereira foi de uma fraqueza criminosa: tomado de verdadeiro pânico não só faltou ao cumprimento de sua missão como arrastou seus comandados em tão triste atitude. Chegando ao Estreito com um escasso número de alistados, soube dos sucessos do Rio Grande e retrocedeu apressadamente, quase só, para procurar salvar bens privados que temia perder.

Buscando remediar a angustiosa situação que se oferecia a seus olhos, o Tenente Coronel Francisco Barreto Pereira Pinto recorreu para a nunca desmentida disciplina, valentia e prestígio do Capitão Francisco Pinto Bandeira, indicando-lhe o perigoso pôsto da Tratada que guarneceu com os Dragões do Rio Pardo e os remanescentes do corpo de ordenanças do desastrado Félix Pereira.

A estância da Tratada demora a quatro léguas do Rio Grande, do lado Norte do Canal da Barra e fica na parte mais estreita da língua de terra que separa as águas da Lagoa dos Patos das do Atlântico.

Era pensamento de Barreto aproveitar essa situação topográfica para alí formar a base de operações futuras para a expulsão do exército de Ceballos, contando para isso com os recursos que lhe prometia o govêrno do Rio de Janeiro.

A presença da pequena fôrça de Bandeira demorou a progressão dos castelhanos, sustada daí por diante com a chegada da notícia oficial da paz assinada na Europa a 10 de Fevereiro de 1763.

* * *

O governador do Rio Grande, Inácio Eloi de Madureira pouco tempo sobreviveu ao infortúnio que o acabrunhava: morreu em Desterro a 26 de Janeiro de 1764.

Entregara êle o govêrno em Agôsto anterior ao Tenente Coronel Luiz Manoel da Silva Pais, mandado especialmente ao Rio Grande, pela Junta Governativa do Rio de Janeiro “para a Guarda do Norte a rebater o orgulho castelhano”.

Chegado à sede de seu comando, escreve Silva Pais para o Rio, em 24 de Agôsto:

“Eu me acho occupado na divisão da Estância das Tratadas e Thesoureiro, que é onde achei o Capitão Francisco Pinto Bandeira, que é só o que nestas partes tem obrado com zelo e actividade, e fico distante do Rio Grande quatro leguas, pois é onde achei este acampamento: e tenho uma guarda em Capororoca, distante daqui uma legoa, e os castelhanos a tem daqui a legoa e meia, nas casas do Thesoureiro, que tanto se tinham avançado, e estariam em Tramandahy se o Capitão Francisco Pinto Bandeira os não impedira, e ha ordem de parte a parte para se não communicarem, pois assim o requereu o General D. Pedro Ceballos, e me seguram este marchará para a Colonia a 21 deste.”

Pelo que concluía a Côrte de Lisboa, no estudo do Tratado de paz, o Rio Grande deveria ser restituído à soberania portuguesa: não pensou assim o General castelhano e se manteve firme na occupação de tôdas as posições tomadas a fôrça de armas, ao sul e ao norte do canal da Barra.

Essa enérgica atitude provocou a reação do governo português que tratou de tomar tôdas as medidas tendentes a promover em momento oportuno a expulsão dos espanhóis das terras riograndenses.

Foi seu primeiro ato a nomeação do Coronel José Custódio de Sá e Faria para Governador do Continente do Rio Grande de São Pedro com ordens secretas para o desempenho daquela missão, a eliminação do ocupante intruso.

José Custódio chegou ao Viamão a 16 de Junho de 1764 e, “empossado no governo, seu primeiro cuidado foi o estudo das relações existentes entre espanhóis e portugueses e dêle viu a posição de inferioridade militar em que estavam seus administrados.” (Pg. 124 da “Dominação espanhola no Rio Grande”, Coronel Rego Monteiro).

Este autor analisa detalhadamente a situação política e militar durante o período inicial das providências que vieram a terminar somente em 1776, quando também a força de armas, foi possível a redenção do território riograndense. De sua obra extraímos ainda os seguintes trechos que interessam à narrativa que vimos desenvolvendo sobre o heróico Capitão Bandeira.

Escrevendo sobre a ação de José Custódio prossegue Rego Monteiro:

“Viu bem que a situação de paz era aparente, pois como mais fortes, impunham os espanhóis, e constantes eram as reclamações surgidas em tôdas as fronteiras; e atendendo a mais seriamente ameaçada, que era a do Estreito, a linha convencionalizada a 6 de Agôsto de 1763, quando da estabilização das forças em luta, resolveu a construção de um reduto em uma das extremidades dela, onde já era o acampamento, à margem da Lagoa dos Patos.

E assim surgiu a 7 de Agôsto de 1764, o reduto de São Caetano da Barranca, construído como os da época, de torrão, estacas, faxinas e armado com canhões de ferro de quatro libras, que então possuíam, e capaz de ser armado com 16 peças; fa-

zendo mais tarde outro no Taquarí, capaz de receber 20 canhões, construído de terra socada, a defender a incipiente povoação de S. José do Tebicuarí.

Ao capitão Francisco Pinto Bandeira, a quem entregou o comando do Forte de S. Caetano e fronteira do Estreito, enviou a 27 de Fevereiro de 1765, instruções recomendando todo o cuidado, dizendo:

“ todo o fim de se conservar êste quartel com
“ a tropa, que nêle existe, não é outro que o de
“ evitar as desordens que os espanhóis podem cometer no nosso e contra os vassallos de Sua Magestade dentro dos limites do mesmo quartel para
“ que não agravem os vizinhos; e como êste é o fim,
“ fica clara a obrigação que Vossa Mercê tem na
“ comandância do mesmo quartel, que se há fiado
“ na sua conduta, evitando uma e outra ruína.”

(Pgs. 124 e 125 de “Dominação Espanhola”).

Ainda desta vez o veterano vanguardeiro ficava no seu pôsto de honra; estava alí enfrente do tradicional adversário, pronto para receber o seu primeiro ataque, se como tantas vezes acontecera, inopinadamente decidisse agredir os confiantes soldados de Portugal e Brasil.

Seus chefes e comandados sabiam bem que Pinto Bandeira não toleraria insultos às suas armas.

E ali teria ficado.

Importantes sucessos se desenrolam nos tempos mais próximos: prepara-se silenciosamente uma tentativa de assalto ao Rio Grande e a base da organização dos elementos de ataque é o forte do Capitão Pinto Bandeira.

No dia 29 de Maio de 1767 desencadeia-se o golpe, desgraçadamente frustrado. O Coronel José Marcelino de Figueiredo não pôde realizar a tomada dos fortes castelhanos ao sul da Barra, porém, poucos dias depois, a 5 de Junho, tôda a margem norte estava limpa de espanhóis, restituída às tropas vitoriosas, em nova investida.

Os antecedentes do Capitão Bandeira nos autorizam a crer que não ficasse êle inativo diante de tais acontecimentos.

Sua posição no comando do forte oferecia ensejo para uma colaboração eficiente em todos os preparativos para a colheita daquele promissor resultado.

Não encontramos citação nominal do que cada um fêz: quebrando a paz e rompendo com as convenções estipuladas, o governo português fazia crer que a ação de José Custódio, atacando os castelhanos, contrariava as suas ordens. Devia ser guardado sigilo sobre o que se passara.

* * *

A 15 de Junho de 1771, em Rio Pardo, que ajudara a surgir, naquela soberba façanha de 1754, morreu o infatigável trabalhador do Rio Grande Capitão Francisco Pinto Bandeira. E', porém, como

aqueles que por obras valorosas
se vão da lei da morte libertando.

Seu nome vive palpitante nas páginas de glória da história continentina.

Alcides Cruz afirma que

“Por último foi êste bravo, insigne precursor das gerações de heróis que o sucederam, promovido a coronel do têrço de auxiliares de cavalaria ou regimento auxiliar do Continente do Rio Grande de S. Pedro.

Infelizmente o brioso guerrilheiro e sertanista gozou pouco tempo da justa e honrosa nomeação.”

Exígua recompensa, sem dúvida fôra essa: exígua e tardia. Talvez emanada do governo do Rio Grande quando declinavam as forças e energias do grande soldado para poder arcar com as vicissitudes do serviço.

Tardio também o reconhecimento do Rei e da Côrte. Na notável publicação feita pelo P. Geraldo Pauwels, meu presado amigo, na Revista do Arquivo de Pôrto Alegre no ano de 1930,

sôbre a Devassa do Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, está inserta uma carta do Marquês do Pombal ao Marquês do Lavradio, tratando especialmente do Regimento de Dragões e dos seus indefessos servidores — Francisco Barreto Pereira Pinto e Francisco Pinto Bandeira.

E' indispensável a sua reprodução:

“Este Corpo de Dragões se deveria completar, porque me parece estar muito diminuto: Verdade he, que se conta muito sobre o Seu Commandante, que he o Major, ou Tenente Coronel Francisco Barreto, que governa tudo naquellas paragens, constando-me que o Conde de Bobadella tinha determinado mandar-lhe a Patente de tal Character pelo seu prestimo, zelo do Real Serviço, e desinteresse, contando-se muito tambem sobre a pessoa do Capitão Pinto Bandeira, homem valerozo, ao qual se deve em primeiro lugar duas vezes o Rio Pardo; em hua foi ferido, fez muitos relevantes Serviços nas Campanhas das Missões; e ultimamente depois da declaração de Guerra contra os Castelhanos, surprendeo duas vezes os ditos Innimigos; a primeira he a fortificação, que estavam erigindo muitas Leguas distante do Passo do Jacuy, na qual lhes apanhou seis peças de artilharia, e Petrechos pertencentes aos ditos Castelhanos; matou muita gente, fugindo-lhe somente o Capitão Caetano com alguns Dragões, e Indios; e na segunda Levou quasi toda a Missão de Indios (pouco mais, ou menos) trezentas familias, e não sei quantas mil cabeças de Gado, isto hé Boys, e Vacas...

O mesmo deve o dito Tenente General praticar a respeito do Valorosissimo Capitão (que era na Guerra do Conde de Bobadella) Pinto Bandeira, e de seu filho, e digno Successor Rafael Pinto Bandeira, que em trez de Janeiro proximo precedente destruiu o Corpo Castelhana Commandado pelo Capitão Dom Antonio Gomes junto ao Rio Piquiri.

Logo que chegarem os referidos Papeis, serão os sobreditos Despachados sobre a informação que V. Exa. mandar com elles assim da graduação, e estimação comum, em que os Sobreditos se acham actualmente, como dos despachos, que lhes serão bem mais acceitos: Isto he: ou de Habitos de Christo com tenças, ou de Foros, tendo os meios necessarios para Sustentarem a decencia delles, ou de Alcaydarias Mores dos Lugares por elles conquistados e restaurados; erigindo-se para esse effeito em Villas, cujos nomes se lhes dem por Appelidos, e Solares das Suas respectivas Familias.

Em ordem ao mesmo fim hirá o dito Tenente General remettendo a V. Exa. para passarem logo a esta Corte, as Relações dos Serviços, com que cada hum dos Sobreditos se for distinguido... Deus guarde a V. Exa. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 8 de Agosto de 1774."

(Pgs. 388 e 389 da Rev. do Arq. Púb. do Rio Grande. Anno de 1930).

Não regateara jamais o seu esforço aquele Valorosíssimo Capitão. Só depois de desaparecido lembrava-se o govêrno português de premiar os seus serviços.

Pensava criar uma aristocracia...

O clima da América não é saudável para essa planta. Se vivo fora, é certo que Pinto Bandeira não mudaria a côr de seu sangue. Barreto continuou sem alterá-la: e nunca tiveram sangue azul os Bandeirantes e os heróis que defenderam Pernambuco e a Baía contra os Holandeses.

* * *

Relanceando a vista sôbre a ação de Francisco Pinto Bandeira vamos encontrá-lo sempre em uma situação modesta, aparentemente secundária, se atentarmos para os estreitos galões que ornamentam os seus punhos honrados.

E' simplesmente e sempre o Capitão Francisco Pinto. E no entanto as páginas de nossos fastos militares ao tempo de

sua existência salientam com vivo relêvo a sua personalidade que foi verdadeiramente, a de um heróico servidor de nossa terra.

Civil, nos primeiros anos de sua existência, aparece o seu nome como auxiliar prestimoso e capaz de iniciativas ao lado do grande criador que foi Cristóvão Pereira de Abreu.

Anda Francisco Pinto pelo planalto catarinense e paranaense na faina de afeiçoar a estrada que ia trazer para o Rio Grande a prosperidade e ligá-lo aos destinos do Brasil.

Ei-lo, ainda, empunhando a espada na defesa de sua terra de coração, ao lado de Domingos Fernandes e João de Távora, antepondo-se aos legionários de Buenos Aires, do comando de Castilhos, e logo atravessando a todo galope as dunas brancas do litoral, campinas e rios, para levar a tôda a pressa, o angustioso apêlo de Antônio Pedro de que dependia a salvação da Colônia do Sacramento e a honra do pavilhão que tremulava sôbre as suas trincheiras.

Monta guarda na entrada do Rio Grande em 1737 e ajuda na conquista de São Miguel, formando no pugilo abnegado que o Brigadeiro José da Silva Pais levou sob o seu comando direto.

Militar, incorporado ao Regimento de Dragões, recebe as missões mais árduas na evolução dos acontecimentos e as desempenha sempre briosamente.

Vai para Rio Pardo como vanguardeiro do exército de Gomes Freire e não larga mais essa honrosa tarefa, sempre na frente das tropas. Está na vanguarda em Rio Pardo, no Jacuí, na campanha, na subida da Serra, nas Missões.

Bate-se com o inimigo e o vence quando se defrontam. Assim na Tranqueira do Rio Pardo, no passo do Jacuí, em São Martinho, em São Lourenço e em Santa Bárbara.

Não escolhe posição: vai para o ponto que lhe indicam e aí sabe cumprir o seu dever, serenamente, com bravura, com sensatez e com lealdade.

Nas fileiras, onde se contam grandes figuras militares, como Fernandes Alpoim, Miguel Blasco, Cardoso de Menezes, Tomaz Osório, Inácio de Almeida, Pascoal de Azevedo, além de Silva Pais, André Ribeiro e o próprio Gomes Freire, grandes por suas patentes, pela cultura, por sua inteligência e pe-

los seus feitos, aparece também a figura de Francisco Pinto Bandeira. Seu nome surge a cada página no desenrolar da vida durante o período em que aqueles salientes vultos passaram pela história do Rio Grande.

Entretanto era êle singelamente um capitão, nascido, criado e vivendo sempre na remota fronteira de sua Pátria, pobre de instrução.

Tinha as virtudes excepcionais de um bravo soldado e um patriotismo vivaz.

Na mais angustiosa crise por que passou o Rio Grande, no duro revés que sofreram as armas portuguesas no terrível ano de 1763, quando murchavam os louros que os Dragões haviam conquistado desde os seus primeiros dias, a honra do Regimento era salva pelo Capitão Francisco Pinto Bandeira.

Já havia êle enriquecido a fama dos Dragões com a vitória de Santa Bárbara e à frente de seu velho esquadrão veio para a Tratada, onde, espada em punho, retém os castelhanos audaciosos e sedentos de sangue.

Ao abrigo daqueles poucos bravos ficam os lares sagrados do Viamão onde se viera acolher envergonhado o governador que não soubera honrar o pôsto. Era uma fraca linha de soldados, forte porém pelo chefe que a comanda: lava-se ali o escudo brilhante do Regimento de Dragões da mancha de Santa Teresa.

E fica o Capitão no seu pôsto, fiel à sua tradição e ao seu destino: defender a terra riograndense.

* * *

Morreu o lutador.

Não se extinguiu sua fama e nem o seu nome. Aquela está gravada nas fôlhas de nossa história. O nome perpetuou-o o filho Rafael Pinto Bandeira, continuador da legenda de bravura e amor à Pátria que formara o estóico Capitão Francisco Pinto.

Se a fama do Brigadeiro atingiu as culminâncias da glória imortal, não menos elevadas são as glórias paternas.

Alcides Cruz, o historiador do Brigadeiro, legou-nos um belo livro consagrando à Vida de Rafael Pinto Bandeira e nêle

esculpiu a traços indeléveis as duas empolgantes figuras do pai e do filho.

Inspirado no mesmo sentimento de admiração pela notável personalidade de Francisco Pinto Bandeira, que, em relação ao filho animou Alcides, admiração que brotou vendo passar sob meus olhos tantas vezes aquele nome honrado, encerro estas páginas.

Possam elas impressionar os meus patrícios, elevando em seus corações o preito de reconhecimento que nossa terra deve ao modesto e benemérito batalhador.

Rio, Setembro de 1937.

Adagiário gaúcho

pelo dr. VITOR RUSSOMANO

O provérbio “essa incrustação secular do gênio coletivo...”

ENRICO FERRI.

As idades passam, as civilizações desaparecem, os heróis mais grandiosos caem no olvido, apagado o seu fulgor duma rápida hora de auréola; só o adágio vive, perdura e atravessa vitorioso o rodar constante do tempo.

DR. AGOSTINHO FORTES

¿Quién lo dijo? Lo dijo la experiencia por la boca de cien gauchos viejos curtidos a guascazos en las perreñas de la vida. Y cada uno construyo un versiculo y de su conjunto nació la Biblia nuestra, de autor anonimo, como todos los libros sagrados, producto de la sabiduría popular, que es la suprema sabiduría.

JAVIER DE VIANA.

(“La Biblia Gaúcha”)

Muita gente anda no mundo sem saber pra quê: vivem, porquê vêm os outros viver. Alguns aprendem à sua custa, quase sempre já tarde para um proveito melhor. Eu sou dêsses.

P’ra não suceder assim a vancê, eu vou ensinar-lhe o que os doutores nunca ham de ensinar-lhe por mais que queimem as pestanas deletreando nos seus livros.

JOÃO SIMÕES LOPES NETTO.

(Contos gauchescos e lendas do Sul)

VITOR RUSSOMANO

Dentre as inteligências moças do Brasil, Vitor Russomano distinguia-se não só pelo talento, como pela envergadura moral.

Homem de princípios, levava, sempre a sério os empreendimentos que lhe eram cometidos ou a que se entregava.

Foi, sem favor algum, quer como cidadão, quer como político, de uma inteireza de caráter bastante rara especialmente nos velhos meios políticos profissionais onde a corrupção era uma espécie de norma, de orientação “espiritual” do indivíduo.

Vitor Russomano fazia política unicamente por convicção partidária e não por profissionalismo ou... cabotinismo.

Daí o grande prestígio de que gozava entre “gregos e troianos”, e a grande admiração que todos lhe votavam, prestígio e admiração de que foram prova as sessões da Câmara dos Deputados e da Assembléia Legislativa do Estado imediatamente após seu falecimento, em Caxias.

Alma grande, coração generoso, Vitor Russomano jámais quis mal a quem quer fôsse. Mais de uma vez ouvimo-lo declarar:

— A política jámais me separará de meus amigos verdadeiros.

De seu esplêndido talento muito esperava ainda o Rio Grande do Sul e o Brasil. Infelizmente a morte o arrebatou antes de iniciar êle a grande obra que tinha em mente escrever e que seria, em verdade, um monumento nacional: A História das instituições políticas brasileiras...

*

* *

A 12 de outubro de 1890 nasceu, na cidade de Pelotas, Vitor Russomano de família pobre mas honrada e inteligente, pois eram seus pais o sr... Frederico Russomano e dona Carmela Russomano, naturais da Itália.

Matriculado no Ginásio Pelotense, recebeu, aí, em 1908, o título de bacharel em Ciências e Letras, tendo sido o orador da turma.

Revelava-se já, nos bancos ginasiais, o orador magnífico, fluente e correto, que depois foi.

Embarcou, em seguida, para o Rio de Janeiro matriculando-se na Faculdade de Medicina, colando grau com a brilhante tese *A História Natural do Educando*.

Para a política ingressou, como Conselheiro Municipal, em Pelotas, nas legislaturas de 1914 e 1922.

Após, eleito deputado estadual, permaneceu na Assembléia Legislativa até 1930, data em que foi dissolvida pela revolução de 1930.

Em 1933, eleito pelo Partido Republicano Liberal à Constituinte Federal, portou-se admiravelmente.

Em 1934 foi novamente eleito deputado federal pelo Rio Grande do Sul, mandato que exerceu até sua morte.

Na Câmara dos Deputados era, Vitor, presidente da Comissão de Transportes e Obras Públicas.

Em 1936 formou-se em direito pela Faculdade de Direito de Pelotas, tendo sido laureado e escolhido pelos colegas orador da turma.

Foi professor de filosofia e história da civilização no Ginásio Pelotense, de higiene no Instituto Técnico Profissional e na Faculdade de Farmácia e Odontologia, ambos de Pelotas.

Ainda nessa mesma cidade exercia as funções de médico interno da Santa Casa de Misericórdia e da Beneficência Portuguesa, tendo sido ex-delegado de Higiene, em Pelotas e, quando faleceu era Diretor da Diretoria de Higiene daquela cidade.

Fazia parte da Sociedade de Medicina, do Rio de Janeiro, da de Porto Alegre e da Liga Brasileira de Higiene Mental.

Em março de 1937, eleito para a Academia Rio-Grandense de Letras, não chegou a tomar posse pois a morte o colheu quando para tal se preparava, a 20 de setembro desse mesmo ano, em plena campanha eleitoral.

Na noite de 19 daquele mês, inscrito para falar no comício de Caxias, disse, no microfone, suas últimas palavras, palavras em que já se faziam notar os efeitos do insulto cerebral que o fez abandonar, nos braços dos amigos, a tribuna, vitimando-o, horas depois, isto é: na madrugada do dia 20.

Morreu silenciosamente, serenamente, porque morria na grande data do Rio Grande, desse Rio Grande que ele tanto amava e tanto estremecia e pelo qual se atirara nas lutas partidárias...

Morreu deixando em tórno a si a saudade, a dor, a tristeza... e, a chorá-lo, a espôsa estremecida, dona Elda Costa Russomano e os filhos que eram todo o encanto de sua vida: Rosa e Mozart Vitor.

*

* *

Legou-nos Vitor Russomano poucas obras tôdas, porém, de grande mérito: *A escravidão social da mulher*, seu livro de estréia recebido com os maiores encômios; *A História Natural do Educando*, tese para a colação de grau em medicina, aprovada e com elogiosas referências de seus mestres. E mais tarde, dedicando-se aos estudos de direito, escreveu a *História Constitucional do Rio Grande do Sul* (1932), obra magnífica, obra de mestre, que lhe abriu, de par em par, as portas do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Deixou, prontas para o prelo: *Elementos de pedagogia* e *Adagiário gaúcho*, obra esta que o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, em homenagem a seu ilustre e saudável membro correspondente, hoje divulga nas páginas de sua Revista, honrando-se, com isso, imensamente.

É o ADAGIÁRIO GAUCHO obra de fôlego e única no gênero, no Brasil.

O “adágio”, “anexim” ou “sentença”, é dessas criações populares que deixam claramente à mostra a inteligência, o tino, o tacto de um povo nos diversos gêneros do conhecimento humano. Tratam de tudo e, geralmente, com grande acêrto.

Produtos da observação, verdadeiras criações cerebrais, muitos dêsses adágios honrariam a assinatura das maiores sumidades no gênero de que tratam: medicina, sociologia, direito, astronomia, política, etc.

Vitor Russomano reunindo inteligentemente êsses adágios gaúchos e inteligentemente os anotando e comentando, prestou relevante serviço às letras nacionais.

(Redação).

Prefácio

Outra cousa não é este livro que um estudo, ou melhor, um *trabalho preliminar*. Bem sei que Joaquim Ribeiro, no seu ensaio sobre o folclore brasileiro, demonstra não ser objeto exclusivo d'este o colecionar tradições, sendo o folclore uma ciência com as suas teorias e seus métodos. Não sendo científico tal trabalho, é considerado, no entanto, "indispensável" ao folclore de um povo.

Que outros mais competentes tomem a si o encargo dêsse estudo. Diante disso, não espere o leitor encontrar, aqui, obra definitiva, o que seria superior às nossas forças intelectuais.

A matéria é das mais árduas. Procurar a origem dos adágios que colecionamos, seria mergulhar na noite dos tempos, percorrer regiões, onde não entra um raio sequer da luz solar do raciocínio humano.

Por outro lado, esse assunto é como que um tecido de muitos fios diferentes, em cuja confecção entram inúmeros elementos. Des-tringá-lo é quase impossível. Os elementos de formação dos adágios não são simples. Além disso, a colaboração, o transporte, a assimilação, a modificação parcial ou total alteram a textura dos conceitos...

Por que preferimos, entre os sinônimos, o termo "adágio"?

Natural que recorrêssemos, em primeiro lugar, aos dicionaristas.

Dos modernos, Cândido de Figueiredo:

ADÁGIO — provérbio, sentença moral.

ANEXIM — dito *sentencioso*...

RIFÃO — sentença popular.

PROVÉRPIO — sentença moral, máxima expressa em poucas palavras.

Anexim, Rifão, Ditado popular, Provérbio. Os termos se equivalem, pois.

Frei Domingos Vieira regista, com mais pormenores, os mesmos vocábulos:

ANEXIM — axioma vulgar, ordinariamente em verso e com aliteração, em que se contém uma regra prática de moral, com um sentido satírico e alusivo, e em forma metafórica.

PROVÉRPIO — sentença, máxima exprimida em poucas palavras e que se tornou comum e vulgar.

RIFÃO — adágio, provérbio.

Não se deve contudo *confundir adágio e provérbio*. No uso quotidiano assim é, mas, como veremos, há diferenças profundas, entre ambos.

“O provérbio assume em geral o aspecto de frase clássica, sancionado pelo uso ou pela antiguidade e quase sempre colhido em velhas coleções religiosas ou filosóficas”. Tem, pois, véstes académicas de erudição e é ainda considerado “uma generalização oral de certos pensamentos de sabor literário colhido nas obras dos antigos filósofos gregos, romanos e outros, no Velho e Novo Testamento e nos escritores clássicos, cronistas, poetas ou prosadores antigos e modernos da Europa e da Ásia”.

Ladislau Batálha, na “*História Geral dos Adágios Portugueses*”, nota a confusão reinante nessa matéria. O seu livro não se ocupa de *provérbios* mas de *adágios, anexins e ditos*.

É que estes, mais do que aqueles, são considerados, com razão, como os que contribuem, melhor, para o conhecimento do folclore de um povo.

Estudemos o significado de “*adágio*”, que se adapta à índole deste trabalho de feição popular. O adágio já foi chamado, com muita propriedade, filho da espontaneidade ou da experiência popular.

É ainda ao clássico Dr. Frei Domingos Vieira, que vamos recorrer. Originário do latim *adagium*, empregado por Plauto o *adágio*, empregado por Varro, contração de *ad-agendum*, próprio para se pôr em prática, o nosso castiço *adágio* é uma sentença breve que anda na tradição oral, contendo um pensamento moral a que se opõe geralmente outro pensamento contrário.

Embora Severim de Faria e outros coloquem, no mesmo plano de sinonímia, adágio, provérbio, rifão, sentença, máxima, etc., assim não é, na realidade.

O adágio encerra “um pensamento expresso em forma familiar”. Ele é local, “exprime melhor as idéias de um país, bem como os seus costumes e principalmente a sua designação encerra a idéia de prática, norma de ação”.

A título de esclarecimento, transcrevemos o paralelo que entre *adágio* e *provérbio* se encontra no “Repertório Lexicográfico” de Jerônimo de Azevedo; “*Provérbio*” é uma sentença popular que exprime uma verdade importante; “*adágio*” é um provérbio agudo e chistoso. O provérbio anuncia uma verdade grave, fundada na observação e na experiência. O adágio dá a esta verdade uma agudeza que a torna mais penetrante. O provérbio é grave e sêco, cheio de sentido e precisão; o adágio é singelo e claro, cheio de espírito e finura. O provérbio instrue; o adágio excita. O provérbio que junta à instrução

uma lição prática é um adágio. *Nem tudo o que luz é ouro* — é um provérbio. *Tristezas não pagam dívidas* — é um provérbio reduzido a adágio, pelo modo de dizer e pela lição prática que encerra". (1).

Daí a preferência pelo termo "adágio", donde o título de "adagiário" dado a esta pequena coleção de adagiários gauchos, regionais.

Agostinho Fortes diz que "o adágio, na simplicidade da expressão, no sintético do conceito e, muitas vezes, na fina sátira e delicada crítica que encerra, é a, porventura, mais conceituosa criação do ensinamento prático e positivo, adquirido, desenvolvido e aplicado pela multidão."

Decorre dessa opinião, o considerar aquele escritor português que o *adagiário de um povo é o mais rico e instrutivo repositório de toda a evolução desse mesmo povo*.

Antes de expor o problema, sob o ponto de vista do folclore nacional, ou melhor, regional, devemos estudar a evolução do adágio, para melhor fixar o seu valor na vida de um povo.

II

Pelo adágio, uma geração tem assegurada a sua continuidade, no tempo e no espaço. Filho da experiência popular, ele procede da "sabedoria das nações".

Atribue-se, geralmente, a Giovanni Battista Vico, no século XVIII, a primazia desses estudos, no seu célebre livro "*Principii d'una scienza nuova*".

Verificara o autor clássico que o adágio era a forma, por assim dizer, de resistência à ação destruidora do tempo, de que se revestiam os conhecimentos populares.

Por isso o definiu como "a sabedoria das Nações".

Enrico Ferri, por sua vez, já definira o provérbio como "a incrustação secular do gênio coletivo".

As primeiras coleções datam da descoberta da imprensa, havendo na França, Itália, Espanha e Portugal grande número delas.

Impossível remontar, com segurança, às fontes originárias dos adágios. Os estudiosos dessa matéria o confessam... Na verdade, impossível esclarecer essas origens.

É que eles não se fixam, não se imobilizam, não se fossilizam. Vão, pelo contrário, difundindo, restringindo, ampliando, sempre em movimento. São de uma plasticidade espantosa.

(1) Cabe, aqui, fazer notar que o adágio tem grande valor em "Lexicologia", porque mostra as construções sintáticas de uma língua. Bluteau se utilizou deles para o estudo de certos vocábulos. Servem, como documentos dos costumes e da moral de um povo.

Pela ação conjunta ou isolada do tempo, da raça, do costume, da colaboração estranha, da transladação, assimilação, por um número extraordinário de fatores — os adágios estão em constante mutação. Não se limitam a uma época ou a um povo.

“Seguir as transformações e modificações porque o adagiário passa no decorrer das idades e fazer-lhe a comparação metódica com os similares de outros países para daí tirar ilações e formular leis, oferece contrariedades capazes de arrefecer as maiores energias”.

Dois são os processos mais comuns que podem influir nessas transformações: *a compressão e a ampliação*.

Para melhor ilustrar a ação modificadora dêsses dois processos, transcreveremos os exemplos dados por Antônio Delicado:

EXEMPLOS DE COMPRESSÃO

ANTIGO

Triste da casa onde a galinha canta e o galo cala.

Ensaboar a cabeça de asno perda de sabão.

Deus assim como dá a doença dá o médico.

Se a ser rico queres chegar vai de vagar.

MODERNO

Onde há galo não canta a galinha.

Manteiga em nariz de cão. (1).

Dá Deus o frio conforme a roupa.

De vagar se vai ao longe.
De vagar que tenho pressa.

EXEMPLOS DE AMPLIAÇÃO

ANTIGO

Bezerrinha mansa tôdas as vacas mama.

Onde te querem aí te convidam.

Qual é Maria, tal filha cria.

Queimada a casa acode com água.

MODERNO

Bezerra mansa, mama na sua e na da vizinha.

A bôda e a batizado não vás sem ser convidado.

Quem sai aos seus não degenera.

Depois da casa arrombada, tranças na porta.

(1) Entre nós, diz-se: “Manteiga em focinho de cachorro”.

Como muito bem comenta Ladislau Batalha, tais exemplos de transformação do adágio vêm provar que as sociedades, como os indivíduos, adotam idênticos processos de raciocínio, imitando Esopo, Fedro e La Fontaine, passando do exemplo ao conceito, que se generaliza em provérbio.

III

O Rio Grande do Sul, pela sua situação geográfica e condições históricas, apresenta aspectos singulares ao exame dos sociólogos brasileiros. Inegável que existe um dialeto gaúcho, como expressão de um estado d'alma regional a se refletir em um meio próprio.

Reconhecem nêle os críticos um "sabor e colorido a cuja sedução o mais intransigente purista não resistirá".

Daí o registo, em vocabulários próprios, dêsse, por assim dizer, linguajar gaúcho, variante dialetal onde se confundem influências portuguesas e castelhana — ponto de encontro das duas poderosas correntes de colonização da América Meridional.

Causa ou efeito dêsse "dialeto", há uma literatura regional, que guarda consigo as belezas das tradições e os sentimentos de formação popular.

Quando apareceu o "Fogão do Gaúcho" do saúdoso Roque Calage, Humberto de Campos, também hoje desaparecido, afirmava a existência "dessa literatura em pleno esplendor, com uma vasta bibliografia e figuras humanas inconfundíveis no panteon nacional". É que uma literatura — na extensão da palavra explicava o escritor brasileiro — "é a flor de um estado de civilização característico e êsse estado de civilização é o conjunto, sempre, de fatores pacientemente formados, como a língua, os costumes, a vida econômica e as diversas modalidades do sentimento".

O fenômeno social e político do gaúcho culmina nas "montoneiras" do Prata, que alguém já comparou à grandeza e formosura da cascata do Iguassú e está fixado no "Facundo" de Sarmiento e "Martin Fierro", de Hernandez.

Entre o citadino e o gaúcho se travam, no Sul, lutas ferozes e, em maio de 1810, na Argentina, segundo Vitorino Del Llano, escrevendo acêrca do livro do Dr. Carlos Alberto Leumann (*El empresario del genio*) já o gaúcho possuía costumes, experiência e até uma *literatura rudimentar*.

Não foi êle uma figura transitória, na Argentina. Aparece, na agitada vida do Sul, ao lado do gaúcho uruguaio e do rio-grandense, formando êsses tipos bizarros da nossa história...

Dentre as provas da existência do fenômeno, êste "adagiário" é uma confirmação. Em que pese ao nosso amor pela Pátria comum, podemos repetir a pergunta de Humberto de Campos, que encerra

uma resposta negativa, que é, no fundo, afirmativa: “Haverá quem, tendo viajado o Brasil através dos seus homens de letras, conteste a variação da língua, da mentalidade, da riqueza, dos costumes e, principalmente, da raça?”

E no caso gaúcho sobe de ponto a afirmação da resposta, porque aquele crítico chega a proclamar que se pode contestar essa feição literária própria aos outros núcleos brasileiros, nunca, porém, em relação ao rio-grandense que “nela reflete tôdas as condições de tipo inconfundível na comunidade nacional”, pela existência das *bases* de uma literatura própria, confirmadas “num vocabulário, numa raça característica, numa natureza inconfundível”.

Sem deixar de reconhecer um certo exagêro, na opinião de Humberto de Campos, não podemos negar algo de verdade na crítica que afirmar ter o Rio Grande nascido espanhol, só se tornando brasileiro mais por influência política do que pela força natural dos fenômenos sociais.

Ao paulista do século XVIII, que estabeleceu o contacto com as possessões espanholas do Paraguai e do Prata, levando a espada e a cruz às margens dos grandes rios septentrionais, Humberto de Campos confere o papel de *descobridor* e não o de *civilizador*. Este coube ao hispano-americano, pela infiltração lenta, pela fusão com os indígenas sobreviventes das guerras das Missões. Daí a “psyché” e, quase a língua do *gaúcho*.

Fenômeno, como dissemos, evidente, não se lhe deve exagerar a importância. A nossa bibliografia literária é o espelho fiel dessa verdade social. Baseado nela é que os críticos chegam a concluir que não há, no Brasil, tipo mais definido, mais singular, mais isolado dos seus irmãos políticos do que o rio-grandense — o que é, positivamente, um erro de visão sociológica, do autor citado, limitado à observação do fenômeno puramente literário que não pode abranger todo o problema rio-grandense, como o de nenhum outro povo.

Mas, explica ainda o saudável escritor nacional, essas desigualdades são comuns nos países de formação complexa e grande extensão territorial, sem, muitas vezes, prejudicar a *unidade nacional*. Coopera ainda o gaúcho, “um pouco medieval na sua bravura, nos seus ímpetos, nas suas atitudes cavalleirescas” para enriquecer “com o pitoresco da sua mentalidade, dos seus costumes e da sua figura, o panorama da comunhão brasileira”.

IV

Focalizado, embora rapidamente, o aspecto da literatura regional de que se não poderá eximir este trabalho, continuemos a apreciação da sua finalidade precípua, qual a de, como simples “ensaio” que é ele, incentivar a curiosidade, pelo menos, dos folcloristas.

Ciência reconhecida, o folclore tem por objeto, segundo Joaquim Ribeiro, o estudo descritivo do povo, estudo que abrange as espontâneas manifestações materiais e espirituais. Colocada entre as *ciências naturais*, na opinião de Roquette-Pinto; entre as *ciências histórico-sociais*, na de outros, ou, como ensinam Aranzadi e Joaquim Ribeiro, considerada como uma transição, entre aquelas e estas, o certo é que só, no século XVIII, tomou feições científicas, sofrendo, a partir desta data, uma evolução notável.

O folclorista tem duas maneiras de se comportar, diante do seu material de estudos: a) colecionador de tradições; b) investigador ou exegeta.

Na história do folclore brasileiro, Silvio Romero foi um coligidor; João Ribeiro um investigador. Lindolfo Gomes é, a um tempo, o colecionador e o erudito. Daí poder-se-iam criar três escolas. A aceitarmos esse conceito classificador de Joaquim Ribeiro, o nosso "adagiário" deveria caber, facilmente, entre os trabalhos do coligidor simples.

Pôsto que tais estudos, por si sós, não possam receber o batismo de científicos, é óbvio que o colecionador de tradições populares constitui um trabalho preliminar para o cientista. "Ora, o folclore, antes de tudo, é uma ciência com suas teorias e com os seus métodos. Não é colecionar tradições o seu objeto exclusivo. Não é. O entomologista que só colecionasse borboletas sem estudar as diferenças, o parentesco, as características miméticas, etc., sem classificá-las e anatomizá-las não seria um entomologista no sentido técnico da palavra. O mesmo se dá com o folclorista.

Ficamos, pois, fóra do templo sagrado levantado, no Brasil, por João Ribeiro que imprimiu a êsses estudos uma escola que ainda não deu os frutos que encerra. Mas não impede isso ofertarmos à nova ciência alguns frutos do nosso trabalho.

A-pesar-de tudo, várias são as tentativas para uma classificação do folclore brasileiro (Silvio Romero, Gustavo Barroso, Lindolfo Gomes, etc.).

Joaquim Ribeiro, citando-as, encontra nessas tentativas uma falha. Procurando o *tipo*, esquecem os seus autores o meio, quando não há tipos sociais fixos e sim ambientes sociais fixos. (Oliveira Viana).

O que há são *núcleos de irradiação cultural*. João Ribeiro estabelece, nessa base, a teoria dos focos de irradiação da cultura e do civilizamento do país, indicando, em 1900, *cinco células fundamentais*.

Estas, pelo processo clássico, da multiplicação teriam formado o tecido nacional. Vejamo-las:

a) a de Pernambuco, que gera os núcleos secundários da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Alagoas e cujo influxo maternal sempre obedecem (guerra dos mascates; confederação do Equador).

b) a da Baía, que absorve Ilhéus e Porto-Seguro e gera Sergipe.
c) a de São Paulo, donde evolve todo o oeste com os bandeirantes (Goiáz, Minas Gerais e Mato-Grosso).

d) a do Rio de Janeiro, que pelo elemento oficial em luta com os espanhois fêz nascer e já tarde as capitanias do extremo-sul.

e) a do Maranhão ou Pará, que gera as unidades administrativas do extremo-norte e sempre viveu separado do Brasil.

Classificados êsses núcleos, sob o critério, por assim dizer, anatômico, ou melhor, histológico, dado o seu aspecto de tecido, vejamos, de acôrdo com o seu autor, suas funções, o sentimento característico correspondente a cada um:

O da Baía é o da religião e da tradição; o de Pernambuco é o radicalismo republicano e extremo de tôdas as revoluções; o de São Paulo (Minas e Rio) é o liberalismo moderado (a aclamação monárquica de Bueno; as "províncias coligadas" que sustentaram a independência com a monarquia); o da Amazônia, demasiado indiano e, talvez, o de *separação* como o é no extremo sul, o Rio Grande (de formação recentíssima) demasiado platino.

As áreas etnográficas, em número de seis, traçadas, sôbre o mapa brasileiro, por Joaquim Ribeiro, no seu critério classificador, no qual se aliam o processo geográfico e genético, compreendem:

a) *Área da civilização costeira*, dividida em dois ciclos: o do norte ou da "jangada", peculiar aos praeiros nortistas; o do sul, que vai da Baía até o Rio Grande do Sul.

b) *Área da civilização agrícola*, que pode ser dividida em três ciclos: ciclo agrícola do norte (matutos, tabaréus); o do sul (caipiras, tapiocanos) e o dos imigrantes.

c) *Área da civilização pastoril* do sertão, do Nordeste. Das caatingas, norte de Minas Gerais e parte de Goiás.

d) *Área da civilização mineira*.

f) *Área da civilização amazônica*, a região Hylea de Humboldt, ciclo do seringueiro e do caboclo, onde a civilização tem "aspecto lacustre", como observou Raimundo Morais.

Deixamos para o fim a quinta área (letra e), a da *civilização platina*, onde está incluído o Rio Grande do Sul.

Caracteristiza-se ela por uma civilização pastoril estreitamente ligada à civilização da planície pampeana. Os gauchos brasileiro, uruguaio e argentino, nas suas usanças, se parecem tanto, que, sob o ponto de vista etnográfico, pertencem a um mesmo ciclo cultural. A indumentária, por exemplo, é a mesma; o *chiripá* é usado no Uruguai, na Argentina e no Rio Grande do Sul. O vocabulário é também característico e serve para definir a área (bagual, ahijuna, guasca, gaúcho, caborgueiro, etc.). No fim da Revolução dos Farrapos, houve um movimento migratório de rio-grandenses até Mato-Grosso. É pos-

sível, portanto, ligar a origem do desenvolvimento pastoril mato-grossense (campos de vacaria) à civilização pastoril do sul.

Noticiando a publicação da História do Rio Grande do Sul, pelo Pe. Teschauer, João Ribeiro, pelo "O Imparcial", do Rio de Janeiro, acentuava ter o Rio Grande ainda traços diferenciais e distintivos, um sentido quase patriarcal na sua política, derivado dos costumes pastoris. É que a sua alma se revela na poesia e nas lendas próprias: "o tipo do gaúcho, inteiramente diverso do caipira ou do sertanejo, prende-se ao de uma enorme região hispânica, e dela é quase comum a língua *pitoresca* que conhecemos".

No cenário dos pampas e sávanas aparecem, na época da formação rio-grandense, as duas grandes forças civilizadoras. Do ocidente, veio a civilização indiana e só mais tarde, lá pelo século XVIII, se estabeleceu, no litoral, a civilização açoreana, que formou o núcleo da sua primitiva colonização branca e da qual subsistem ainda superstições, danças e costumes.

Se a influência desse núcleo branco-português foi forte, pois que a escravidão negra deixou vestígios mínimos, acrescida das correntes imigratórias, principalmente alemã e italiana, não foi menor a dos primeiros semeadores do ocidente da "Banda".

Naqueles redutos — diz João Ribeiro — "prosperavam o cristianismo, as artes mecânicas, a agricultura, e a pecuária, as primeiras indústrias alimentares". Ali se fundiu, pela primeira vez, o ferro e floresceu a imprensa, aparecendo os primeiros livros guaranis.

Colocadas, entre essas correntes de civilização, ligada, pela terra, à região platina, donde lhe veio um poderoso influxo, as forças do Rio Grande, recebendo a corrente açoreana e, mais tarde, a alemã, italiana, polonesa, russa, etc., transbordaram, um dia, para o interior mato-grossense, aproximando-se do Brasil...

Inspirou-nos, é certo, na organização deste ensaio, o sentimento indisfarçável do regionalismo, "*le goût du terroir*", mas não nos obscureceu ele o sentimento mais vasto e profundo da Pátria comum. Antes, muito antes de ler, no discurso de encerramento do seu curso de folclore, as palavras de Joaquim Ribeiro, havíamos compreendido também que o estudo do nosso folclore nos apura "esse sentimento *brasil*, sentimento rude, primitivo, bárbaro, porém, nosso nascido da inquietude de nossos ancestrais, com os traços nítidos da saudade do branco, com os vínculos profundos da alma assombrada do negro e com a altivez e arrogância do aborígene guerreiro e selvagem desferindo um turbilhão de setas contra o invasor".

Vive e palpita, na alma rio-grandense, esse profundo sentimento de brasilidade, que formou a Pátria grande e forte.

NOTA — As fontes onde colhemos estes adágios foram os cancioneiros, contos, romances e, principalmente, a informação direta, oral, pessoal, com a imediata aplicação ao fato presente.

Tratando-se de adágios locais, adotámos, para maior clareza da obra e ilustração dos leitores que desconhecem o nosso linguajar, o seguinte critério: antes de indicar a aplicação usual, corrente, damos o significado, o sentido dos vocábulos gauchos.

PELOTAS — Rio Grande do Sul — 1935-1936.

TEMPO COMPOSTO À NOITE E
MULHER QUE FOI DE OUTRO,
OLHO NÊLE, OLHO NELA.

Refere-se à inconstância da mulher que já teve relações de vida conjugal com outro homem. Ao mesmo nos previne da inconstância do tempo. É a “*donna é mobile*” da canção com o “*piuma al vento*”.

CAVALO DADO NÃO SE OLHA
O PÊLO.

Que é como quem diz que não se discutem as qualidades daquilo que se ganha de presente, sem esforço.

TERNEIRO FLACO TODOS LO
PIALAM.

Este adágio é o primeiro da série no qual se observa a nota regional, principalmente a influência platina, tão acentuada no linguajar dos nossos gauchos da vida pastoril. — *Flaco* — adj.: fraco, enfraquecido, um tanto magro. É, segundo Romanguêra Corrêa, vocábulo castelhano empregado em vez de fraco. — *Pealar* — verbo transitivo (corrupção de *pear*):

prender o animal pelas mãos ou patas dianteiras, atirando nestas o “*laço*”, quando o animal vai correndo; enganar, fazer outro cair numa esparrela. — Dada a grande significação desse vocábulo, vamos transcrever o que, sobre a ação de pealar, o “*pealo*”, nos dizem Roque Callage e Romanguêra Corrêa. Há várias maneiras de *pealar*. Os mais interessantes são: a) o *pealo de colher*, que consiste em atirar-se o laço, fazendo-se um rápido movimento de torção com o punho, de modo que a *armada do laço* (laçada) se apresente na frente das mãos do animal; b) o *pealo de sobre-lombo*, que é feito com armada grande no laço e atirado por sobre o lombo do animal, enlaçando-lhe as pernas (patas trazeiras). — Encontra-se, a cada instante, o emprego desse termo em sentido figurado. Ex.:

“O tatú desceu a serra
com fama de laçador;
Tira laço, bôta laço
Bôta pealos de amor.”

(Quadra popular).

O laçar é uma das primeiras façanhas dos guris das estâncias.

No nosso caso, aplica-se ao indivíduo de que todos abusam, porque ninguém o teme.

LARANJEIRA CARREGADA NA
BEIRA DA ESTRADA OU É
AZEDA OU TEM MARIM-
BONDOS.

Quando uma cousa boa, na aparência, não é desejada, é porque tem, na realidade, algo que repele o desejo de possuí-la.

MULHER E BARRO... PELO
MEIO.

Há uma nota sensual, aqui. Encerra um conselho a ser utilizado quando, em viagem, hesitamos na travessa de um pequeno lodaçal.

CAVALO DE ÔLHO DE PORCO,
MULHER QUE FOI DE OUTRO
E HOMEM DE FALA FINA,
CUIDADO COM A RELANCINA.

Surge, de novo, a figura da mulher que amou, uma vez, como a de uma mulher da qual se deve sempre desconfiar. — *Olho de porco* se diz do cavalo de olho branco, que nunca se amansa de um todo; indomável. Não conhecemos o registo do termo nos vocabulários citados. — *Relancina* — subst. de relance, mas é empregado como a loc. adverbial — *de relancina*, que quer significar repentinamente, ligeiramente, *à vol d'oiseau*. — Avisa-nos o adágio do perigo que há em confiar em tais seres, principalmente no homem cuja voz é de timbre efeminado...

Em João Simões Lopes Netto, um dos mais perfeitos escritores do regionalismo gaúcho, encontramos outra modalidade: "Cavalo de olho de porco, cachorro calado, homem de fala fina... sempre de relancina..." Aqui se inclui o cão que não late, que é o temível. Em todos predomina, porém, o conselho de desconfiar do homem que até na voz engana.

DE VAGAR PELAS PEDRAS
ou AO TRANCO NO PEDREGULHO
ou MAIS DE VAGAR,
PELAS PEDRAS; NÃO SE
APURE QUE É LANÇANTE.

São todos estes variantes de um mesmo adágio. — *Lançante*, grande declive num cêrro ou coxilha. Lembram o cuidado que se deve ter nas dificuldades da vida, evitando, então, os juízos e atos precipitados. Também são usados a título de conselho, quando, por exemplo, em roda, alguém conta algum fato que pode ferir a susceptibilidade de alguma pessoa presente. E o narrador logo compreende...

O ÔLHO DO DONO ENGORDA O
BOI.

Sentido claro da necessidade da vigilância direta, sobre os nossos negócios, que não prosperam, quando dirigidos por prepostos.

TEM O ÔLHO MAIOR DO QUE
A BARRIGA.

Acusa o ambicioso de riquezas que excedem à sua subsistência.

Eqüivale ao adágio crioulo argentino: "*Tiene más grande el ojo que el buche*".

A MELHOR ESPIGA É PARA O PIOR PORCO.

São as injustiças da sorte, que é cega. Um indivíduo tem sorte sem merecê-la.

É MELHOR ANDAR À RODA QUE RODAR.

Rodar — verbo: ato do cavalo que, troteando ou galopando, cái para frente, arrastando a pessoa que o monta, na queda. O cavaleiro, quando ágil, pode sair de pé, como succede com os campeiros. No sentido figurado; sair-se mal, ser enganado ou infeliz num negócio. — Sendo um aviso para a vida material, aplica-se-o à vida moral também. Preferível sempre evitar andar de pressa, onde há probabilidade de um desastre.

O MATE DAS SENHORAS DE MORAIS ou O CAFE' DO JOÃO CARDOSO.

Eqüivalem-se. Varia, apenas, a bebida. Naquele, é o mate, mais próprio da região missioneira; aqui, é café, usado em maior escala, no Sul, porque este "dito" foi registado no Basílio, estação da estrada de ferro Rio Grande-Bagé. A explicação que daquele nos dá o Pe. C. Teschauer S. J. serve para o segundo, *mutatis mutandi*: "Diz-se quando se oferece e depois não se dá o oferecido, como fizeram as senhoras de Mo-

rais, que costumavam obrigar as suas visitas a esperar por um mate. Mas preparavam-no com muita demora, perguntando ora se o queriam com erva das Missões, depois com a do Paraguai, ora se com leite ou com açúcar ou sem êle, passando-se assim mais de duas horas, até que, finalmente, a visita tinha de sair em jejum". (Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — III e IV trimestres — Ano VI — 1926). — "A Erva-Mate na História e na Atualidade") — Esta aplicação, diz o autor citado, colheu-a na "Revista Histórica" de Exardo. — Acerca do "o mate de João Cardoso", pode-se ler o episódio nos "Contos Gauchescos", de João Simões Lopes Netto, a pag. 59.

QUEM NÃO AGÜENTA BULHA NÃO ATA PORONGOS NOS TENTOS.

Porongo é uma espécie de cucurbitácea, de cuja cabaça se fazem cuias de mate e serve também para depósito de água potável, nos ranchos pobres. Deriva do *quichúa-purunca*. — *Tentos*: duas tiras estreitas de couro com que se ata o laço enrodilhado na parte posterior do lombilho. Servem ainda para amarrar outros objectos, como o poncho. Exemplo:

"O tatú foi encontrado
Lá no cêrro de Botóvi
Levava officio nos tentos
Para o General Davi".

(Quadra do tempo dos "farra-
pos").

Tentos é plural de *tento*, tira fina de lonca (couro despido de pêlo). Vocábulo de origem platina — *tiento*. — É hábito do gaúcho viajar trazendo porongos presos ao lombinho. Quer o adágio significar que o homem não deve ser “prosa”, provocar conflitos que ele não tem força para repelir. Enfim, é o mesmo: “quem não pode com o tempo não inventa modas”.

NÃO CENSURE DOR ALHEIA,
QUEM NUNCA DORES SENTIU.

NOTA — Este e alguns que se seguem são adágios em forma poética. Extraídos quase todos do “Cancioneiro Guasca”, de João Simões Lopes Netto e aqui incluídos porque são tidos pelos folcloristas, em geral, como elementos preciosos, os cancioneiros. Para esse autor, essas formas, embora sendo “alheias à nossa maneira”, já estão “incorporadas nos descantes locais, em geral”. Além disso, mesmo sob as vestes da poesia, valem essas formas, como verdadeiras sentenças.

A PEDRA GRANDE FAZ SOMBRA,
E A SOMBRA NÃO PESA NADA.

Parece querer significar que só vale a cousa em si, isto é, que o homem pode dar de si, apesar do seu valimento, cousa inútil.

QUEM VÊ UMA BAGUALADA,
VÊ MAIS UM VULTO DO QUE PÊLO.

Bagualada — porção de “baguais”. *Bagual* — potro que ainda não sofreu galope; cavalo recentemente domado, emprega-se como adjetivo, no sentido de arisco, espantadiço, abrutalhado, referindo-se a outros animais que fogem da domesticidade para o campo, como a ovelha, o cachorro: aquele cachorro ficou “bagual”. Aplica-se ainda às pessoas, quando se quer dizer que têm pouco trato. Quando se queria qualificar o boi ou cachorro usava-se *chimarrão*, mas hoje não é corrente. Exemplo:

“Eras *bagual* matreiro e quebra-
[lhão
Que couce e manotações meneavas
Forte touro que o laço rebentavas
Furioso, atrevido, *chimarrão*.”

(Poesia do Cap. Marques de Oliveira, contra o tirano Rosas).

Bagual é palavra derivada do araucano — *cahual* que, nos pampas argentinos, deu o *bagual*, usado no Rio Grande do Sul. No caso, o adágio exprime a confusão das multidões, nas quais desaparecem os característicos individuais para predominar o “vulto”. Quer, por fim, significar que não se pode conhecer o *pêlo*, na multidão...

A GALINHA E A MULHER NÃO
SE DEIXAM PASSEAR: A
GALINHA O BICHO COME
A MULHER, DÁ QUE FALAR.

Nota-se a “desconfiança” do

gaucho na concessão à mulher de qualquer facilidade.

NÃO VIVE NINGUÉM NO MUNDO, SEM TER OS SEUS INIMIGOS.

É a dolorosa filosofia do mundo... Há como que um "fatalismo", nessa confissão.

QUEM ANDA FÔRA DOS PAGOS, NADA DEVE SER ARROGANTE.

Pagos — Do latim — *pagus*, al-deia lugar pequeno. Equivale a lares, penates, habitação. Lugar onde se nasceu; o rincão, a querência, o povoado, o município onde alguém mora ou de onde é natural. É um dos vocábulos de mais uso e vêmo-lo, a cada passo, pronunciado ou escrito, na linguagem popular e na poesia. Vive nêle, pois que é usado no plural, o amor pela terra natal. Exemplos:

"Meus *pagos* não são daqui
Nem daqui eu quero ser
Meus *pagos* são Quarai
Onde nasci, vou morrer."

"Quando vim lá dos meus *pagos*
Muita menina chorou,
Eu também chorei um pouco
Por uma que lá ficou."

Contém o adágio um conselho. Quando em terras estranhas, longe dos nossos, convém dominar os seus ímpetos, pelo desconhecimento do terreno, etc.

NINGUÉM ABUSE DOS OUTROS
POR MAIS QUE SEJA PIMPÃO
POIS SUCEDE VÊR-SE
UM CUERA A PÉ, DE FREIO
NA MÃO.

Cuera — Homem destemido, desabusado, valente. Não confundir com *cuêra*, ferida incurável que se forma no fio do lombo, proveniente dos arreios. O gaúcho que é visto a pé, carregando o freio, toma um aspecto de vencido... É como o soldado que perdeu as armas e se retira. — Aconselha-se, aqui, a não achar ninguém fraco, tímido.

QUEM NO MUNDO NÃO ARRISCA, NÃO GANHA, NEM PERDE NADA.

É mais profundo do que o nosso vulgaríssimo: "Quem não arrisca não petisca". Neste incita-se a procurar a sorte; naquele, se não dá, também não tira, deixando-nos com o que é *nosso*.

TENHO MÊDO DA MULHER E
DA RABIÇA DO ARADO.

O mesmo espírito de desconfiança, acêrca da mulher, e, mesmo até, o receio de que a mulher lhe trará encargos pesados.

QUEM ANDA CEGO DE AMOR,
NÃO SABE SE É NOITE OU
DIA.

É uma definição exata da paixão que cega, tornando o homem estranho ao mundo que o cerca, a não ser, em relação ao objeto da sua afeição.

O MARMELO É BOA FRUTA,
ENQUANTO NÃO APODRECE.

Significa que tudo é bom, enquanto não fôr atingido pelo mal.

Também significaria que o que é bom pode, um dia, ser mau.

QUE O MILHO PLANTADO TARDE,
DÁ PENDÃO, NÃO DÁ
ESPIGA.

Tudo tem o seu tempo, na vida, isto é, não devemos esperar o que desejamos, quando não soubemos aproveitar a ocasião.

SEGRÊDO MUITO ENCOBERTO,
É SEMPRE MUITO SABIDO.

Sempre a “desconfiança” da alma do gaúcho.

O TIÇÃO BRIGOU COM A BRASA E A PANELINHA CAIU.

Parece-nos o equivalente do *“briga a onda com o rochedo, vai o marisco no meio”*. É que sempre resulta mal a quem se vai meter, entre os que lutam, sem nada ter com isso.

DIZEM QUE O CIGARRO TIRA
AS MÁGOAS DO CORAÇÃO.

O gaúcho gosta do cigarro que ele usa, feito de palha seca.

VOU FAZER A DESPEDIDA QUE
FEZ O CACHORRO MAGRO.

Assim faz aquele que come, bebe a vontade e sai sem agradecer o obséquio.

5 — R. I. H.

TICO-TICO NO TERREIRO,
QUANDO CHOVE NÃO SE
MOLHA.

Parece significar que o homem esperto, “escovado” sabe evitar dissabores e perigos.

QUEM TEM MÊDO NÃO SE CHEGA,
QUANDO O TOURO ESCARVA E BERRA.

Refere-se à coragem, de que é preciso, para alguém se aproximar de um homem que embrabeceu...

LAGOA QUE NÃO TEM JUNCO,
QUE LAGOA PODE SER?

Junco — planta com que se preparam os acolchoados dos lombinhos. É usado como sinônimo de lombinho. Aqui é usado no sentido próprio de planta que dá em lagoas e pântanos. — Refere-se — parece-nos — a que um homem ou mulher deve possuir os atributos naturais. A barba, por exemplo, no homem...

NINGUÉM SE PARA TRANQUÍLO,
FRENTE ÀS VARAS DA
PORTEIRA.

Não se deve confiar demais em certos momentos e lugares. Figuradamente, alguém se posta junto à porteira, certo de que as varas o protegerão da disparada da tropa — o que pode falhar.

QUEM TIVER FILHAS NO MUNDO,
NÃO FALE DAS MALFADADAS.

Compreende-se, facilmente, o sentido e a aplicação do conselho.

AS PEDRAS COM SEREM PEDRAS
SENTEM OS GOLPES
QUE LHES DÃO.

Pois, se mesmo as pedras sentem, como imaginar que o homem possa receber golpes, impassível, sem reagir?

INDA NINGUÉM CANTOU GLÓRIA,
QUE NÃO ACABE CHORANDO.

São as alternativas da vida. Ensina-nos a não nos vangloriarmos facilmente, porque a sorte pode mudar.

MUITO FRACO É O "CARREIRISTA"
QUE TEM UM CAVALO SÓ.

Carreirista — o que se dedica a corridas de cavalos e as aprecia. Na vida, deve-se sempre pensar que, de um dia para outro, nos pode faltar o que julgamos infalível.

NINGUÉM DESCUBRA O SEU
PEITO, COM TENÇÃO DE
ALIVIAR.

É o conselho que sob uma forma sentenciosa, faz desconfiar do alívio das confidências, para os nossos males interiores.

NO MAIS DURO PAU D'ESPINHO,
NASCE UMA ROSA FRAGRANTE.

Imagem poética do "milagre" do bem ou da beleza nascer do mal ou da fealdade. Num coração

empedernido pode nascer uma afeição.

VOCÊ DIZ QUE ME QUER BEM,
E SEMPRE AO LOMBO ME
VEM.

Refere-se, figuradamente, aos castigos morais que ao ente querido inflige o que diz amá-lo.

QUEM TEM JANELA DE VIDRO,
NÃO DEVE ATIRAR PEDRADA.

Equivale ao "quem tem telhado de vidro não atira pedra no telhado do vizinho". Aplica-se a quem, tendo falhas, na sua vida, pretende censurar os outros.

UMA OVELHA RUIM PÕE UM
REBANHO A PERDER.

É a verdade das más companhias na direção da nossa vida.

DIZEM QUE O MATE AFOGA AS
MÁGOAS DO CORAÇÃO.

São as virtudes do mate de que o gaúcho usa e abusa.

A FUMAÇA É COUSA FINA, VARRA
PAREDE DOBRADA.

Lemos, nos "Contos" de Eça de Queiroz — o "José Matias", o seguinte que também nos dá a idéia encerrada no adágio: "Já, porém, no tempo de Aristóteles, se afirmava que amor e fumo não se escondem e do nosso cerrado José Matias o amor começou logo a escapar, como o fumo leve, através

das fendas invisíveis duma casa fechada que arde terrivelmente". — Parece-nos que esse é o sentido: o fumo denuncia o fogo.

CORRE O GALGO ATRÁS DA
LEBRE; O CÃO DA PERDIZ
TEM FARO.

São dois adágios num só, mas é fácil compreender-lhes o sentido: a cada um o seu dever.

TODO O BARATO SAI CARO.

De grande e quotidiana aplicação. Vulgaríssimo.

NÃO HÁ VIDRO QUE NÃO QUEBRE.

Há referência à fragilidade de certas cousas. Por extensão, refere-se à fraqueza de certas virtudes.

QUEM QUISER SER BEM QUERIDO, NÃO SE MOSTRE AFEIÇOADO.

O gaúcho prefere reservar-se no sentimento afetivo, a expandi-lo, mesmo aos olhos do objeto dessa afeição.

O ALFINETE PEQUENO EM QUALQUER PARTE SE ESCONDE.

Para quem é modesto, fácil é evitar os outros.

QUEM TIVER O SEU SEGRÊDO NÃO CONTE A MULHER CASADA: A MULHER CONTA AO MARIDO E O MARIDO AO CAMARADA.

É o mesmo sentimento de desconfiança para com a mulher, que

já transpareceu em outros adágios citados.

TÔDA A VOLTA DOS ARROIOS
PROCURA O SEU NATURAL.

É a tendência dos seres e das cousas que não escapam às leis naturais, quando entregues a si mesmo. Em francês diz-se: "*Chassez le naturel, il revient au galop*".

TIRIRICA DO BANHADO, QUANDO CHOVE, NÃO SE MOLHA.

É a invulnerabilidade de quem, por natureza ou hábito, resiste a certos acontecimentos que, para os outros, são ofensivos.

TRÊS COUSAS HÁ NESTE MUNDO QUE ME FAZEM MUITO MAL: MULHER VELHA, NOITE ESCURA, CACHORRADA NO QUINTAL.

Fácil é a compreensão dessa quadrinha popular.

AO FERRO CO'A FERRUGEM, O TEMPO TODO CONSOME.

Diz da ação destruidora do tempo e contrapõe-se ainda à persistência efêmera do amor ou da dor.

EM QUALQUER POCINHO D'ÁGUA, DEUS PODE FAZER UM PEIXE.

É o poder onímodo de Deus que, aqui, se regista, ensinando-nos que tudo pode acontecer, neste mundo.

NAS ONDAS DO MAR SE CRIAM
PEIXES QUE NADAM BEM.

Só em meio próprio, é que podemos ser perfeitos.

BOTAM PANELA NO FOGO, MAS
NÃO SABEM TEMPERAR.

Refere-se à inhabilidade de certas pessoas, como por exemplo: a das mocinhas casadouras.

SAPATINHO ACALCANHADO,
NO MONTURO JÁ DEIXEI.

O que não presta deve ser abandonado.

P'RA TUDO É PRECISO SORTE
ATÉ P'RA LAVAR TAMBÉM.
O DIA QUE NÃO FAZ SOL
A ROUPA NÃO "QUARA"
BEM.

Quara — diz-se da roupa ensaboadada, posta, geralmente, ao sol para clarear. — Reconhece-se que a sorte nos acompanha até mesmo nos atos mínimos da vida. É um fatalismo evidente.

TU TE DESPEDES DE MIM,
COMO A CASCA DEIXA A
COBRA.

É a despedida de quem não voltará mais.

NÃO HÁ DESGRAÇA NO MUNDO
QUE NÃO VEJA OUTRA
MAIOR; NEM COUSA BOA
SE ENCONTRA QUE NÃO
HAJA OUTRA MELHOR.

Ao mesmo tempo que nos ensi-

na a ver, na desgraça, o consólo de que poderia ser pior, nos dá a esperança do "melhor", quando temos o "bom".

A MANGA D'ÁGUA QUE CAI
LEVA TUDO DE ARRASTÃO.

É o ímpeto invencível das paixões, na sua fúria destruidora.

A CÊRCA DE PEDRA É FALSA,
A COBRA AÍ FAZ SEU NINHO.

A maldade se aninha nos corações falsos.

QUEM FAZ MAL TEM SEU CASTIGO.

A má ação, cedo ou tarde, encontra o "prêmio".

QUEM CANTA REFRESCA A
ALMA, CANTAR ADOÇA O
SOFRER; QUEM CANTA ZOMBA DA MORTE, CANTAR
AJUDA A VIVER.

Encerram-se, nos versos dessa quadra, modalidades do "quem canta seus males espanta", da poesia popular portuguesa.

EU GOVERNO A MINHA CASA,
CADA QUAL GOVERNA A
SUA.

É o amor — próprio intenso do gaúcho, que, individualista convicto, não tolera a submissão aos outros e, rei em sua casa, não admite a intromissão de outros nos seus negócios e assuntos.

BRABA COMO POTRANCA MAL
MARCADA, QUANDO DE CO-
LA ALÇADA SE ALVOROTA.

Potranca — feminino de *potranco* ou *potro*. Filha de égua de um até dois anos. Cândido de Figueiredo define *potranca* como “égua nova de menos de 3 meses”. — *Marcada* — de marcar (ferrar, no Norte). Aplicar a marca, fazer o serviço da *marcação*, que é o ato de marcar os animais de uma estância e que se realiza, em fins de agosto e princípio de setembro, quando a safra é boa. — *Cola* — cauda de certos animais. É termo português muito antiquado, mas muito usado, no Sul. É vocábulo castelhano. Os gaúchos, como um requinte, costumam atar a cola do cavalo, por vários modos. — O adágio se refere à mulher que, desabrida e violenta, insiste contra tudo.

AGARRADO COMO CARRAPATO
NA COSTELA DE ANIMAL
PELUDO.

Diz-se da pessoa que, impertinentemente, nos persegue, mesmo quando o faz por afeição.

CORRE MAIS QUE UM BAGUAL
COM UM COURO CRU NA
COLA.

A rapidez da fuga de quem sofreu um vexame. Exprime a velocidade das cousas que passam...

QUEM VAI P'RA SE CASAR, VAI
PR'O CAMINHO DO CÉU.

É a felicidade que, geralmente, inunda os corações dos noivos.

A MULHER É COMO GATO QUE
MIA, QUANDO NAMORA;
PORÉM ASSIM QUE SE CASA
PÕE LOGO AS UNHAS DE
FORA.

Sempre o mesmo juízo irônico, sobre a mulher. Refere-se ainda à mudança do caráter da mulher, no casamento, em confronto ao noivado.

AQUENTAR ÁGUA PARA OUTRO
TOMAR MATE.

Preparar alguém um negócio e outro tirar-lhe as vantagens, os proveitos. Mais propriamente, aprontar a moça para outra gozá-la. É a explicação de João Simões Lopes Neto.

QUANDO URUBÚ ANDA SEM
SORTE, NÃO HÁ GALHO DE
PAU QUE O AGÜENTE.

Quando se anda mal não se encontra apoio (Simões Lopes Neto).

Quando nos falta a sorte tudo nos falta.

TOSTADO, ANTES MORTO QUE
CANSADO.

Tostado — côr de pêlo de cavalo. São reconhecidas as más qualidades desses animais.

TORDILHO N'ÁGUA É MELHOR
DO QUE CANÔA.

Tordilho — côr do animal cavalar ou muar em que predominam os pêlos brancos. Há diversas va-

riedades. Derivado de “tordo”. No Norte, a esta côr, supõe Romanguêra Corrêa, dão a denominação de “russo”. Aquí se exaltam as qualidades superiores dos animais dêsse pêlo.

ASPA MOLE, BOI GORDO.

Aspa — chifre, corno, ponta, *guampa*, quando ainda no animal.

CASCO RACHADO, CAVALO GORDO.

Ambos os adágios se referem à experiência secular na divulgação dos conhecimentos úteis, que são, aparentemente, apriorísticos.

PORONGO SEMPRE DÁ CUIA.

Porongo — já registámos êsse vocábulo. — *Cuia* — cabaça, ou cabeça de porongo, quase sempre ricamente prateada e lavrada, em que se prepara e bebe o *mate*, por meio de um canudo de metal denominado — *bomba*. Há cuias de louça, barro, etc. Deriva do guaraní — *iacuhî* — cabeça. — Certos indivíduos sempre dão de si resultados certos, facilmente previsíveis.

O BIGUÁ, EM TERRA FIRME, NÃO CORRE; TROPICA E CAÍ.

Biguá — pássaro que vive à superfície dos rios e das lagoas. Quem está fora das condições habituais, isto é, do seu meio natural, é incapaz de sair-se bem de uma empresa. Regista-o Simões Lopes Neto, no seu “Cancioneiro

Guasca” e nêle se ridiculariza a façanha do almirante Saldanha da Gama que, sendo marinheiro, veio ao Rio Grande, durante a Revolução Federalista de 1893, para lutar, como soldado de cavalaria, perecendo em “Campo Osório”, vítima de um golpe de lança.

CADA MACACO VÁ FICANDO NO SEU PAU. — QUEM É CAMPEIRO É NO CAMPO.

Referem-se ainda estes dois adágios, retirados do mesmo “Cancioneiro”, à necessidade de cada um se conservar, dentro da sua profissão, no seu lugar.

CAALO É COMO GENTE; ENGANA NA APARÊNCIA QUE É BARBARIDADE!

Caalo — o mesmo que cavalo. Diminutivo de cavalo é o modo mais usual com que se exprime o nosso gaúcho.

O amor dêste, ou melhor, a intimidade do cavalo, na sua existência, faz com que o gaúcho lhe empreste as mesmas virtudes e os mesmos defeitos do homem e vice-versa.

MANSO COMO MATUNGO AGUA-TEIRO.

Matungo — cavalo velho, muito manso ou arruinado e quase sem préstimo e valor. Palavra usada em Cuba, com o sentido de fraco, débil.

Aquateiro (em vez de aguadeiro) — é o animal que serve para puxar a carroça d’água. Derivado

do hispano-americano; *aguatero*. — Aplica-se o adágio a uma pessoa dócil, submissa, passiva, que não reage.

HOMEM É HOMEM, GATO É BICHO.

De sentido e aplicação vulgares.

O HOMEM DE OLHOS LIMPOS É GUAPO E MÃO ABERTA; CUIDADO COM OS VERMELHOS, MAIS CUIDADO COM OS AMARELOS; E TOMA TENÊNCIA DOBLE COM OS RAIADOS E BAÇOS.

Tenência — cuidado, precaução, perseverança. *Tenência doble*, precaução, atenção dobrada. — São uma série de avisos.

VAI QUE NEM CHIMARRÃO ESFOMEADO ATRÁS DA CARNEAÇÃO.

Chimarrão — não confundir com o mate sem açúcar, amargo, se bem que esta denominação deva provir daquele. Apesar das dúvidas existentes, emprega-se, como no adágio citado, no sentido de cão bravo, que habita o mato, *cevan*-do-se de animais que ele mata. Romanguêra Corrêa diz que é pouco usado, mas, ainda assim, encontra-se mais comumente do que parece. É corruptela de *cimarron*, usado na América Espanhola, na aceção de animais e plantas silvestres. — *Carneação* — ato de carnear ou esfolar a rês, depois de abatida. Aplica-se à pessoa ansiosa que corre ao encalço de ou-

tra ou de algum objeto de que tem necessidade.

CHIMARRÃO SEM CHURRASCO É LAÇO SEM ARGOLA OU RÊLHO SEM AÇOITEIRA.

Chimarrão (ou amargo) — mate sem açúcar; bebida usada no Rio Grande, principalmente na região serrana. Graças a essa tradicional bebida, consegue o gaúcho reparar os efeitos da sua alimentação cárnea. — *Argola* — é colocada num dos extremos do laço. — *Açoiteira* — no plural, se refere à pontas das rédeas, com as quais se castiga o cavalo que se monta. No singular, é a extremidade do rêlho ou rebenque, feita de couro. Sinônimo: *coiteiras*. Derivado do castelhano — *azote*, açoite, ou melhor, do hispano-americano — *azotera*. — *Churrasco* — pedaço de carne sangrenta e mal assada sobre as brasas ou labaredas. É o alimento predileto dos gaúchos. É palavra hispano-americana. — O adágio se refere ao, por assim dizer, *binômio alimentar*: churrasco e mate amargo. Um sem o outro é incompleto. Poder-se-ia generalizar a significação, no sentido de não haver *comidas sem bebidas*.

PRAGA DE URUBÚ NÃO MATA CAVALO.

A má vontade de nossos inimigos não nos causa perigo algum, nem nos deve preocupar aquele que tem interesse em nos desejar todo o mal possível.

A VINGANÇA É DOCE, MAS OS
FRUTOS SÃO AMARGOS.

Na obra em que o colhemos êle
é pôsto nos lábios de um lusitano,
morador no Rio Grande. A sua
compreensão é clara.

A VIDA VALE MAIS DO QUE
UMA PONCHADA DE ON-
ÇAS.

Ponchada — grande quantidade
de qualquer cousa e que poderia
encher um poncho. — *Onças* —
moeda espanhola. — Refere-se ao
nenhum valor do dinheiro em
comparação ao da vida.

NÃO É POR ESCARCEAR QUE
SE CONHECE O PINGO.

Escarcear — atirar a cabeça
para cima e, logo depois, em se-
guida baixá-la, curvando, garbosa-
mente, o pescoço. (Romanguêra
Corrêa foi o primeiro a registá-lo).
Diz-se, sòmente, dos cavalos. —
Pingo — cavalo fogoso, bom e vis-
toso. Quer dizer o adágio que não
é o aparato a prova real do valor
de alguém.

TEMOS BOI NA LINHA...

Forma sintética. É comum, sô-
bre o leito das estradas de ferro,
permanecer gado dos campos pró-
ximos, que não são tapados. Quan-
do isso se dá, o condutor do trem
precisa de grande cautela. — Apli-
ca-se, por isso, ao perigo iminen-
te, a contratempo inesperado e
vale ainda por um aviso.

TORO DO MEU RODEIO, TORI-
TO EM RODEIO ALHEIO...

Rodeio — ponto em determina-
da parte do campo onde se faz
reunir e parar o gado, para apar-
tar, contar, separar, examinar e
curar as reses. — Quer-se dizer
que, fora de lugar onde se vive,
perde-se parte do valor próprio:
De touro passa-se a tourito.

TIRAR LIXIGUANA SEM PON-
CHO...

Lixiguana ou *lexiguana* — é
uma espécie de abelhas (mari-
bondos), que fabricam um mel
muito saboroso. — Refere-se, na
forma de adágio em compressão,
ao perigo a que se expõe quem não
toma certas precauções, ao prati-
car certa ação: é ir atacar uma
abelheira, sem proteger-se com um
poncho.

GAUCHO DE LEI NÃO SE ACO-
BARDA DE NADA.

É a consagração do valor do
“monarca das coxilhas”. Vale ain-
da como um incentivo.

PAU QUE NASCE TORTO, TAR-
DE OU NUNCA SE ENDI-
REITA.

Põe à mostra a ação demorada
ou nula da educação sôbre o in-
divíduo que é, visceralmente, mau.
É o registro doloroso da fatalidade
da degeneração, que zomba dos
processos de reformação indivi-
dual.

CAVALO SE COÇA EM TÔDA A
PARTE, MENOS EM URUMBELA.

Urumbela ou urumbeva — Roque Callage cita o vocábulo, transcrevendo um trecho das “Ruínas Vivas”, de Alcides Maya, sem lhe dar, porém, o sentido. Romanguêra Corrêa nem o regista. Cândido de Figueiredo diz que é sinônimo de *cumbaba*, espécie de cacto brasileiro. — Aplica-se à fato de ser preciso conhecer-se com quem nos metemos.

O valentão respeita sempre alguém...

NÃO PULES SEM BATER NO
LOMBO.

O cavaleiro deve, antes de cavalgá-la, acarinhar a montaria. Antes de fazer alguma cousa, deve-se procurar evitar surpresas.

GEADA NA LAMA, CHUVA NA
CAMA.

É a observação do tempo. Quando, depois da chuva, o campo ainda está lamacento e vem a geada, é sinal certo de chuva.

SEM SORTE COMO URUBÓ SEM
CARNIÇA.

Carniça — Divergem os dicionaristas regionais. Callage, discordando da significação que lhe dá Romanguêra Corrêa, acha que é a rês morta abandonada no campo, em estado de putrefação. Para este seria rês que está sendo esfolada ou os restos da rês que se

abandona no lugar onde foi ela esfolada. — De qualquer modo, enquanto se discute o valor do vocábulo, pode-se compreender a aplicação do adágio à vulgaridade do exemplo. É o caiporismo de quem tem fome e não acha pão...

O QUE É DO “HOME”, BICHO
NÃO COME.

Parece significar que o que tem de ser será. Por outro lado, parece firmar que homem é homem... Para nós, tem um sentido vago, ambíguo.

ONDE ESTÁ O HOMEM, ESTÁ O
PERIGO.

A observação do filósofo: “homo hominis lupus”...

FOGÃO DE CARRETERO EM
CIMA DE OUTRO É SINAL
DE DESGRAÇA.

Fogão — grande fogo que se ateia no chão e onde se reúnem os tropeiros e gauchos para se aquecerem ou tomarem mate e assar os seus churrascos. Roque Callage limita a expressão aos galpões das estâncias. Nêsse adágio, enuncia-se um preconceito aziago, com um fundo de superstição...

A FELICIDADE NÃO SE JUNTA
COM A RIQUEZA.

Confirmação mais literária de que uma não é corolário da outra.

TRISTE E JURURÚ COMO CARANCHO EM TRONQUEIRA.

Jururú — tristonho, cabisbaixo, melancólico, pensativo. — *Carancho* — ave de rapina de aspecto tristonho (o cara-cará). — *Tronqueira* — cada um dos grossos esteios que são colocados nas porteiras e em cujos buracos são introduzidas as varas das mesmas. É, no linguajar expressivo da paizagem gaucha, a clássica referência ao homem que está triste, só, desconsolado, “jururú”.

REBENQUEANDO QUE NEM RABO DE TATÚ NO LOMBO DE MATUNGO LERDO.

Rabo de tatú — rebenque feito unicamente de couro trançado não tendo cabo de madeira ou de ferro (Romanguêra Corrêa), com argola de ferro ou de metal na extremidade em que se segura. — *Rebenque* — chicote com uma palma de couro na extremidade. — *Matungo* — cavalo manso, quase sem préstimo, inferior. — Tem esta expressão comparativa, para nós, um duplo sentido. Evidencia a necessidade da energia e do incentivo aplicados a uma pessoa fria e incapaz. Pode-se também figurar a fúria, o desespero de quem se sente atingido por algo que lhe faz dar por paus e por pedras.

ISTO NÃO É CANCHA P'RA CA'ALO DE TIRO CURTO.

Cancha — lugar onde se realizam carreiras. — *Ca'alo* — cava-

lo. — Quer dizer que certas coisas não são para certos indivíduos, isto é, estes não merecem ou não podem conseguir aquelas.

OVELHA NÃO É P'RA MATO.

Cada ser tem um ambiente que lhe é próprio, onde a vida é fácil e segura. Diz-se também dos indivíduos que se querem meter em assuntos ou atos, para os quais lhes faltam qualidades e para os quais o fracasso é certo.

BOI LERDO TOMA ÁGUA TURVA OU MORRE DE SEDE.

Confirma que o prazer da vida é colhido pelos mais espertos e audazes. Quem se deixa ficar atrás, é vencido, cabendo-lhe a conformação com a sua desventura. *Audaces fortuna juvat.*

NÃO HÁ TROPA SEM BOI CORNETA.

Corneta — animal vacum que tem falta de um dos chifres ou que possui um deles quebrado. Fala-se também de um indivíduo intrometido, que anda a atrapalhar a outra pessoa; aplica-se, por analogia, ao animal defeituoso que é corrido pelos outros, dos quais foge por não poder lutar e ao fugir vai dando *trompasios*, a torto e direito. Esse adágio refere-se, comumente, ao fato de sempre haver, numa família ou sociedade, um membro que se evade à norma do todo. Um filho mau, por exemplo, entre pais e irmãos dignos.

BOI SOLTO LAMBE-SE TODO.

Aplica-se ao gôzo da liberdade que desfruta, alegre, alguém que é obrigado a se manter dentro da mais rigorosa disciplina ou submissão.

POBREZA POUCA É BOBAGEM.

É a demonstração dos espíritos fortes atingidos por grande desventura e sinal de altivez, mesmo na pobreza, para enfrentar as adversidades da vida.

COMO CACHORRO DE CAÇA,
VALE O PINGO, PELA RAÇA.

Quer significar que, pelo sangue, pelos ascendentes se conhecem os animais e os homens. É uma variante de outros adágios, sobre a importância do fator herança, na formação do caráter.

A MORTE É P'RA QUEM LHE TOCA.

Outra forma do "fatalismo" do gaúcho que, na sua vida cheia de aventuras e acidentes, na paz e na guerra, sabe que a morte vem quando fôr a hora.

SAUDADE ABAFADA É MÁGOA.

É a expressão refreada da alma guasca que, quando presa da saudade, encontra na confiança um lenitivo. É a ânsia do desafôgo.

EU SOU P'RA TODA OBRA.

Quando se sente alguém com

capacidade, para qualquer empresa, principalmente, na paz e na guerra.

QUEM CAMPEREIA DE EM PÊLO,
ARRISCA MENOS PERIGO.

Campereia — modalidade de *campear*, isto é, procurar, pelos campos, uma pessoa, animais ou qualquer cousa. Procurar, esquadrinhar. — *De em pêlo* — montar a-cavalo sem arreios. — É a observação de que vale mais andar sem criar complicações, para evitar perigos.

NO PONCHO, ENCOBRE-SE TUDO O QUE TEM O GAUCHO POBRE.

O gaúcho faz dessa peça da sua pitoresca indumentária um uso universal. É como o dito de Bias, o filósofo grego: *tudo o que é meu trago comigo*.

O RASTRO DO PÉ PROVA A VIDA DO VIVENTE.

Sinal deixado pela passagem de alguém, que se procura ou que se teme.

SEMPRE QUE TEU PINGO TOPE CHÃO EM QUE PASTO NÃO BROTE, NÃO DEVES IR A GALOPE, VAI DEVAGAR, VAI A TROTE.

É fácil compreender-se o conselho contido na quadrinha: o de precaver-se da existência oculta de alguém.

NÃO ATROPELA O PETIÇO, SE
QUISER CHEGAR LIGEIRO.

Petiço — cavalo de pequena estatura, que não chegou a desenvolver-se. — É o mesmo que: devagar se vai ao longe, o *piano piano*... dos italianos. Pode-se ainda atribuir ao conselho o significado de não se poder contar com as forças de quem não chegou a desenvolver-se, ficando aquele do normal.

QUEM FAZ, PAGA NESTE MUNDO.

É a ameaça do castigo que espera, aqui, na terra, cedo ou tarde, a quem praticou uma ação má.

NÃO HÁ MECCHA BEM QUEIMADA QUE FALHE COM A
FALSCA.

É o uso do isqueiro de campanha e se refere ao fato de não falhar quem está preparado para um acontecimento(???)

O BRINQUEDO É COMO A CINZA QUE NÃO DEIXA A BRASA ARDER.

A diversão combate o fogo da paixão; não a deixa exaltar-se, antes a amortece. Será uma forma do "flirt"?

A ARGOLA É QUE SEMPRE
CHEGA PRIMEIRO.

Refere-se à argola do laço do gaúcho. Quando atirado este, aquela, pelo peso maior velocidade, chega, primeiro, ao alvo. O pior é o que mais nos atinge.

TROPA GRANDE SE CORTA EM
MAIS DE UM LOTE P'RA
QUE VÁ MAIS LIGEIRO.

Tropa — porção grande de gado vacum, que se conduz para as xarqueadas e outros lugares. — Refere-se às dificuldades de se dirigirem as grandes massas humanas e à conveniência de separá-las, fragmentá-las. Dividir, para governar — é uma fórmula política. Dividir para bater em separado — é uma fórmula napoleônica.

AGÜENTA BEM ANILHO NO
PESCOÇO.

Anilho — a parte da *colhera* que circunda o pescoço do animal. Colhera é a corda que serve para unir os animais, cujos pescoços são circundados pelos anilhos. Provém do castelhano *anillo* — anel. Aplica-se à submissão, à passividade de alguém, ao aceitar uma imposição estranha à vontade própria.

O SOL É O PONCHO DO MENDIGO.

Forma de beleza poética a mostrar a utilidade do poncho. Quando o gaúcho desventurado não tem o poncho, para se abrigar, o sol vem, com o seu calor, cobrir o corpo mal vestido.

O ENXAME PICA O MATREIRO,
ONDE QUER QUE ELE SE
ACANTE.

Matreiro — que vive no mato, arisco, fugidio, animal que difi-

cilmente se deixa apanhar. — Quer dizer que a um homem decidido, nem o matreiro escapa: onde quer que ele se esconda, lá vai encontrá-lo a tenacidade do perseguidor.

SOFRER PENAS NÃO É RUIM,
QUANDO SE ESPERA BOM
FIM.

É o clássico: quem espera sempre alcança, mas modifica a espera pela maior ou menor certeza de que teremos um bom fim.

PINHO QUE NÃO VÊ PINHA.

É aquele que não consegue nada na vida, que está fadado a falhar, a sofrer a improficuidade dos seus esforços.

O OSSO NA BASTEIRA É O
MAIS TRISTE DOS AZA-
RES.

Basteiras — lugar lo lombo do cavalo (de cada lado da espinha), onde assentam os *bastos*, partes (acolchoadas e paralelas) do *lombilho* — (parte dos arreios que substituem o selim). — Refere-se a um dos contratempos que assaltam ao cavalo e applica-se à má sorte de muitos.

BOTAR EM BAIXO DA CARONA
OSSO PONTUDO.

Carona — peça de couro que se coloca abaixo do lombilho. É um hábito de se prégar uma peça a um gaúcho, colocando um corpo estranho — osso de ponta —, afim

de enfurecer o animal. — Applica-se ao fato de se armar ou preparar um “trote”, sem que o interessado desconfie.

É PRECISO GALOPEAR E AMES-
TRAR BEM O CAVALO.

Evidencia-se a necessidade de educar e exercitar bem os indivíduos para os seus misteres, afim de se poder contar com os auxiliares.

FILHO DE ARISCO TEM QUE
MATREREAR.

Arisco — chucro, assustado, que se não deixa apanhar: gado arisco, cavalo arisco. — *Matrerear* — diz-se do animal que vai para o mato e torna-se arisco. Equivale ao: “*tal arvore, tal fruto*”. Applica-se ao mesmo caso.

SÓ A CRIA DO GUÁCHO PÁRA
À MÃO.

Cria — gado novo que ainda está se desenvolvendo — *Guacho* — animal criado longe do úbere materno. Figuradamente, diz-se do bebé criado com alimentação artificial. — Refere-se à fraqueza física desses produtos, em comparação com os que têm alimentação mais apropriada. Os fracos, os tímidos são, facilmente, dominados. Não se precisa de esforço para isso.

UM RABICHO CUSTA A LAR-
GAR COMO NÓ DE CARRA-
PICHO.

Rabicho — em sentido figura-

do: amor, paixão por mulher. Diz-se do sentimento que se apodera de alguém e não mais o abandona.

MAIS VELHACO QUE SORRO
DE CAMPO FORA.

Sorro — guarachaim. — Refere-se ao sujeito esperto, ladino.

REDOMÃO QUE SE ENTREGOU
AO LOMBILHO.

Redomão — cavalo recém-chegado, que ainda não está bem manso. — É quando o indivíduo cede, ao fim de muitas negaças.

DE POTRO SE DEIXOU FAZER
BAGUAL.

Bagual — cavalo recentemente domado. — *Potro* — cavalo ainda não domado. — Indivíduo que cedeu, que aumentou a sua capacidade de sujeição.

MIL VEZES SOLITÁRIO QUE
ENTROPILHADO À FÔRÇA
NO RINCÃO.

Entropilhado — juntar em grupo animais cavaleiros do mesmo pêlo.

Figurado: grupo de pessoas. — *Rincão* — ponta ou extremidade de campo, cercado de rios ou matos; recanto, lugar mais ou menos rasguardado na campina. Na linguagem comum — segundo Roque Calage — significa todo e qualquer trecho da campanha gaucha, onde haja arroio, capão ou mesmo qualquer mancha de mato. — É o sentimento de independência do

gaúcho, que prefere o isolamento individual ao "acarneiramento" dos grupos.

NÃO HÁ MATREIRO QUE NÃO
CAIA.

Não tem sabor regionalista, mas encerra a verdade de que tudo tem a sua hora.

EM VEZ DE USAR DE FÔRÇA,
USAR JEITO.

É claríssimo e sentido.

NÃO ME QUISERAM CHUCRO
NA TROPILHA, HÃO DE ME
VER SOLITO NA COXILHA.

Chucro — brávio, esquivo. — *Tropilha* — certo número de cavalos do mesmo pêlo. — Aplica-se ao indivíduo que não é tolerado, pelos seus atos, na sociedade, preferindo, por isso, viver só e indiferente. É um desafio que mostra a índole individualista do gaúcho.

NÃO HÁ CUERA MATREIRO DE
PESCOCEIRA MACANUDO
QUE NÃO SE AMANSE NUMA
PRIMAVERA.

Cuera — homem destemido, desabusado, valente. — *Macanudo* — coisa boa, magnífica, excelente. — *Pescocceiro* — cavalo que, constantemente, meche com o pescoço, atacando, com êste, às vezes, o cavaleiro. — Significa que não há cousas impossíveis para o homem.

O UMBÚ NÃO PRESTA P'RA NADA.

Umbú — árvore de grande tamanho, muito copada, cujas raízes, às vezes, à flor da terra, se distanciam quadras longe do lugar onde se acha a árvore. Não o confundir com o *umbuzeiro* do Norte. É aplicado ao que não tem préstimo na vida.

NÃO HÁ URUBÚ SEM CARNIÇA.

Fala-se assim de pessoas que acompanham, facilmente, certos fatos de natuerza má.

O BOM DOMADOR O SEU BAGUAL ADORA.

Retrata a adoração da obra, pelo criador; a amizade do gaúcho pelo seu pingó.

AQUILO NÃO É RABO PARA AQUELE PANDORGA.

Pandorga — papagaio de papel. É um jogo de rapazes. — Aplica-se ao indivíduo que não está talhado para certa empresa.

DESGRAÇADO DO COLHUDO QUE NÃO RELINCHA ENTRE ÉGUAS.

Escusado dar o significado do vocábulo que se refere ao atributo do sexo animal. Javier de Viana, insigne regionalista uruguaio, refere idêntico adágio. Diz-se do homem que não tem coragem, não reage, que, para usar de um termo de gíria, "*se avacalha*".

QUANDO URUBÚ ANDA SEM SORTE, ATÉ NAS LAJES SE ATOLA. — CARANCHO, QUANDO ANDA INFELIZ, CAI DE COSTAS, QUEBRA O NARIZ. — QUANDO URUBÚ ANDA SEM SORTE, O DEBAIXO C... NO DE CIMA.

Todos êsses são variantes do mesmo tempo, tomados ao reino animal, para realçar, pela incongruência, a falta de sorte do homem de "pêso".

QUEM NÃO TEM LEITOA, NÃO PODE VENDER LEITÃO.

Refere-se ao indivíduo que se apresenta, ostentando cousas que os seus recursos ordinários não lhe proporcionariam. Insinua-se mesmo a idéia de furto.

QUEM CABRAS NÃO TEM, CABRITOS VENDE...

O mesmo significado do anterior, relativo à esperteza e desonestidade.

O PERIGO É TANTO PARA O PAU QUANTO PARA O MACHADO.

O seu sentido quer dizer que, tanto para o agredido, como para o agressor, os perigos são os mesmos.

QUANDO DEUS TIRA O DENTE, ALARGA A GOELA.

Uma cousa supre a outra. Deus

provê sempre as faltas, dando remédio aos males.

EMPACADO QUE NEM TOURO
NO SANTA-FÉ.

Santa-fé — planta que dá uma palha com que se cobrem casas e carretas. É a *paja brava* dos platinos. — Diz-se do sujeito teimoso, empacado.

SOU POTRO QUE NÃO AGÜENTO
CARONA DURA DE NINGUÉM.

Carona — peça dos arreios, formada de um ou dois pedaços quadrangulares de couro cru ou curtido e que se coloca em cima do *xergão* (tecido de lã ou *pelego* de ovelha) e abaixo do lombilho. — É não suportar insultos ou desaforos sem reagir (R. Corrêa).

ANIMAL BAGUAL PÕE OS MAN-
SOS A PERDER.

Bagual — animal arisco, recém-chegado. — As más companhias perdem os bons.

ANIMAL BAGUAL NUNCA SE
AMANSA: É SEMPRE SES-
TROSO E MATREIRO.

Inútil pretender modificar a índole do homem que é mau.

É COMO CACHORRO CHIMARRÃO
QUE NUNCA É FIEL.

Chimarrão — denominação comum da clássica bebida gaucha — mas, aqui, é corruptela de *cimar-*

ron, referindo-se a animais e plantas silvestres. — Diz-se do homem desleal, ingrato.

NÃO ENTRO EM CURVAL DE
RAMA.

É relativo à desconfiança para se não deixar enganar por uma armadilha.

MULHER E CACHORRO DE CA-
ÇA ESCOLHE-SE PELA RA-
ÇA.

Variante de adágio anterior, no qual sobressai a confiança na raça ou no sangue.

CORNO DE VÉSPERA CASA-SE
COM MULHER BOLIDA.

Dispensa qualquer interpretação.

TODO O BURRO COME PALHA,
A QUESTÃO É SABER DÁ-
LA.

Elogia-se a habilidade humana do “com jeito tudo se consegue”.

NUNCA VI ABÓBORA DAR RO-
SEIRA.

Novamente, a fatalidade dos destinos da vida.

FILHO DE TIGRE NASCE PIN-
TADO.

É a fatalidade da herança directa do tal pai, tal filho..., com que a sociedade marca a prole do indivíduo pernicioso.

NÃO TE APROXIMES DA CASA
ONDE HAJA CÃES FLACOS.

É sinal de pobreza do dono a magreza dos seus animais domésticos, como o cão. Não se poderá encontrar, porisso, tratamento pingue. É melhor evitar tais residências, onde não há fartura.

CAVALO QUE TROPICA; MULHER QUE... E HOMEM QUE JOGA, TROPICARÁ,... E JOGARÁ.

Regista a fatalidade inexorável do homem, mulher ou animal que trazem, no sangue, a tara destruidora.

NÃO HÁ MAIS RASCADEIRA
QUE DEIXE O PÊLO FINO.

Rascadeira — pequeno objeto de ferro com cabo de madeira e com que se rasca ou limpa o pêlo do cavalo. Em português, há *rascadador* e *rasqueta*, aquele para designar um instrumento usado na ourivesaria e este na limpeza de bordo. Parece derivado do castelhano — *rascadera*. Aplica-se a alguém que já não pode receber, com proveito, a ação de novas forças.

É UM POUSO DE CARRETEIRO
CANSADO.

Carreteiro — quem viaja ou guia carretas, principalmente, puchada por bois mansos. É um vocábulo muito usado no Sul. De uma feita, na tribuna da Constituinte Federal de 1934, um orador rio-grandense usou desse vocábulo e mui-

tos deputados, de outros Estados, confessaram não lhe conhecer o sentido, nem o uso. — Trata-se de um lugar triste, estéril, e quer significar que o viandante é obrigado a parar num tal lugar, por não poder escolher outro. Refere-se também a um lugar sem nenhum encanto.

NA LUTA VENCE QUEM DÁ O
PRIMEIRO TIRÃO.

É o elogio da audácia e da coragem que garantem a vitória.

É PRECISO RUMBEAR BEM PARA NÃO SE PERDER EM
ALGUM ATALHO.

Aconselha a seguir-se sempre um rumo certo, na vida, para se não extraviar por caminhos de atalhos.

PRAGA DE ENFORCADO PEGA
SEMPRE.

Relembra uma velha tradição da campanha, pela qual quem tem, na vida, história do enforcado, terá morte desgraçada. Põe, na boca, da vítima, uma sentença fatal.

CHÁ DE VARA DE MARMELEIRO CURA SANGUE RUIM,
MAU GÊNIO E CHELIQUES.

Quer dizer que, em tais casos, vale, como remédio infalível, uma "sova" de vara de marmelo. É o reconhecimento da ação do castigo físico, como corretivo.

O HOMEM VALENTE NÃO DÁ
EM MULHER.

Forma de respeito devido à mu-

lher, que os orientais exaltam à proibição de não se lhe bater nem mesmo com uma flor.

DÓI COMO A VIDA, MAS CURA.

Aplica-se a casos em que temos de sofrer, com resignação, pela certeza de que a dor é o meio de se obter o prazer. É uma fórmula um tanto literária. Ouvimo-la do sr. Osvaldo Aranha, atual embaixador em Washington.

SE QUERES CRIAR PARELHEIRO, MIJA DE MANHÃ CEDO NOS CASCOS.

Parelheiro — cavalo ensinado e prático em correr parelhas ou *correr carreira*; cavalo de corrida. Entre ibero-americano: *parejero*. Põe em evidência a necessidade de, para o bom trato dos animais de corridas, cuidá-los, desde manhã. Aplica-se também à necessidade de se madrugar, para o bom êxito dos negócios. É uma variante, na vida pastoril, do “Deus ajuda a quem cedo madruga”.

O QUE TEM DE SER TEM MUITA FORÇA.

É o reconhecimento do destino e da sua grande força.

A GENTE DEVE BATER A COLA NA CÊRCA, QUANDO CHEGA A VEZ.

Bater com a cola na cerca — morrer, expirar. — Significa que a morte é irrevogável.

DE DUAS COUSAS TENHO MÊDO NESTE MUNDO: DE MÁ LINGUA E ASPA DE BOI BRASINO.

Brasino — côr de brasa; é o que tem o pêlo vermelho com listas pretas. — Diz-se de uma faca que corta bem e se reporta a um fato ou cousa excelente. Por ex.: o orador estava que nem aspa de boi brasino. — Nivelase o “má língua” à agressividade do boi brasino.

SOU TOURO NO MEU RODEIO.

Isto é, sou, no que é meu, senhor de força e vontade. Declaração de domínio e posse.

NO ENTREVÊRO, TODOS SE REBUSCAM.

Entrevêro — mistura, desordem, confusão de pessoas, animais ou objetos. É castelhano e não há vocábulo português que o traduza. Os franceses têm o “pêle-mêle”. Romanguêra Corrêa dá um exemplo de outro emprêgo: Houve grande entrevêro dos nossos animais com os do vizinho, que dificilmente conseguimos separá-los. — É de observação quotidiana que, nas ocasiões em que há multidões em confusão, os espertos, se não todos, aproveitam o ensejo da impunidade. Numa luta, em meio da confusão, é fácil ao tímido ou covarde realizar uma façanha.

ENTRE BOIS NÃO HÁ CORNADA.

Entre gente da mesma laia não

há desconfianças: todos se entendem às mil maravilhas.

O CAVALO DO COMISSÁRIO
SEMPRE GANHA.

Quando foi da campanha da Aliança Liberal, em 1929-1930, no Estado, distribuíram-se cartazes de propaganda eleitoral, contra o candidato oficial à Presidência da República. Num desses cartazes (havia-os de caráter regional), apareciam dois cavalos em corrida, com a vitória do que simbolizava o candidato da Aliança Liberal. E o desenhista pôs nos lábios de um gaúcho: — “O cavalo do comissário perdeu...” — Tem essa referência duas acepções: A de que a adulação à autoridade policial dá sempre a vitória e a razão ao detentor da força. E pode também referir-se à ação vingativa da autoridade, que todos temem. — Numa palavra: a razão está com quem possui a força.

SINAL DE RÊLHO O TEMPO
APAGA.

É o reconhecimento da ação suavizadora do tempo.

MULHER, DE BOM GÊNIO; FA-
CA, DE BOM CORTE; CAVA-
LO, DE BOA BÔCA; ONÇA,
DE BOM PÊSO.

É um grupo de expressões que não exigem nenhuma explicação.

DO COURO É QUE SAEM AS
CORREIAS.

Isto é, pagar quem tem ou deve.

ÊLES ANDAM A PÉ, TÊM QUE
MONTAR EM PETIÇÃO.

Na falta de um argumento forte, por exemplo, na situação de necessidade absoluta, outro recurso não nos cabe se não o de lançar mão do único que se nos proporciona. Na falta de um cavalo, é preferível um petiço a andar a pé...

PELO ANDAR DA CANOA SE
CONHECE QUEM VEM DEN-
TRO. — PELO ANDAR DOS
BOIS SE CONHECE O PÊSO
DA CARROÇA.

Ambos se referem aos indivíduos que mostram, nas suas ações, o que ocultam no pensamento.

AMARRA-SE O BURRO À VON-
TADE DO DONO.

Ao lado de significar que se deve satisfazer a quem pode e manda, aplica-se ainda ao fato de, em meio de uma discussão, um dos contendores aceitar ou conformar-se com a argumentação do adversário.

VOCÊ BERRA DE TOURO, EM
RODEIO DE VACA.

É o covarde ou prosa que, achando-se em meio de pessoas fracas, ostenta, como fanfarrão, valentia.

PATA DE GALINHA NÃO MA-
TA PINTO.

Será o “lôbo não come lôbo”? Ou diz-se que castigo de pai

não mata filho? é ambíguo o sentido.

QUEM TEM MEDO NÃO AMARA NEGRO.

Refere-se, talvez, à vingança com que, mais tarde, o negro responderá ao castigo.

A VERDADE É COMO ARGOLA DE CINCHA: NÃO FAZ CANTO.

Cincha — peça dos arreios. Tem à direita uma argola, que serve para nela se prender, pela outra extremidade, a presilha do laço. Quer dizer que a verdade não tem recantos ou dobras: é retilínea.

ISTO NÃO É BUNDA DA MÃE JOANA, EM QUE TODOS BATEM.

Este dito temo-lo encontrado, fora do Estado. Mas um patricio nosso, o popular Cel. Julião Rodrigues, forte estancieiro nas fronteiras do Rio Grande e do Uruguai, nos deu a seguinte informação: Contava o grande General Osório que, na Guerra do Paraguai, havia, acompanhando uma de suas forças, uma velha negra chamada de "Mãe Joana". Passava o dia a fritar pastéis e era, quase sempre, encontrada recurva, sobre o fogão. Os que passavam por ela davam-lhe palmadas sobre as nádegas, perguntando-lhe: "Estão prontos, mãe Joana?"

CAVALO DE CAMPO NÃO COME PASTO CORTADO.

Colhemos, sobre o extremo da

fronteira do Chui, nas seguintes condições: No Hotel, onde nos hospedávamos, chegou, certo dia, um grupo de viajantes. Depois da refeição, um deles, querendo gratificar à criada que os servira, lhe atirou uma moeda, que caiu no chão. O companheiro quis repreendê-lo pela descortesia do gesto doador, mas um garçon, que assistira à cena, interveio: "Está bem assim: cavalo de campo não come pasto cortado". — Por outras palavras: quem está habituado às cousas simples e naturais, não compreende as superiores e finas.

ÁRVORE D'ESPINHO PINICA DE PEQUENINHO.

É a referência à floração, ainda no começo, dos maus instintos. Lembra um conceito de E. Rostand: "Quem tem de ser faca, nasce, já, com tèmpera de canivete". Humberto de Campos, comentando o conceito de Rostand, considera-o variante da cantiga popular: quem é bom já nasce feito. — No fundo, transparece, mais uma vez, aqui, o sentimento da fatalidade, colocando essas tendências perniciosas do indivíduo ao de cima da ação educadora ou repressora, parecendo não caber à vontade humana o modificar a natureza.

CACHORRO QUE COME OVELHA SÓ MORTO SE ENDIREITA.

Nova confissão da impossibilidade de se corrigirem certos defeitos, de se enteararem as tendências que dominam os seres.

BATE MACHADO NO PAU, CA-
VO PEGA A VOA.

Parece referir-se à fuga, diante da agressividade dos tímidos ou pequenos(?).

O GALO CANTA SÓ ONDE TEM
MORADÔ.

Talvez exprima o sentimento da solidariedade como necessário à nossa satisfação.

SE O ALECRIM VERDE CHEI-
RA, O SÊCO CHEIRA DO-
BRADO.

Verso de cantiga popular. As-
sim continua a quadra:

"Nada melhor neste mundo
Que amor velho renovado."

Compreende-se o sentido e a aplicação: O amor ao passado que é mais firme quando volta à atividade.

INVERNO SEM MINUANO É
COMO CHURRASCO SEM
FARINHA.

Minuano — vento frio e sêco, que sopra, violentamente, durante o inverno, do lado do sudoeste, vindo dos Andes e passando pela região, primitivamente, habitada pelos índios Minuanos, de que tirou o nome. Este vento vem depois das chuvas copiosas do inverno e serve muito para a salubridade da região (Romanguera Corrêa). A temperatura se torna agradável e o ar sêco, o céu lim-

pido nos trazem bem-estar e saúde. — *Churrasco* — pedaço de carne sangrenta e mal assada sobre as brasas ou labaredas e que constitui o preferido e poderoso alimento da população do interior, principalmente, em tempo de guerra, quando se torna em principal, se não único, gênero de alimentação. É palavra que nos veio da América Espanhola. Ex.:

"Em seguida na mesa da varanda Tendo a faca de ponta na bainha, Deixar esta na cinta e com aquela Comer gordo *churrasco* com fari-
[nha.

(Mucio Teixeira).

Este adágio é genuinamente gaúcho, pois, joga com palavras locais e se refere a cousas também regionais. Significa a necessidade de andarem certas cousas e pessoas sempre juntas, isto é, uma isolada da outra nos dá a sensação do fato incompleto.

CARRETEIRO É HOMEM QUE
NÃO SE APERTA.

A vida, cheia de precalços, desses modestos e anônimos fautores da vida econômica e comercial, exige deles uma grande capacidade, para vencerem os acidentes das estradas mal cuidadas ou inexistentes. Mil e um estratagemas devem usar para evitar tais perigos.

P'RA GATO VÊIO, CAMONDON-
GO.

Quer dizer: para quem é velho,

cousas tenras. Um homem já idoso casa-se com mulher nova.

NASCI COMO FILHO DE PERDIZ: CAMINHANDO.

Aplica-se a si mesmo, por farronada, valentia ou destemor.

AMOR DE CHINA É COMO FOGO EM FACHINA.

China — mulher de índio; mulher de côr morena carregada; mulher pública; mulher amada. — *Fachina* — lenha fina, erval, *fachinal*. Este termo é muito usado também e indica o lugar onde há muita *fachina*, lenha miúda ou ervas de certa altura. — Quer esse adágio referir-se ao amor de certas mulheres, fácil e efêmero, como o “fogo de palha” e encerra uma observação de desiludido.

A VIDA É UM RODEIO DE GADO ALÇADO E P’RA VOCEIS É UM RODEIO DE TAMBEIRO.

Rodeio — lugar no meio do campo, onde se reúne o gado, quando se quer lidar com êle. — *Alçado* — diz-se do gado que, por qualquer motivo, não vai ao curral, vivendo em lugares afastados, donde só sai a horas certas. — *Tambeiro* — touro ou boi manso, que foi acostumado, desde muito novo, ao *chiqueiro* e, por conseguinte, filho de vaca mansa, da qual se tirava leite. Derivado do vocábulo hispano-americano: *tambo* — estábulo. — Para muitos, a vida é cheia de óbices; para outros é um desfiar de facilidades.

AQUILO É MAIS MATREIRO QUE GRAXAIM.

Matreiro — que vive no mato, fugidio. Diz-se também de pessoa esquiva, que foge a tudo ou de indivíduo esperto. — *Guaraxaim* — pequeno quadrúpede, muito semelhante ao cão, que costuma roer cordas de couro e comer aves domésticas. Só aparece pelas caladas da noite, e tem também o nome de *zorro* ou *sorro*, de origem platina, como é mais conhecido. Diz-se também que é um animal de grande fôlego, só morrendo com muita dificuldade. Com essas interpretações, aclara-se o seu sentido: o da astúcia e resistência. Callage diz que esse animal é o símbolo da fraqueza e da cobardia.

MAIS FALSA QUE COBRA ENGABELANDO SAPO.

É a falsidade atribuída, aqui, à mulher.

ATÍÇAR FOGO PARA CHURRASCO DOS OUTROS. — AQUENTAR ÁGUA PARA OUTRO TOMAR MATE.

Trabalhar para outro gozar dos frutos. Preparar negócio para outrem.

MAIS VAQUEANO DO QUE SORRO VELHO.

Sorro ou *zorro* — o mesmo que *guaraxaim*, ou *graxaim*. — *Vaqueano* — (comum a outros Estados). Pessoa prática em guiar

viajantes ou tropas, por conhecer, palmo a palmo, o terreno por onde anda. — Significa um perfeito conhecedor de caminhos, estradas, atalhos, passos, etc.

QUANDO URUBÚ ANDA SEM
SORTE, NÃO HÁ GALHO DE
PAU PODRE QUE O AGÜEN-
TE.

De sentido e aplicação iguais a outros já registrados.

NÃO TE APOTRES QUE DOMA-
DORES NÃO FALTAM.

Apotrar-se — ficar como potro, exaltar-se, embravecer. — Para todo valentão há sempre outro.

HOMEM QUE ANDA EM RODAS
DE MULHERES É CAVALO
EGUARIÇO.

Eguariço — é o cavalo que só acompanha as éguas. — Diz-se do homem que só está bem entre mulheres — efeminado.

MULHER SARDENTA E CA-
VALO PASSARINHEIRO...
ALERTA, COMPANHEIRO.

Passarinheiro — cavalo cheio de sestro, assustadiço, que costuma sacudir a cabeça e lombear o corpo de um lado para outro. — É o conselho sobre as *virtudes* da mulher sardenta, que o gaúcho compara às arteirices desses cavalos.

ÉGUA DA MINHA MARCA NÃO
REFUGA PASTOR.

Pastor — garanhão, animal “in-

teiro”, reservado para fecundar as éguas. — *Marca* — instrumento de ferro com que, depois de pôsto em brasa, se marcam os animais, para distingui-los, conforme o proprietário. — Refere-se à obediência de uma filha na imposição, pelos pais, de um marido(?). Pode bem significar o espírito de resolução e decisão, aceitando os acontecimentos.

MAIS SINAIS DO QUE MAN-
CHAS TEM UM BOI SALI-
NO.

Salino (refere-se ao gado *vacum*) — o que tem o corpo salpicado de pintas brancas ou pretas ou vermelhas. — Quando se quer referir ao acúmulo, num só indivíduo, de erros ou vícios.

TEM MAIS LANHOS QUE A PI-
CANHA DE UM REIÚNO
EMPACADOR.

Picanha — parte lateral da região lombar da rês, ou, melhor, segundo Romanguêra Corrêa, depressão correspondente à fossa ilíaca externa. — *Reiúno* — diz-se do animal, cavalo que pertence ao governo, ou que não tem dono, ou, pelo menos, é de propriedade desconhecida, e que, porisso mesmo, todos se julgam com direito a êle (Romanguera Corrêa). — *Empacador* — diz-se do animal (cavalo ou mula) quando se detém num ponto e daí só se afasta e segue a marcha, sob pancadas. — A sua aplicação se refere ao indivíduo cheio de marcas ou provas de mau gênio.

MULHER RABIOSA... NÃO HÁ
MANEIA, NEM BUÇAL QUE
SUJEITE.

Maneia — pequena peça de couro feita em forma de “colhera”, que serve para prender as mãos do cavalo para não fugir. — *Buçal* — peça de couro que se coloca na cabeça e pescoço do cavalo. — É bem uma “charge”, sôbre as dificuldades que impossibilitam a ação frenadora do homem sôbre o gênio da mulher raivosa.

ESTANCIEIRAS OU PEONAS, É
TUDO A MESMA COUSA...
TUDO É BICHO CABORTEI-
RO.

Estancieiras — mulheres de estancieiros, proprietários de estâncias ou fazendas de criação. Derivado do vocábulo hispano-americano e diferente do português. — *Peonas* — feminino de peão, serviços de estância, empregadas ao serviço do campo e outros misteres da fazenda. Peão é o termo empregado, em todo o Estado, quer, na cidade, quer na campanha, e diz respeito a todo e qualquer empregado de categoria inferior. — *Caborteiro* — manhoso, velhaqueador, animal que não anda direito. Pessoa velhaca, esperata. — Este adágio tem um profundo sarcasmo. A mulher, criada ou patroa, é sempre a mesma; tem a mesma fragilidade ou astúcia do sexo.

É COMO UM PASTOR NO FARO
DE UMA GUINCHA.

Guincha — o mesmo que égua.

— Quer exprimir a ânsia do perseguidor à cata de qualquer ser ou cousa.

RENITENTE COMO MÔSCA DE
RAMADA.

Ramada — ligeiro carramanchão coberto de folhagens ou ramos, onde costumam descansar os campeiros, que para aí também recolhem seus arreios e cavalos ensilhados ou não, afim de preservá-los do sol ou da chuva. Romanoguêra Corrêa cita a significação que ao vocábulo lhe dá Aulete de — abrigo onde no campo se costuma recolher o gado vacum — mas acha que a ramada rio-grandense não é bem isso. — Diz-se do sujeito impertinente, teimoso, importuno, maçante, cacete.

O TEMPO CORRE COMO ÁGUA
DOCE DE SANGA CHEIA.

Sanga — pequeníssimo arroio, regato despraiado no mato ou nas canhadas. Quando vem a época das chuvas, as sangas se transformam em cursos d'água muito fortes, mas que logo secam. — A vida corre, passa...

TEM PINTA DE TAMBEIRO,
MAS É TOURO CUPINUDO.

Cupinudo — pescoço, que tem grosso e saliente toutiço. (Vem do *cupim*, do guaraní *cupit*, espécie de formigas, cujas habitações, em forma de montículos, têm também aquele nome). Refere-se, neste caso, ao gado vacum, respeitado, temido, forte, ossudo, valente.

Ex.: Aquele sujeito é *cupinudo*; com êle ninguém se intrometa (Romanguera Corrêa). — Vê-se que significa o indivíduo com aparência de tímido, fraco, mas, na realidade, forte e valente.

COME COMO CHIMARRÃO E
DORME COMO LAGARTO.

É a vida do que come e dorme, despreocupado dos trabalhos. — (Já demos, anteriormente, a significação de “chimarrão”, cão bravo, não doméstico; não confundir com a bebida tão nossa).

FILHO DE TIGRE SAI MALHA-
DO. — FILHO DE TIGRE
OVEIRO SAI.

Oveiro — o que tem manchas vermelhas ou pretas, sobre o corpo branco. Do castelhano — “ove-ro”, é empregado em lugar de “fouveiro”. — É referência às inclinações boas ou más de quem as herda, pelo nascimento.

O SORRO ENTROU NO GALI-
NHEIRO.

Sorro — já explicámos o sentido. — Aplica-se ao fato de alguém se encontrar como quer.

DORMIA COMO QUERO-QUERO,
FAREJAVA COMO CERVO E
RASTREAVA COMO ÍNDIO.

Rastrear ou *rastear* — ir pelo rastro, procurar alguma cousa. — *Quero-Quero* — ave da ordem dos pernaltas. É comum no Rio Grande. Vive no campo, na costa das

restingas ou à beira de lagoas. É um símbolo da campanha gaúcha. Ao menor sinal, mesmo a deshoras, desperta e emite o seu grito cristalino onomatopaico de *quero* repetido — *quero-quero*. Roque Callage chama-a sentinela alerta dia e noite, como ronda ataneira da campina. — Aplica-se o adágio a quem possui êsse valioso conjunto de vigilância, espreiteza e trabalho.

ISTO É MAU OLHADO DE RON-
COLHO MIRONE.

Roncolho — não encontramos êsse vocábulo registado nos dois vocabulários citados. C. de Figueiredo o regista, como adjetivo: o animal que só tem um testículo, mal castrado, toiruno. — Parece dirigir-se a uma infelicidade ou também a um sentimento de desprezo.

RABO DE SAIA É SEMPRE PRE-
CIPÍCIO PR'OS HOMENS.

É a preocupação eterna pelas desgraças que acompanham o amor. — A desconfiança do gaúcho.

MEMÓRIA MAIS ESBURACADA
QUE PONCHO DE CALAVERA.

Poncho — agasalho de pano grosso cortado de maneira arredondada e com pequena abertura no centro, por onde se enfia no pescoço. — *Calavera* — velhaco, o mesmo que caborteiro. — Aplica-se a quem tem mais faltas do

que buracos em um poncho de gaúcho ordinário.

FILHO DE ÉGUA BOA LEITEIRA.

É o elogio à boa descendência.

O POTRILHO COCEOU NA MARCA.

Potrilho — potranco de poucos dias. — Diz-se de alguém que, ainda em pequeno, já se mostrou violento, de mau gênio.

DEU-LHE UM CHÁ DE CASCA DE VACA.

Casca de vaca — rêlho fabricado com couro de vaca. — É equivalente ao “chá de vara de marmeleiro” e significa castigo físico.

NEM UMA PETIÇA ARRASTADEIRA D'ÁGUA E PORONGUDA ACHOU PARA CONSÓLO DA VIDA.

Poronguda — vem de porongo, de que se faz a cuia de mate. Diz-se do animal que tem as juntas dos joelhos, para baixo, engrossadas. — Aplica-se ao homem que não teve, na vida, o consólo do amor de nenhuma mulher.

BAGUAL ASSIM VIRA REIÚNO.

Bagual e *reiúno* já explicados. — Quer dizer que, diante da dificuldade de educação, o sujeito está fadado a viver fora da sociedade.

SAUDADE DE BURRO CHORO LONGE DAS ÉGUAS.

Choro — Não registado: burro branco que serve para a reprodução. — É a saudade do homem pela mulher.

VACA MACHORRA É NOVILHO.

Machorra — vaca estéril. Diz-se da mulher que não tem prole. A seguinte quadra popular esclarece o sentido pejorativo:

“Vaca machorra é novilho,
Diga você o que quisé,
Muié que não teve filho
É home, não é muié.”

ÉGUA CORRIDA SEM PASTOR SEMPRE ACHA UM RETALHADO.

Pastor — garanhão. — *Retalhado* — diz-se do pastor ou animal inteiro que sofre uma operação que o torna incapaz da função reprodutora, servindo, no entanto, para reunir as fêmeas a serem fecundadas por outros animais. Diz-se da mulher que, quando presa do desejo, consegue sempre um homem, por pouco que este valha. É uma variante, *mutatis mutandis* do “nunca falta um chinelo velho para um pé doente”.

VOU TE ENSINAR COMO SE APARAM OS CORNOS DE TOURO BRAVIO.

Encerra uma ameaça aos que “bancam” de valentões.

NÃO CRIES GUACHO; MAS CRIA
PERTO DE TEU OLHAR O
POTRILHO P'RO TEU AN-
DAR.

Guacho — já foi dito a respeito.
— Devemos ter, sob os olhos,
aquilo que nos interessa: os fi-
lhos, os negócios.

DOMA TU MESMO O TEU BA-
GUAL: NÃO ENFRENES NA
LUA NOVA, QUE FICA BA-
BÃO; NÃO ARREIES NO
MINGUANTE, QUE TE SAI
LERDO.

Bagual — já foi registado. —
Enfrenes — enfrenar, colocar o
freio na boca do cavalo. — *Ar-
reies* — de arreios. — Ainda o
conselho do cuidado direto, pelo
dono, dos seus interesses.

NÃO GUASQUEIES SEM PRECI-
SÃO, NEM GRITES SEM
OCASIÃO; E SEMPRE QUE
PUDERES PASSA-LHE A
MÃO.

Devemos sempre agitar sem pre-
cipitações, no momento preciso e,
sempre que possível, evitar a ação
violenta, esquecer, perdoar, etc.

SE ÉS MATURANGO E CHAS-
QUE DE NAMORADO, MAN-
CAS O TEU CAVALO, MAS
CHEGAS; SE FÔRES CHAS-
QUE DE VIDA OU MORTE,
MATAS O TEU CAVALO E
TALVEZ NÃO CHEGUES.

Maturango — que monta mal ou
que não entende dos serviços de
campo. Sinónimo de *baiana*. Inhá-
bil, pouco prático. — *Chasque* —
vocábulo hispano-americano que

significa: próprio, correio a-ca-
valo, indivíduo que leva notcias,
comunicações de um ponto para
outro. Caracteriza-se pelo galo-
pe ou trote largo, que deu ori-
gem a — *chasqueiro*, *tróte-chas-
queiro*. — Diz-nos da boa ou má
fortuna em certos negócios da
vida.

A MAIOR PRESSA É A QUE SE
FAZ DEVAGAR.

É uma variante do “vagar, para
ir depressa”.

SE TENS VIAJADA LARGA, NÃO
FAÇAS PULAR O TEU CA-
VALO: SAI AO TRANCO
ATÉ O PRIMEIRO SUOR SE-
CAR; DEPOIS AO TROTE
ATÉ O SEGUNDO: DÁ-LHE
UM ALCE EM TERCEIRO E
TERÁS CAVALO PARA O
DIA INTEIRO.

Tranco — marcha não apressa-
da, passo, trote de cavalo. — *Alce*
— folga, descanso. — É ainda o
conselho salutar de saber econo-
mizar as forças de que dispomos
para obter delas todo o resultado.

FALA AO TEU CAVALO COMO
SE FÔSSE À GENTE.

Devemos de nos identificar com
os animais que nos servem.

SE QUERES ENGORDAR O TEU
CAVALO TIRA-LHE UM PÊ-
LO DA TESTA, TÔDAS AS
VEZES DA RAÇÃO.

Não conseguimos uma interpre-
tação lógica desse conselho. Vá-

rias pessoas entendidas não nos deram uma aplicação satisfatória. — Parece-nos que se trata do conselho, figuradamente, de vigiar o dono, em pessoa, a alimentação do seu cavalo.

NÃO TE FIES EM TOBIANO, NEM BRAGADO, NEM MELADO; P'RA ÁGUA, TORDILHO; P'RA MUITO, TAPADO; MAS P'RA TUDO, TOSTADO.

Tobiano — é raça cavalar que se distingue por manchas brancas em certos pontos do corpo escuro ou vermelho, ora na raiz da cauda ou em toda ela, ora nas orelhas e metade do corpo, etc. O tobiano vermelho é, geralmente, fraco e ruim. Romanguêra Corrêa diz que é derivação etimológica de Tobias. O brigado Rafael Tobias o introduziu, em São Paulo, donde trouxe, para aqui, alguns exemplares que se reproduziram facilmente. — *Bragado* — o animal que tem as pernas de côr diferente da do resto do corpo e diz-se ainda do que tem manchas brancas a atravessar-lhe a barriga. — *Melado* — o que é completamente branco, alvo, tendo quasi sempre os olhos ramelosos. São péssimos para a montaria êsses animais. — Aplica-se ao indivíduo albino. — *Tordilho* — côr em que predominam os pêlos brancos. No Norte dão a êsse pêlo a denominação de "tor-do". — *Tapado* — diz-se do animal que não tem nenhuma mancha branca. — *Tostado* — é uma variedade do alazão, que é mais difficil descrever do que conhecer

diretamente. — A experiência dos séculos incrustada na forma concisa dêsses conselhos.

SE TOPARES UM ANDANTE COM OS ARREIOS ÀS COSTAS, PERGUNTA-LHE: ONDE ESTÁ O BAIÃO?

Arreios — conjunto de peças com que se encilha, se aparelha o cavalo. — *Baio* — pelo amarelado, não só do cavalo, como do gado bovino. No nosso linguajar, há variedades dessa côr. — é a lição da experiência ainda que afirma a imprestabilidade dêsses animais.

MULHER, ARMA E CAVALO DO ANDAR, NADA DE EMPRESTAR.

Não há cousa que o gaúcho menos goste de emprestar — o seu cavalo. É fácil, pois, apreender-lhe o sentido.

QUANDO DOIS BRINCAM DE MÃO, O DIABO COSPE VERMELHO.

Qualquer *brinquedo* pode degenerar em luta sangrenta.

QUERO-QUERO CANTA PRUM LADO E TEM O NINHO PR'O OUTRO.

Diz-se da pessoa que está fingindo, que procura desviar o contendor, despistar.

CUIDADO COM A CORNADA DO BOI MANSO.

É cuidar-se da agressão que vem de quem menos se espera. Desconfiar do tolo aparente.

É ANDAR COM BOLAS SEM MANICLA.

Bolas — É um dos mais importantes utensílios do gaúcho, que serve para os trabalhos da paz e da guerra. São três pedras arredondadas, cobertas (retovadas) com couro de potro e presas por cordas trançadas ou retorcidas, chamadas “sogas”. As duas pedras maiores estão unidas por uma longa corda. A menor é chamada *manicla* ou *manica*. É esta que se agarra, para dar movimento às outras duas. Ao caírem sobre a anca ou lombo do animal perseguido, este se assusta e procura, aos couces, livrar-se da prisão, enredando-se mais. Quando bem manejadas são arma perigosa de que se servem, na guerra, os gaúchos platinos e rio-grandenses. — Quer dizer andar com falta de algo que nos é útil. Não ter o principal e sim o supérfluo, o acessório.

ESTAR O PARELHEIRO NA SUA CANCHA.

Parelheiro — animal tratado e cuidado só para correr. — *Cancha* — lugar plano e, geralmente, preparado para corridas. — Diz-se do indivíduo que está no seu meio, no seu “habitat”, no seu ofício.

O REDOMÃO JÁ FOI ENFRE- NADO.

Redomão — cavalo ainda não bem manso. — *Enfrenar* — já explicado. — O “redomão” já está mais domado, obedecendo às rédeas, podendo o buçal ser substituído pelo freio. — Diz-se do homem que já se conseguiu chamar à razão ou dominar.

VAMOS ENTREVERAR A MINHA CAVALHADA COM A DO VIZINHO.

Entreverar — de entrevêro — misturar-se, confusamente, um grupo de pessoas, animais ou cousas com outro. — Quer exprimir o ato de ligar famílias ou negócios.

COMER CARNE DE ANTA JUNTO COM ARROZ SEM SAL.

Passar mal de boca; estar na miséria.

MATUNGO APAIXONADO ATRÁS DE ÉGUA MADRINHA.

Matungo — cavalo inferior, abandonado. — *Égua madrinha* — é a égua com a qual se acostumam os cavalos que formam uma tropilha ou quadrilha. — Diz-se do sujeito dementado pela paixão por mulher.

O CAVALO PROCURA SEMPRE VOLTAR À QUERÊNCIA.

Querência — pago, lar, lugar onde nasceu e se criou o animal.

— Callage transcreve, como a melhor definição, a de Manuel do Carmo: “lugar onde se cria e vive um animal, e ao qual êle sempre aspira onde quer que esteja e pelo qual relincha de saudade; mais expressivo ainda do que pagos (lares); tão expressivo para designar o rincão que se *aspira* e pelo qual se *chora*, como a saudade o é para exprimir a lembrança triste que faz bem. O vocábulo querência deve ser introduzido na língua como já vai sendo *pagos*, pois não tem outro que o substitua”. Callage adianta que é tão forte êsse sentimento que, não raro, o cavalo foge donde está para o lugar onde nasceu e viveu, vencendo distâncias de dezenas de léguas. É vocábulo castelhano. — Refere-se ao sentimento da pátria, ou melhor, do berço e do lar. — O homem sempre procura voltar à casa onde nasceu e viveu.

VOU DAR A DESPEDIDA COMO DEU O QUERO-QUERO.

Quero-Quero — já explicado. — É a despedida de quem vai quasi fugindo, depois da festa.

É COMO CAVALO RANCHEIRO: NÃO SAI DE CASA.

Rancheiro — diz-se do homem caseiro, que não arreda pé do rancho, e diz-se do cavalo que, em viagem, procura chegar-se de todas as casas ou ranchos. — Refere-se ao homem que está muito preso aos afazeres do lar e não procura a companhia dos amigos.

CUIDADO COM O SUJEITO DE ARMADA GRANDE E BAS- TANTE RODILHA.

Armada — roda que se faz com o laço (ou qualquer corda) quando se vai arremessá-lo. — *Rodilha* — pequena roda junto à armada (laçada) e que se faz com o laço quando se vai atirar êste. — Diz-se do cuidado que se deve ter com o sujeito exagerado, espalhafatoso, “fiteiro”, mentiroso.

É COMO CRIA DE TATÚ OU DE MULITA.

Tatú — espécie de mamíferos. — *Mulita* — tatú pequeno, de carne muito saborosa e apreciada, na campanha. Geralmente, tem a barrigada de 8 a 11 filhos. A aplicação dessas palavras vêm, claramente, nesta quadrinha:

“O tatú mais a mulita,
É lei de sua criação,
Sendo macho não pode ter irmã,
Sendo fêmea não pode ter irmão.”

O Dr. Von Ihering, naturalista, aqui residente, observa que êsses mamíferos, em cada cria ou barrigada, têm filhos de um só sexo: ou todos machos ou todos fêmeas. — *Mulita*, de *mula*, por se assemelhar a uma pequena mula. — Refere-se, por fim, aos filhos de um só sexo existentes numa família. Nas “Lendas do Sul”, de João Simões Lopes Netto, vem contada essa lenda.

NEM A TIRO DE BOLAS, SE PODE APANHAR O QUE JÁ PASSOU.

Bolas — já explicado. — É a

irrevogabilidade do tempo que passou.

O QUE FOI FOI: AMANHÃ SERÁ OUTRO DIA.

É o fatalismo das cousas sucedidas, com a eterna esperança de melhor sorte.

DORMIR COMO VEADO NA COXILHA.

Coxilha — colina, cêrrô de pequena altura. — Refere-se à vida agitada, cheia de vigilância.

FICA RELINCHANDO COMO POTRO CORRIDO DA MANADA.

Potro — já registado. — *Manada* — certo número de éguas que acompanha um garanhão. — É o mesmo que lote. — Diz-se do homem que é afastado, expulso do convívio dos amigos e fica a lamentar-se.

P'RA AGARRAR UM COXO, O MELHOR É VÊ-LO ANDAR.

É claro o seu sentido: pelos atos se conhece o indivíduo, não pelo que afirma ou exhibe.

TENTO PODE SER QUE EU TIRES DO TEU COURO.

Tento — tira ou guasca de couro aplicada em diversos misteres da vida pastoril. — Diz-se, como ameaça, a alguém a quem se quer aplicar um castigo ou lição.

URUBÚ DE CARNIÇA NASCE BRANCO; QUANDO CRESCE FICA PRETO.

Carniça — rês morta abandonada no campo em estado de putrefação diz Callage, que diverge da significação de Romanguêra. Já explicámos essa divergência. — Refere-se a alguém que, na infância, é bom e se torna, depois de homem, mau.

JOÃO GRANDE É PRETO QUANDO NASCE, DEPOIS FICA BRANCO.

João-Grande — cegonha, pessoa alta. — É uma recíproca do anterior.

P'RA UM GUAPO, OUTRO GUAPO.

Guapo — animoso, resistente. É como que um desafio; p'ra um valente outro valente.

TROPA DE GADO QUE NUNCA VIU MANGUEIRA.

Tropa — grande porção de gado. — *Mangueira* — o mesmo que curral. — Referência à gente que não conhece as regras da civilidade, que vive fora da sociedade, ao Deus dará.

GARRA DE COURO QUE QUALQUER SE ADONA.

Refere-se à cousa velha, abandonada, inútil de que qualquer pessoa se apropria e de que ninguém faz caso.

TEM BOM PASTO O POTREIRO
DO TEU RANCHO.

Potreiro — o mesmo que piquete, pequeno campo cercado, próximo aos estabelecimentos pastoris, onde se recolhem ou se encerram os animais cavaleares destinados aos afazeres quotidianos. — É a confissão de que nos agrada o que pertence a outrem.

O MEU CAVALO JÁ ENCHEU
BARRIGA DE CORVO.

Diz-se do cavalo ou pessoa que já morreu.

A VIDA É COMO VACA TAMBEIRA QUE ESCONDE O
MELHOR LEITE.

Tambeira — já explicado. — É a afirmação de que a vida, como madrastra, esconde, para alguns, as melhores cousas...

NINGUÉM JANTA NO RINCÃO
ONDE EU RINCHO.

Rincão — já registado. — Expressão viril de um desafio, com o qual alguém se declara único senhor de uma situação.

O MAIS CANCHEIRO PERDE
UM DESAFIO.

Cancheiro — que está habituado a correr em cancha direita. — Aplica-se-o a quem vê chegar o seu dia de desgraça. Ninguém escapa a esse dia.

O REBANHO QUE PASTA EM
TERRA NEGRA, A LÃ TEM
MAIS VALOR.

Diz-se da gente que vive, em boa terra. Afirma-se a noção de que o homem e, portanto, a raça é produto do solo sobre o qual vivo.

GAUCHO É COMO CINAMOMO.

Vargas Neto, que o regista, explica-lhe o sentido, dizendo que da ponta da raiz desse conhecido vegetal brota, de novo, outro cinamomo. Por esse modo, também se sucedem as gerações dos gauchos na perpetuidade da bravura da raça.

GAUCHO É MESMO QUE CAPIM
TEIMOSO.

Vargas Neto, insistindo na exaltação dos predicados do gaucha, faz o mesmo igual ao capim que, morto pelas geadas das invernias ásperas, renasce, teimoso e verde, na primavera.

É O CACHORRO GANDEIRO DO
RINCÃO.

Gandeiro — parasita (gandulo); o que, não tendo ocupação, vive à custa de outrem, aqui e ali. — Cachorro gandeiro é o que não tem dono e vive roubando. — É uma referência deprimente à pessoa do lugar.

BOI VELHO TEM CARACA GROSSA NAS ASPAS.

Caraca — expressão que os vo-

cabulários não registam. São uns anéis, que formam uma espécie de caspagem grossa, que ataca a raiz dos chifres (guampas) do boi velho. — É corrente, na campanha, que esses anéis marcam a idade do animal, na seguinte proporção: o primeiro anel equívale a três anos, depois um por ano. — Aplica-se ao indivíduo já avançado em anos e cansado da vida.

CÉU PEDRENTO, CHUVA OU VENTO.

Prenúncio do tempo, dado, pelo aspecto das nuvens muito comum no inverno.

CADA PORCO EM SEU CHI-QUEIRO E CADA PINTO EM SEU POLEIRO.

É, pura e simplesmente, o conselho de que cada qual no seu lugar, ou, mais figuradamente, “cada macaco no seu galho”.

CORRIDO CAMPO FORA, COMO BAGUAL MATREIRO.

Bagual — já explicado. — *Matreiro* — idem. — Diz-se de alguém que, por sua índole bravia, é pôsto campo fora, isto é, afastado do convívio.

CADA UM COM A SUA SINA.

Mais uma demonstração do espírito de submissão à fortuna, na qual o gaúcho se refugia.

CADA QUAL COM A SUA “LUA”.

Variante do anterior, na qual

se figura a fatalidade do nosso temperamento, da nossa “lua”.

FILHA DE POBRE, SE PERDE
O PAI, É COMO ÔVO GUA-
CHO.

Ôvo guacho — o ôvo que o avestruz e outros animais põem fora do ninho ou no ninho dos outros. — Refere-se ao abandono em que fica a mulher, sem o apóio paterno, na sociedade.

RÊS ONDE EU SENTO A MAR-
CA ME PERTENCE E SÓ EU
DERRUBO.

Demonstração figurada do espírito de propriedade, em que alguém firma o seu direito de “barão e cutelo”. Aplica-se, também, como aviso a quem pretender invadir domínios materiais e morais do proprietário.

P’RA ESTAS ÉGUAS DA CIDA-
DE, NÃO HAI CABRESTO,
NEM PALANQUE.

Cabresto (clássico em português) — peça de couro pela qual se puxa ou se amarra o cavalo e que é presa ao buçal. — *Palanque* — (palavra portuguesa muito usada no Rio Grande do Sul, mas com sentido diverso). Pau grosso e forte que é fincado no chão, onde se ata o cavalo à soga ou se deixam os animais presos pelo cabresto ou pela rédea. — É que a mulher cidadina está mais livre da submissão ao lar, tem mais liberdade. É insubmissa. Ninguém a retém.

É PRECISO DORMIR DE FREIO
NA MACEGA.

Maccga — arbusto de pequena altura que cobre os campos, em geral de má qualidade. — Parece tratar-se da precaução com que o homem se tem de haver, nos momentos de perigo, quando dorme fora de casa, escondido na macega, com o cavalo sempre à mão.

QUANDO A SÊCA É GRANDE
NÃO HAI COMO TOCAR FO-
GO NO PASTO RUIM P'RA
QUE VENHA O BOM.

É referente à necessidade de, muitas vezes, sacrificar alguma coisa, para obtenção de outra melhor.

QUANDO O CAMPO FICA CHEIO
PRECISA QUE SE ALIVIE.

É uma espécie de "maltusianismo".

TEM MAIS TRETAS QUE GUA-
RAXAIM VELHO.

Variante de adágios anteriores, em que figura a esperteza do guaraxaim.

ATÉ SÃO BENEDITO É CAPAZ
DE CLAREAR NO ORATÓ-
RIO.

Quando se trata de um ato impossível de se realizar, como esse do santo preto ficar branco.

EM ANIMAL CHUCRO TODO DE-
FEITO ASSENTA.

Chucro — brávio, esquivo. —

Ao sujeito sem educação ou inculto, tudo que é mau se desculpa.

SANGUE QUER VIDA, SANGUE
QUER CORPO.

É a vingança feito lei.

DEUS É GRANDE E A VONTA-
DE DE VIVER É MAIOR.

A ânsia pela vida obriga o gaúcho a confiar em Deus e em si mesmo.

APORREADO VELHO TAMBÉM
LÁ VEM DIA QUE SE EN-
TREGA.

Aporreado — cavalo aporreado, matungo aporreado — aquele que o domador nunca conseguiu amansar, acabando por abandoná-lo de todo. É que todos têm o seu dia e, por mais voluntarioso que se é, chega-se ao momento de ceder.

PALHA DE MILHO QUE VOA
CONFORME DÁ O VENTO.

Refere-se aos inconstantes, aos instáveis e, principalmente, à mulher. É a canção da "dona é móvel, qual piuma al vento". — O "Souvent femme varie..."

DE UMA PONTA DE TOUROS A
VACA VAI LAMBER A ORE-
LHA DO QUE GOSTA.

Ponta — já explicado. — Quer dizer que a mulher procura, por si mesma, o homem, de nada valendo requestá-la.

O RETALHADO DEU P'RA FAZER VISAGENS.

Retalhado — já explicado. — O indivíduo imprestável, de momento, se julgar capaz de grandes ações, demonstrado, por gestos e palavras, suas pretensões.

O TOURO NÃO ESTIMA A CRIA QUE "BOTA".

Cria — gado novo, que ainda está se desenvolvendo. — *Botar cria* — parir, reproduzir. — Diz-se do homem que não se preocupa com a prole.

EM CIMA DO MANANCIAL É QUE O CAPIM É MAIS BONITO.

Parece aplicar-se à abundância dos bons frutos nas épocas ou ações boas.

O MUNDO É REDONDO COMO UMA BOLA DAS "TRÊS-MARIAS".

Três-marias — o mesmo que boleadeiras, que já registámos. — É que, mais cedo ou mais tarde, voltaremos ao ponto donde partimos, um dia.

ESTÁ COM O OLHO NO TIÇÃO E O RANCHO ESTÁ ARDEN-DO.

Rancho — casebre feito de pau a pique coberto de fôlhas (quasi sempre de butiá ou santa-fé), tendo como porta um couro ou algumas aduelas de barrica pregadas

umas às outras. É o mesmo que choupana, choça, cabana. — Diz-se de quem pensa em outra cousa, em vez de cuidar do mais importante.

NÃO ATROPELE NO REPECHO.

Repecho — subida, costa íngreme, de um cêrro ou coxilha, ladeira. — É conselho a quem, num trecho difícil da vida, quer forçar os fatos ou argumentos, esquecendo de que lhe poderão faltar as forças.

AQUILO É COMO UM NINHO DE SORRO.

Sorro — já explicado. — É o lugar onde mora gente ordinária, má, de vida criminosa.

RETALHADO NÃO SE ENFEITA.

Retalhado — já explicado. — É o homem incapaz de ter mulher ou reproduzir-se.

EM PILUNGO, ATÉ AS ÉGUAS VELHAS DÃO COUCE.

Pilungo — cavalo ruim, matungo. — É o indivíduo inútil, sem préstimo, que todos maltratam.

NEM TODO O MÊS É DOMINGO.

Os dias são para o trabalho; não são, na maioria, de ócio.

NÃO HÁ CAMPOS POR MAIS LIMPOS SEM BURACO DE "TUCO-TUCO".

Tuco-tuco — pequeno quadrúpe-

de roedor, do tamanho de uma ratazana, que vive em buraco de grandes dimensões. O seu nome é onomatopaico do ruído que faz. — É que devemos sempre ter cuidado com as surpresas. Todas as cousas, por melhores que nos apa-reçam, têm o lado mau.

MAIS FILHOS QUE NINHADA
DE SORRA.

Fácil compreensão.

DE BAGUAL NINGUÉM LEVA
COICE, MAS DE MATUNGO
MANSO...?

Devemos sempre ter cuidado
com quem menos suspeitamos ca-
paz de uma agressão: é donde
vem o maior perigo.

BAÚ DE MULHER VELHA
CHEIO DE BUGIGANGAS.

É o sujeito que vive aferrado ao
passado, a recordar cousas velhas,
inúteis.

QUEM NÃO TRAPACEIA SE EN-
TENDE LOGO.

Isto é, quem é limpo em seus
negócios não titubea e nem tem
evasivas. É franqueza e lealdade
no negócio.

NA TROPILHA DE PETIÇOS, O
MATUNGO VAI ATRÁS.

O homem experimentado ou inú-
til não pode acompanhar os mais
moços ou ágeis.

NO TOURO SAMPA-SE O LAÇO,
QUE QUANTO MAIS COM-
PRIDO MELHOR, E PARA
CAVALHADA BOLA CHAR-
RUA.

Sampa — não encontrámos re-
gistado. Atirar, arremessar. —
Bola charrua — bola grosseira,
feita de pedra rude ou caco de
panela. — Diz-se do touro que
deve ser laçado com laço compri-
do, para evitar-se o tirão. Para o
cavalo basta a bola. — O indiví-
duo temido deve ser pôsto à dis-
tância, evitado. Quanto mais lon-
ge melhor.

NESTA OVELHA NÃO VAI RE-
GEIRA.

Regeira — não encontrado nos
vocabulários locais. Maneador so-
vado com que se prende a ovelha
e governa, (regêr?) a guisa de ré-
dea, o boi que vai do lado de fora
do arado, na lavração ou nas car-
retas. É do indivíduo que se não
deixa prender, nem governar, de
que se fala aqui.

SERVE P'RA TUDO COMO AL-
PARGATA VELHA.

O sujeito que exerce todos os
mistérios da campanha, como o
chinelo velho.

ANDA COMO PÃO QUE NÃO SE
VENDE E DÍVIDA QUE NÃO
SE PAGA.

É referente ao indivíduo inútil
e perdido.

GAUCHO É COM GAUCHO QUE
SE PECHA.

Pechar-se — encontrar-se à dis-
pada, dar pechada ou encontrão
em outrem. — Um homem deve
se haver com outro homem, igual
para igual.

SÓ DOIS PRAZERES CONHEÇO:
CAVALO GORDO E MU-
LHER.

De clareza cristalina, a sua sig-
nificação.

MORA DEBAIXO DO CHAPÉU E
DENTRO DA CAMISA.

É quem nada tem, para viver,
sem lar e prazeres.

CAVALOS QUEM FAZ É O DONO.

Do educador depende o resulta-
do na formação dos seus filhos ou
empregados.

NÃO HAI CONTA QUE NÃO SE
ARREGLE.

De sabor castelhano, como mui-
tos outros adágios, este quer sig-
nificar, ao mesmo tempo, que tudo
se arranja, para tudo há acomoda-
ção e que o dia do ajuste de con-
tas chega, finalmente.

NÃO É COM OS OLHOS QUE SE
VÊ, É COM O CORAÇÃO.

É a intuição, o pressentimento
de que uma cousa não é o que pa-
rece." Diz-me o coração..."

POR ONDE ELE PASSA, NEM
OS QUERO-QUERO CANTAM.

Aplica-se ao indivíduo que con-
segue iludir a vigilância dos ou-
tros. Poderíamos também inter-
pretá-lo como sendo o caso do in-
divíduo a quem ninguém liga im-
portância.

CADA PONTA TEM UM TOURO.

Ponta — já registado. — Diz-
se das mulheres que sempre têm
um preferido e também de que
todo grupo humano tem um chefe.

QUANDO UM NÃO PODE É LAR-
GAR A QUERÊNCIA AO QUE
TEM MAIS FORÇA.

Querência — já registado. — É
o princípio biológico do mais forte
aplicado a vida social, onde o Di-
reito não adquiriu a sua hegemo-
nia.

ANTES BOI DE VERDADE QUE
OUTRA COUSA.

Alcides Maya regista-o e o apli-
ca ao gaúcho enganado pela china.

TENHO MAIS MEDO DE ZORRO
VELHO QUE DE TIGRE NO-
VO.

Zorro — já explicado. — Alci-
des Maya lhe dá o sentido (Alma
bárbara), dizendo que o tigre se
atira e dá o bote na certa. É mais
fácil a espera. É mais temido
o homem astuto, experimentado,
traíçoeiro do que o ousado, o va-

lente, o que agride a peito descoberto.

TOSTADO, ANTES MORTO, QUE CANSADO.

Tostado — pêlo de cavalo já registado. — É proverbial a má fama desses cavalos. Aplica-se à preferência da morte à inutilidade dos seres.

TORDILHO N'AGUA É MELHOR QUE CANOA.

Tordilho — já registado. — Refere-se às ótimas qualidades dos cavalos desse pêlo.

É MELHOR ANDAR A PÉ DO QUE MONTAR EM BURRO MAGRO.

Quer dizer que é preferível confiar nas suas próprias forças, isolado, do que se associar, em certas empresas, a alguém que não tem qualidades ou valor para a sua execução perfeita ou certa.

FACA QUE NÃO CORTA, PENA QUE JÁ NÃO ESCRIVE E AMIGO QUE NÃO SERVE, QUE SE PERCA, POUCO IMPORTA.

Alude-se a pessoas que, como cousas de nossa vida quotidiana, já não nos prestam os serviços que se esperavam do seu uso. Delas podemos nos desfazer, porque não nos prejudicará o seu abandono.

ARUÁ QUE NUNCA TOMOU CAFÉ.

Aruá ou *arruá* — espantadiço, arisco, indócil, colérico. O mesmo que *puáva* e este o mesmo que *fuá*. — É o sujeito que não tem noção da vida social.

NÃO TROCA O XIRIPÁ POR CALÇAS.

Xiripá ou *chiripá* — vestimenta característica do gaúcho, hoje em franco desuso, no Rio Grande do Sul. É feita de um metro e meio de fazenda, que, passando por entre as pernas, é apertada, na cintura em suas extremidades anterior e posterior, por uma cinta de couro ou "tirador". Serve de calças ou bombachas. — Romanguêra Corrêa faz ver que o Visconde Rohan se enganou, quando disse que o *xiripá* era usado por cima das calças, quando ele as substitue, pois, é usado sobre as ceroulas, quasi sempre. Na Argentina, ele é mais usado do que entre nós. — Diz-se de quem não troca o que lhe é hábito, por outra cousa, embora melhor. Também se refere ao sujeito que não aceita imposição do progresso, preferindo o seu passado e o seu presente.

PORONGO SEMPRE DÁ CUIA.

Cuia — Objeto feito de porongo, onde se colocam a erva e a água fervente do mate e se introduz a bomba (canudo pelo qual se chupa a infusão de mate). — Refere-se à certeza de que uma cousa

ou pessoa deverá obedecer a uma forma ou idéia.

PARAR RODEIO DE MAMÕES MARCADOS NA PERNA.

Marcado na perna — é o gado vacuum manso, pois o gado chucro é marcado nas costelas. — É um tom depreciativo com que se figuram indivíduos dóceis e submissos.

ALÇOU-SE A MELHOR TOURADA DO RODEIO.

Alçar-se — fugir para os matos ou banhado, não obedecendo aos condutores ou peões (gado alçado). É de origem portuguesa, com a acepção de revoltar-se. — Quer se referir a um grupo de homens fortes que se revolta e luta.

NA TABA, ELA NÃO LEVANTA PARADA, ECHA CULO.

Taba ou *tava* — o mesmo que jôgo do osso, muito divulgado no Rio Grande. Consiste, segundo os dicionaristas, em atirar ao ar um osso, se, ao cair no chão, parte côncava fica para cima, o parceiro ganha e os jogadores e “miro-nes” exclama: “suerte” (sorte). No caso contrário, o jogador perde e diz-se “culo”. — Conta-se que o Senador Pinheiro Machado costumava, em sua residência, no Rio de Janeiro, “jogar o osso” com os amigos. — Refere-se à falta de sorte de alguém.

PRIMEIRO OS ENCARGOS, DEPOIS OS AMARGOS.

Amargo — mate amargo, sem açúcar, chimarrão. — Exprime-se o conceito popular de primeiro a obrigação e depois a devoção. Antes de tudo o dever.

ANDAM COMO VIRA-BOSTA SEM NINHO.

São os que andam às tontas, sem casa, sem família.

ÊSSE FRANGO TEM PUA BRA-BA.

Diz-se do indivíduo que, apesar-de novo, é corajoso e agressivo na luta.

VAI LARGANDO OS ALFORGES PELA GARUPA.

Aplica-se a quem vai perdendo o que traz consigo, que vai sendo derrotado.

ANDAM BERRANDO NOS ALAMBRADOS COM GUACHERIO.

Alambrados — campo *alambrado*, que está fechado por cerca de arame, mas abrange êsse vocábulo de origem castelhana (alambra) também cercas de pedra. — *Guacherio* — de guacho. Já explicado. — Diz-se dos que vivem chorando e se lamentando, como cria sem proteção.

PEITO DE ÉGUA, ANCA DE VACA.

Diz-se do animal que não pres-

ta e, portanto, do homem efeminado.

TINHA MAIS VOLTAS QUE O IBICUF.

É aplicado ao indivíduo hábil, tortuoso, cheio de "voltas". — Há, conforme as regiões do Estado, variantes desse tema, mudando o nome do rio. Assim, na nossa zona litoral do sul, se fala das voltas do rio Camaquã.

TOCAR O VIOLÃO SEM A PRIMA.

É o fato de alguém, muito hábil ou decidido, não precisar de certo objeto ou auxílio, indispensável aos outros, para executar certo ato.

QUEBROU-SE O PRATO DA AÇORDA.

É como quem diz: entornou-se a sopa. Começou a luta.

O PRIMEIRO MATE NUNCA PRESTA.

As cousas novas preferem-se as mais usadas. É a força do hábito.

ENTRAR CANTANDO DE GALO E SAIR CANTANDO DE GALINHA.

É uma variante do "entrada de leão e saída de sendeiro". Quer referir-se a quem, entrando na luta, com ares valentes, sai dela derrotado.

GALO CAPÃO É QUE SAI CANTANDO DE GALINHA.

Capão — castrado. — É a resposta ao anterior, em que o indivíduo, atingido pelo primeiro, afirma que o galo que sai cantando de galinha, é o que perdeu a virilidade, mas, que isso, portanto, não é com ele, gaúcho, que se julga homem ainda.

GALO DE SANGUE NO ÔLHO E NA CRISTA NÃO DÁ COM O BICO NO CHÃO.

Regista a "sabedoria popular" um fenômeno que, desde o século dezenove, Berthold observara: a notável experiência da ação, sobre o sangue, dos testículos do galo e, daí, sobre os caracteres sexuais secundários, dos quais a crista é, nessa ave, um dos mais importantes. — É um variante dos anteriores e, com ele, se exibem as qualidades do homem valente.

GALO DE ESPORÃO NÃO CACA-REIA NA PISTA.

Outra variante de mesmo sentido dos anteriores.

ABELHAS DO ENXAME DO MESMO CAMOATIM.

Camoatim — aqui é usado no sentido que lhe dá Callage, o de abelheira de marimbondos que fabricam mel saborosíssimo — lexicuana. Não fornece cera. — Diz-se dos indivíduos da mesma laia ou qualidade.

**É ÍNDIO QUE PENEIRA NOS
BASTOS.**

Peneirar-se — sacudir-se todo.
— *Bastos* — as partes acolchoadas e paralelas do lombilho que assentam no lombo. — Emprega-se *peneirar-se* quando o potro está sendo domado e sai cabriolando, aos saltos, pinotes. — Aplica-se ao sujeito que se irrita contra alguém e reage.

O LAÇO SEMPRE LE ALCANÇA.

Nunca falta experiência, se se refere à ação de alguém. Mas também ao de significar que, por mais que se esquive alguém, o seu dia há de chegar, na certa.

SEMPRE LE SOBRA RODILHA.

Variante do anterior. É o sujeito a quem sempre sobram razões ou palavras.

O PINGO DA P'RA TUDO.

Pingo — cavalo fogoso, bom, vistoso. — É quando, como um animal dotado dessas qualidades, se quer referir a um homem capaz, isto é, para o que der ou vier.

AFROXA O COGOTE NA PRIMEIRA PALANQUEADA.

Palanquear — de palanque. Ato de atar ao pau o animal bravo. — Do sujeito que, ao primeiro encontro, se deixa vencer, dominar, não reagindo.

TIRAR CAMOATI, SEM PONCHO, EM DIA DE FRIO.

Camoati — já explicado. — *Poncho* — idem. — Diz-se de quem se atreve a uma empresa sem tomar as necessárias precauções.

**MAIS MACIO DO QUE COURO
DE TAPICHÚ.**

Tapichú — terneiro encontrado ainda no útero da vaca, ao ser abatida esta. Esta palavra é empregada na fronteira e no Prata. — Lembra o “ficar macio que nem veludo”, com o qual nos referimos a quem preferiu acalmar-se a se irritar.

NINGUÉM É RÊS QUE SE RENDA.

Aplica-se ao sujeito que se não deixa submeter, nem corromper.

DAR O TEMPERO AO GUISADO.

Fala-se assim de quem tem ou sabe dirigir ou compor as cousas.

NÃO SIRVO P'RA RETALHADO.

Retalhado — já explicado. — É confissão de quem repele uma referência desabonatória, dizendo-se capaz de ação viril.

DIA DE “CULO” FOI AQUELE.

Culo — frase terminal do jogo de osso, que corresponde a perder a jogada. É o dia de má sorte, de azar.

OLHAR PR'O PÊLO E NÃO PR'A
MARCA.

Não é pelo título ou brasão que vale o homem: é pela raça e pelas qualidades individuais orgânicas.

TROPILHA CERCANDO ÉGUA-
MADRINHA.

Tropilha — já registado. — *Égua-madrinha* — idem. — Quando um grupo de pessoas não abandona o chefe ou o amigo.

AINDA ESTÁ MUITO TERNEIRO PR'A BATER ASPA.

Terneiro — bezerro, vitelo. — *Aspa* — chifre, ponta, guampa, quando ainda no animal. — Quando o indivíduo é ainda novo demais e quer se expôr às lutas.

NO MEIO DE TANTO POTRO HÁ
DE ENCONTRAR PARCEIRO.

Entre homens, sempre alguém encontra companheiro.

TERNEIRO DE CAMPO POBRE
NÃO TEM QUARTOS, NEM
PAPADAS.

Terneiro — já registado. — *Quartos* — parte dos encontros da rês. — É fácil compreender o sentido.

COBRA É BICHO TRAIÇOEIRO.

Diz respeito ao indivíduo traiçoeiro.

QUEM TEM DOCE PR'A DAR,
FICA LOGO POPULAR.

São os falsos amigos, que só cortejam a distribuidor de favores, ou são os chefes, que só são populares, enquanto têm consigo o cofre das graças.

PREGUIÇOSO E VELHACO COMO
VIRA-BOSTA.

Registra os defeitos dêsse pássaro, que costuma se apoderar do ninho dos outros.

GUARACHAIM É BICHO DIS-
FARÇADO.

Esse animal, a que já tivemos ocasião de nos referir, é o símbolo da esperteza. Quando se vê perseguido ou preso, deita-se, fingindo de morto. Assim o homem astuto.

NOVILHO MATREIRO QUE SE
ESCONDE NO BANHADO.

Banhado — pantano, brejo, terreno alagadiço com atoleiros. — É referência ao indivíduo que se refugia em lugar seguro e difícil de ser atingido.

QUANDO NÃO SE TEM CANOA,
FAZ-SE PELOTA DE COURO.

Pelota — espécie de embarcação ligeira, feita com um couro arranjado de tal maneira, que apresenta uma concavidade onde se mete o passageiro com a sua roupa e arreios. Só serve para passar arroios. Usada em todo o

Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul e Mato Grosso. Devido a esse uso, em larga escala, num arroio tributário do São Gonçalo, entre as lagoas dos Patos e Mirim, chamou-se "Pelotas" à região onde se encontra a cidade do mesmo nome, que é a nossa terra natal. — É uma variante do "quem não tem cão caça com gatos", no qual se evidencia a força da necessidade.

NÃO SE FIE NO TAMBEIRO MANSINHO.

Tambeiro — já registado. — Tais animais são, pela aparência, os mais inofensivos, mas lá vem o movimento que se mostram, como são. Devemos ter cuidado com os indivíduos, aparentemente, dóceis.

A VIDA DE LAGARTO É A INCRINAÇÃO DO ÍNDIO.

Aplica-se à vida indolente e livre dos vadios.

PEÃO VELHO NÃO MANDA; SÓ MANDA O CAPATAZ.

Peão — já registado. — *Capataz* — administrador da estância ou charqueada que tem às suas ordens todo o pessoal. — Refere-se à obediência que se deve aos chefes e não aos subalternos.

FEDELHO NÃO ME DÁ TOMBO.

Não se deve receiar o homem de pouca valia física.

ANDAR ÀS VOLTAS COM O RAFAEL.

Rafael — fome, apetite, disposição para comer. — De compreensão fácil: Diz-se de quem está com fome.

ASSIM MUDA A SORTE DUM POBRE QUE ANDA TROPEANDO.

Tropeando — de tropear. Fazer tropa, empregar-se na profissão de tropeiro, conduzir *tropa*. Esta significa grande número de gado vacum em marcha de um ponto para outro. — A vida do tropeiro está cheia dos maiores imprevistos que põem à prova a tenacidade desses operários da grandeza rural.

A FELICIDADE É CHINA QUE NÃO SE ROGA.

China — já explicado. — Melancólica expressão do sentimento de inferioridade do homem, em relação ao desejo de ser amado, pela sua china.

GENTE LERDA COMO MULA GUACHA.

Guacha — já registado. — Diz-se dos sujeitos preguiçosos, sem iniciativas.

É GENTE QUE SÓ VAI A RÊLHO E ESPORA.

São os que só obedecem à ação da violência. De nada adianta tratá-los com suavidade...

GOSTA COMO PERCÉ DE CUPIM.

Cupim — espécie de formiga, cujas habitações têm esse nome. — Trata-se de alguém que mostra grande desejo por alguma coisa.

FOI ENTRANDO COMO CARANCHO NUM PAU DURO.

Carancho — já explicado. — A pessoa que se intromete, com dificuldade, no espírito ou negócio de outra.

TODOS VIVEM NESTE MUNDO,
MAS POUCOS SABEM VIVER.

Também é de fácil compreensão esse pensamento filosófico.

SEMPRE HÁ UM PESCOCEIRO
NA TROPILHA.

Pescoceiro — o cavalo que, constantemente, mexe com o pescoço. — *Tropilha* — já registado. — Sempre há, em qualquer grupo de homens ou família, um que sai fora da linha de conduta seguida pelos demais.

A CULPA É DA PEONADA, PORQUE O PATRÃO NÃO PODE
ERRAR.

Peonada — conjunto de peões de uma estância, de um armazém, de uma empreitada de obras, etc. — Aos mais fracos cabem todas as responsabilidades dos erros. — É como que variante do erudito “magister dixit”, ou, por outras

palavras, “a corda rebenta pelo lado mais fraco”.

OS BOBOS PUXAM O LAÇO, O
ESPERTO FICA NA PRESILHA.

Laço — já registado. — *Presilha* — uma das extremidades do laço, que se prende ao *chinchador* ou se conserva na mão esquerda, quando se está lançando de pé, o que exige grande esforço. — Aplica-se ao que fica sempre na parte melhor, explorando a situação em seu proveito, com o esforço dos outros.

A REGRA É — CABRESTO CURTO.

Cabresto — já registado. — Não se deve, em certos casos, dar muita liberdade aos seus subalternos.

CADA QUAL TEM A SUA PEREVA.

Pereva ou *pereba* — ferida de mau caráter e com crosta muito dura, que sai geralmente no lombo dos animais e que ataca também pessoas do campo. — É que todos têm as suas falhas, o seu “calcanhar de Aquiles”.

SABER METER O PORCO NA
CEVA.

Faça-se do jeito com que se deve conduzir certa coisa, para não ver falhar o resultado desejado.

QUEM ORDENHA BEBE O APÓ-
JO.

Apójo — o leite mais denso e gorduroso que se obtém no fim da ordenhação, após ter mamado o bezerro. — Quem trabalha deve tirar, para si, o melhor bocado.

UMA "GALINHA" DEU PR'A
GUAPETÃO.

Galinha — nome pejorativo dado ao covarde. — *Guapetão* — aumentativo de guapo, valentão, fanfarrão. — Diz-se de quem, até então, submisso ou fraco, se faz, de um dia para outro, valente.

BOI MANSO QUE NOVILHO
ATROPELA.

Esse boi, atropelado, muge, es-carceia, mas se aquieta, em seguida. Assim o homem que finge bravura, mas logo se acalma e amansa.

HOMEM É BICHO QUE SE DO-
MA COMO OS OUTROS.

Para o gaúcho, o homem é como os bichos com que ele lida. Não há porque distingui-los.

QUANDO VÊ A RAÇÃO NO CÔ-
CHO, FAZ QUE NÃO SENTE
O RABICHO.

Côcho — recipiente de madeira ou pedra, de forma oblonga, em que se põem alimentos para os animais. — Diante das vantagens auferidas, o homem finge esquecer a submissão que está sofrendo.

FIGURA DE PALHA PARA ES-
PANTAR PASSARINHO.

Diz-se de quem tem um préstimo relativo, na vida, e pensa valer muito.

PAU DE ESPINHO QUE NEM
SERVE PR'A CANGALHA.

Outra expressão pejorativa, acerca da imprestabilidade de certos sujeitos.

NÃO TE COCES EM PAU DE ES-
PINHO.

Conselho ao sujeito que pensa não encontrar reação, ao investir contra alguém.

A QUEM TEM PODER NA MÃO,
NUNCA LHE FALTA A MA-
TILHA.

Aos poderosos do dia, sobejam admiradores e auxiliares.

ATAR BAGUAL COM CABRES-
TINHO D'IMBIRA.

Diz-se de quem consegue, por meios ardilosos, prender o mais forte, mas também exprime a pretensão de se querer inutilizar ou desmoralizar a quem se julga forte, com processos banais.

TUDO O QUE VOLTEIA NO AR
TEM SEU DIA DE AQUIE-
TAR-SE.

É a inexorável certeza do dia da queda ou da morte a que estamos todos sujeitos, na vida.

QUEM NASCE PR'A SER MANDADO, JÁ NASCE COM MARCA NA PICANHA.

Picanha — já registado. No lugar referido, se gravam essas marcas nas potrancas, quando não são destinadas a servir de éguas-madrinhas ou montaria, casos nos quais a marcação se faz na perna esquerda. — Ao nascer, já traz o homem a sua sina...

NÃO DANSA A MEIA-CANHA SEM QUE OUTRO TOQUE VIOLA.

Meia canha — variedade da dança do fandango, hoje em desuso. No Paraguai, há uma dança com o nome de *media-caña*. — É referente ao indivíduo que não pode, por si só, pretender a realizar certa cousa ou prover as suas necessidades.

GAUCHO DE FARO PR'A AMANUNCIAR NOVIÇO.

Amanunciar ou *amanonciar* — deixar bem manso um cavalo sem que tenha sido montado. — O indivíduo conhecedor da vida pode obter, com meios serenos, a submissão do mais novo e menos sabido...

O HOMEM DE OLHOS LIMPOS É GUAPO E MÃO-ABERTA.

É o reconhecimento de que os olhos refletem, com sinceridade, o carácter individual. Aqui, se exaltam as qualidades da bravura e franqueza.

GAUCHO DESPILCHADO QUE SÓ TEM DE SEU AS CHILCAS.

Despilchado — pessoa pobre que não possui objetos de valor, como jóias, adornos. — *Chilcas* ou *chircas* — erva braba que se desenvolve em campo de má qualidade. — Quer significar o adágio a extrema pobreza do gaúcho...

NINGUÉM DE FORA BEBE ÁGUA DE SUAS CACIMBAS.

Diz-se do estancieiro sovina, avarento, descaridoso, que nem água dá.

LOMBO DE ÍNDIO NÃO É COSTILHAR DE CACHORRO.

Costilhar ou *costelhar* — derivado do castelhano. Carne que se tira (para o assado) de uma das costelas do boi. — É a queixa de quem, embora subalterno, não se sujeita a uma imposição física, por não se considerar inferior, como ser humano, a qualquer outro.

A SOMBRA DOS SEUS UMBÓS SÓ ABRIGA CACHORROS.

Umbú — é árvore de grande vulto, muito copada, cujas raízes, às vezes aflorando à superfície do chão, se distanciam quadras do lugar onde se ergue o tronco. Em quasi tôdas as estâncias do Sul, à frente dos estabelecimentos, há sempre alguns pés de umbús. Nasce, também isolada, sobre as coxilhas. À sua "sombra cariciosa

como a das figueras bravas se acolhem os campeiros e viandantes". — Não se deve confundir a nossa com a do Norte. É a "árvore tradicional do Rio Grande"; é um verdadeiro símbolo, motivo de inspiração nas poesias, romances, contos e discursos. — Refere-se ao estancieiro que nega a sombra da hospitalidade ao viandante. Os seus umbús abrigam, apenas, cães. Os homens são afastados daquele sítio.

É COMO MATUNGO DE ÍNDIO
CARPETERO, QUE PASTA
MESMO DE FREIO.

Matungo — já explicado. — *Carpetero* — jogador, vem de *carpeta*, vocábulo castelhano, que significa pano de mesa. — É aplicável ao sujeito ladino que se habitua a tudo e faz impossíveis.

A NECESSIDADE ENSINA A
LEBRE A CORRER; A DOR
ENSINA A GRITAR.

É de fácil aplicação.

O PARELHEIRO NÃO CORRE
PORQUE ABOMBACHOU NO
BANHADO.

Banhado — já explicado. — *Parelheiro* — idem. — *Abombachado* — o mesmo que aguachado, isto é, tornar-se o animal pesado, gordo, barrigudo. — Aplica-se ao indivíduo que falhou no que dele se esperava, por ter sofrido algo de contrário.

SE VÊRES UM FANFARRÃO —
INTIMANDO A GUAPETÃO
— DEZ PISTOLAS E UM
FACÃO — NÃO FAÇAS CASO,
É MANCARRÃO.

Guapetão — já explicado: aumentativo de guapo. — *Mancarrão* — velho, sem valor (cavalo). — É fácil a aplicação do conceito.

GAUCHO PERDÔA, MAS NÃO
ESQUECE.

Com certa elegância, o gaúcho quer exprimir o seu sentimento de valor, de amor-próprio, pelo qual pode não se vingar de quem, um dia, o ofendeu, mas a memória lhe falará sempre da ofensa.

TALHO DE PALMO E MEIO É
VACINA.

Vímo-lo, pela primeira vez, citado, num jornal de Porto Alegre, a propósito de um vivo comentário, no qual o autor dizia que, mais facilmente, o gaúcho absolveria o réu de crime de morte do que o réu de crime contra a propriedade. Para ele, a lesão corporal é de pouca importância. — Em todo o caso, poder-se-á ainda interpretar-lhe o sentido, como mostra de valentia e de fanfarronada.

PÃO COMPRADO NÃO ENCHE
BARRIGA.

A propósito, encontramos, em um jornal "A Opinião Pública", de Pelotas, nossa cidade natal, o seguinte comentário, da lavra do sr. Joaquim Mendes de Matos,

em que nos dá notícia da importância do trigo na alimentação do gaúcho: — “É a frase comum entre os nossos lavradores, referindo-se ao pão do trigo colhido nas suas lavouras. Verdadeiramente o nosso trigo é muito rico em substâncias nutritivas, superior aos trigos e farinhas estrangeiras. E porisso o adágio em questão. Tôdas as crianças camponesas que se alimentam de pão de farinha dos nossos trigos, criam-se fortes, robustas, enérgicas e resolutas, o que é muito comum entre a nossa gente. Os gauchos da época farroupilha, do ano de 1835, foram criados com fartas fatias de pão do nosso trigo e mais uma guampa de leite das sadias vacas crioulas. Era a sua primeira refeição da manhã. O café era desconhecido por muita gente. As mulheres usavam mate com leite e pão com manteiga ou queijo e os homens farto churrasco, pão ou farinha de mandioca e logo o conhecido mate amargo. Com esses costumes, teve o Rio Grande do Sul uma raça de heróis, que resistiu, quasi dez anos, o governo imperial com suas 20 províncias. E fizeram uma paz honrosa com os imperiais, e ainda foi necessário um apêlo do inolvidável Duque de Caxias, para deporem as armas.

Não há dúvida que o nosso trigo cooperou para a formação dessa raça de valentes, que, peleando, tantos anos, com um pelego nas costas e outro feito tanga, de lança em punho, cruzando as nossas coxilhas, enfrentava o temporal do pampeiro que lhe fustigava

a frente.” (Joaquim Mendes de Matos).

SI NUM CATÁ AS LENDIA NUM
ADIANTA NADA MÁTÁ US
PIOIO.

O mesmo autor do comentário citado, num jornal de Porto Alegre, relembra este, no qual se aconselha de, para resolver alguma cousa, se ir ao fundo dela. O mal corta-se pela raiz.

QUEM ANDA EM BRIGAZ CABRESTO CURTO, NÃO TROPICA DE MÁ VOLTA, NÃO SE DEIXA TOMAR POR EMBIRAS DE AMORES.

Cabresto — já explicado. — *Tropicar* — esbarrar, tropeçar, ir de encontro a alguém na estrada. Aconselha-se a ter cuidado com quem abusa da força; pois, ser destemido, guapo e não se deixar prender por qualquer futilidade.

AS MOÇAS BONITAS DEIXAM
O AMARGO DOCE.

Amargo — chimarrão. — Elogia a mulher que ameniza as agônias da existência.

O QUE É LINDO AMENIZA A
PRÓPRIA DOR.

Lindo, aqui, deve ter uma acepção moral, isto é, de bondade, para balsamizar o sofrimento humano.

HOMEM DIREITO TEM UM
PÉLO SÓ.

O homem de bem só tem uma palavra e uma atitude firmes.

CAVALO BOM E HOMEM VALENTE SÓ SE CONHECEM NA CHEGADA.

Diz-se do homem que tem fumaças de valentão, que só se conhece no momento decisivo, como o cavalo de corrida.

AINDA PEALO DE CUCARRA UM TOURITO CHUCRO.

Chucro — já registado. — *Pealo de cucarra* — é uma modalidade do pealo. No *de cucarra*, enlaça-se o animal pelas mãos (patas dianteiras) com a armada pequena do laço. Nessa espécie, não se costuma rebolear o laço, isto é, dar-lhe rotação em torno da cabeça.

É a confissão de quem ainda se sente com força para certas ações.

HOMEM É BICHO QUE SE DOMA-

Não há homem valente que não se submeta a alguém, mais cedo ou mais tarde. A educação tem, além disso, uma grande força repressora.

HAI POR ÊSTE MUNDO MUITA BICHÊRA, MUITA PESTE.

Bichêra — ferida nos animais, cheia de bichos, vermes: animal "abichado". — O mundo está cheio de males, vícios e crimes.

ARREBENTADO O MANEADOR OUTRO PUAVA SE LAÇA.

Puava — já explicado. — *Maneador* — idem. — Perdição uma

cousa, conquista-se outra igual. Não há porque desanimar.

JUROU, ESTÁ INDIVIDADO, A DEUS NÃO SE CALOTEIA.

Não pode o homem fugir à palavra dada. A justiça de Deus não o abandonará.

QUEM ANDA EM BRIGA, NÃO PENSA EM MOÇAS.

Nas lutas, da sua terra, em que se fazem necessários o vigor e a ação, não deve o gaúcho fraquejar, por causa da mulher, no amor que enerva e amaina o valor.

CABORÉ DIZ DESGRAÇA QUANDO PIA.

Cabaré — espécie de mocho. — É a lenda popular, no Brasil, do mau agouro dessa ave.

A ONÇA NÃO METE MÊDO SE NÃO AOS PERROS.

O valente só intimida os medrosos.

DEUS FEZ O HOMEM, O PAMPA GEROU O POTRO, A PROVÍNCIA DESFRALDA A CAMPANHA.

Pampa — Romanguêra Corrêa diz que é mais usada no plural. O Visconde de Beaurepaire-Rohan o dá como palavra feminina, mas é, comumente, pronunciado como dos dois gêneros. São assim denominadas as vastas e extensas planícies do Rio Grande, Uruguai e Argentina, cobertas de suculentas

pastagens verdes, onde vivem o gado vacum e cavalor. Na Argentina, essas planícies eram habitadas pelos índios do mesmo nome. — *Potro* — já explicado. — *Campanha* — derivado de “campo”, a parte baixa do Estado, entre a serra e o mar, onde floresce a indústria pastoril e onde abundam as “estâncias” ou fazendas de criação. — Encontram-se reunidos, aí, o homem, o cavalo e a terra, que completam a figura do gaúcho, como num tríptico do Rio Grande do Sul.

COM BOI CHUCRO, LAÇO E BOLLAS NELLE E QUANDO REFUGA FACA NO SANGRADOURO.

Chucro — já registado. — *Laço* — idem. — *Bolas* — idem. — *Sangradouro* — lugar ao lado direito do peito da rês, onde se introduz a faca para matar ou sangrar. O “assado”, que se tira dessa região, é muito saboreado, por trazer, apegado à carne, que é, em geral gorda, muito sangue coagulado. — O homem mau, que se mostra incorrigível, deve ser eliminado.

NÃO PAGA A PENA UM RAIOPARA ACABAR COM UMAÁRVORE SÊCA.

É inútil dispendir uma energia, que poderá ser melhor aplicada, para se desfazer alguém de uma cousa inútil. Inútil também uma reação viril para combater um homem sem valor.

UM GUASCA NÃO DEIXA QUELHE ATIREM LAMA NA CARA, APARA-A COM A FACA.

Guasca — É interessante transcrever o que, sobre esse vocábulo, diz Romanguêra Corrêa. A acepção genuína é de tira ou corda de couro, mas também se aplica ao rio-grandense, principalmente, da campanha. Os habitantes do nosso Estado, ao se dedicarem à indústria pastoril, usavam, em seus trabalhos, de cordas de couro (guasca). Porisso, os seus irmãos do Norte lhes dão essa denominação, bem como os habitantes da cidade aos da campanha. Os nordestistas deram-lhes essa denominação e eles a aceitaram, generalizando-a. — No Chile e outros países da América Espanhola tem o camponês o nome de “huása”, que se transformou no nosso “guasca”. — É o conselho para se repelir, à altura, a agressão sofrida.

SÃO COMO ANIMAIS QUE AINDA NÃO SERVEM PARA A MARCAÇÃO.

Marcação — ato de marcar. Época e lugar em que se pratica. Foi, noutros tempos, um motivo de festa, nas estâncias. O ato, em si, consiste em aplicar no corpo do animal um ferro em brasa que marca, para sempre, o animal. No Norte, diz-se *ferrar*, isto é, aplicar o ferro quente. Em tais divertimentos, tomavam parte, em camaradagem, mulheres, crianças, criados, peões, vizinhos, etc. — Refere-se aos indivíduos que ain-

da não chegaram à idade de serem aproveitados para as lides.

ANDAVAM ATRÁS DE CARNIÇA, COMO CARANCHOS E CHIMARRÕES.

Carniça — já registado. — *Caranchos* — idem. — *Chimarrões* — idem. — Descreve a ânsia dos que perseguem um objetivo moral ou material.

MESMO QUANDO O CAVALO É MATUNGO, EU GOSTO DE APERTAR-LHE A CABEÇA DA DE GUASCA.

Matungo — já explicado. — *Cabeçada* — peça de metal ou couro (no caso, de couro, de guasca) que, presa às argolas do freio, segura êste na bôca do cavalo, passando por trás da orelha. — Não se deve facilitar com nenhum homem. Prevenir-se, isso sim, das surpresas. “Confiar desconfiando...”

É SOPRAR COMO NA CINZA DA QUEIMADA, QUE HÁ DE APARECER O FOGO.

Refere-se ao valor de um povo que se conserva sempre vivo, mesmo debaixo da maior calma aparente. Para despertá-lo, basta insistir na provocação.

ENQUANTO NÃO FÔR CARVÃO DE TODO, HEI DE SER BRASA.

Enquanto se tem um vislumbre de vida, não se deve desanimar,

ceder, mesmo que se o faça com menos fulgor.

A MULHER É COMO COBRA QUE AMARRA O SAPO COM OS OLHOS.

Põe em evidência o poder sedutor da mulher, em relação ao homem, que ela subjuga com os olhos.

QUANDO O CAVALO ARREBENTOU O MANEADOR, É O MESMO, LAÇA-SE OUTRO MANEADOR.

Maneador — peça de couro em que se prendem as mãos do cavalo. — É uma variante do que diz “não faltam moças”, a um apaixonado que perdeu o seu bem.

NUMA BARRIGADA DE LEITÕES, SAI UM “MINGUÊ”.

Minguê — provavelmente derivado de “minguado”; enfezaço, pequenino. — Numa família de muitos filhos, sempre aparece um imprestável.

DE GENTE POBRE ATÉ O RASTRO É TRISTE...

Ao desventurado tudo vai mal.

SOLDADO QUE NÃO BRIGA ARRISCA-SE A FICAR MACEITA.

Maceta — animal que tem inchãos e aleijões ou protuberân-

cias nas mãos ou patas, caminhandocom dificuldades. — Refere-se aos cavalos e muares e é oriundo das Repúblicas Platinas. Ao homem, na guerra, convém a ação, sob pena de se deixar dominar, pela inércia e perder a razão de ser da sua vida.

UM TARUNA PODE SEMPRE
ENCONTRAR OUTRO TARUNA.

Taruna — o mesmo que “torena”, indivíduo valente, ousado e de má condição. — Quer dizer que sempre há um valente para outro valente.

NÃO HÁ VALENTE ENQUANTO
AS MULHERES TIVEREM
FILHOS.

Um homem, como se vê no anterior, está sempre na iminência de encontrar quem o enfrente. Salvo, se se estancassem as fontes da espécie humana...

AL CABO MI PERRO CAZÓ UNA
MOSCA.

Adágio de expressão castelhana. Foi-nos fornecido por influente chefe político, na fronteira sul, o deputado Ascanio Tubino, que informou ser muito usado ali. — Refere-se a quem, depois de longa espera, consegue algum resultado de sua espera.

QUANDO ESTIVERES PR'A EM-
BRABECER, CONTA TRÊS
VEZES OS BOTÕES DA TUA
ROUPA.

Refere-se ao freio moral com

que devemos reprimir os nossos ímpetos, para evitar desgraças.

CAVALO DE CAMPO NÃO BEBE
ÁGUA DE BALDE.

É uma variante do adágio “cavalode campo não come pasto cortado”, já registado e se aplica ao mesmo caso, isto é, quando alguém, pela sua rusticidade social, não está em condições de compreender qualquer ato de valia ou mesmo executá-lo.

VACA DE RODEIO NÃO TEM
TOURO CERTO.

Rodeio — já registado. — Contou-nos, a propósito de adágios gauchos, o Sr. Dr. Getúlio Vargas, presidente da República, o seguinte episódio: — Advogado na cidade fronteiriça de S. Borja, teve ensejo de acompanhar um processo de investigação de paternidade, sendo arrolada, entre outras testemunhas, um velho índio, muito conhecedor dos trabalhos campestres. Indagando o juiz se conhecia a mãe do suposto filho, disse que sim, mas quanto ao pai, respondeu: — “Isso lá, garantir não posso... vaca de rodeio não tem touro certo...”

Refere-se, portanto, à mulher que é de muitos...

ISTO É CORRIDA QUE SE COR-
RE SEM BOCHINCHE.

Bochinche — conflito, perturba-

ção da ordem. — Significa também baile de gentilha.

Lemos êsse adágio, numa declaração feita à imprensa, em Pôrto Alegre, pelo Dr. Osvaldo Aranha, em 1936, ao lhe ser perguntado qual a sua impressão, sôbre o futuro pleito presidencial da República. Queria o embaixador dizer que a sucessão se faria, sem maiores contratempos, dentro da ordem, como uma corrida sem brigas, o que é raro...

QUANDO FALARES COM HOMEM, OLHA-LHE PARA OS OLHOS; QUANDO FALARES COM MULHER, OLHA-LHE PARA A BÔCA... E SABERÁS COMO TE HAVER.

A distância que separa o leitor do autor não lhe dá, nem a um, nem a outro, o ensejo de seguir o conselho do adágio anônimo... — Porisso, preferimos pingar, aqui, ponto final desta simples coleção de adágios.



NOTA FINAL

As obras, que nos forneceram as significações dos vocábulos regionais, foram, principalmente, as dos saüdosos literatos rio-grandenses, já citados, Dr. J. Romanguêra Corrêa e Roque Callage.

Reconhecendo a imperfeição do nosso trabalho — simples homenagem ao Rio Grande do Sul — declaramos aceitar, de bom grado, qualquer retificação ou emenda que o leitor entender formular a respeito desta obra.

OBRAS CONSULTADAS

- Dicionário — CÂNDIDO DE FIGUEIREDO
Dicionário — FREI DOMINGOS VIEIRA
Vocabulário Rio Grandense — Dr. J. ROMAGUÊRA CORRÊA
Vocabulário Gaúcho — ROQUE CALLAGE
História Geral dos Adágios Portuguezes — LADISLÁU BATALLA
Repertório Lexicográfico — JERÔNIMO AZEVEDO
Contos Gauchescos — JOÃO SIMÕES LOPES NETTO
Lendas do Sul — JOÃO SIMÕES LOPES NETTO
Pampa — JOÃO MAIA
O Vaqueano — APOLINÁRIO PORTO ALEGRE
Quero-Quero — ROQUE CALLAGE
Trabalhos e costumes dos gaúchos — DR. SEVERINO DE SÁ BRITTO
Rincão — ROQUE CALLAGE
Azares das Revoluções — ÁLVARO ALENCASTRE
Brumas da minha saudade — MÁRCIO DIAS
Recordações gaúchas — LUIZ ARAUJO FILHO
Tropilha creola — VARGAS NETTO
Cancioneiro guasca — JOÃO SIMÕES LOPES NETTO
Gado chucro — VARGAS NETTO
Votai em Assis Brasil — MANDUCA CYPRIANO
Gauchadas e gauchismos — PIÁ DO SUL
Alma Bárbara — ALCIDES MAYA
Ruínas Vivas — ALCIDES MAYA
Tapera — ALCIDES MAYA
Querência — VIEIRA PIRES
No galpão — DARCI AZAMBUJA
Origens guarano-tupikas do português falado no Brasil — APOLINÁRIO
PORTO ALEGRE. — (Revista do Instituto Hist. e Geográfico do R.
G. do Sul — 1921 Ano I).
História do Rio Grande do Sul — PADRE C. TESCHAUER
Fogo-Morto — FERNANDO LUIS OSÓRIO
Os amores de Canabarro — OTELO ROSA
Introdução ao estudo do folclore brasileiro — JOAQUIM RIBEIRO
Vida Literária (imprensa) — HUMBERTO DE CAMPOS.

Saudação ao Dr. Pedro Calmon, feita em nome do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

por Walter Spalding

Em 17 de setembro de 1937, na Biblioteca Pública
de PORTO ALEGRE.

SNR. PEDRO CALMON.

Ordenou o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul que eu vos saüdasse em seu nome. E aqui estou, orgulhoso da ordem que me foi dada, embora imerecidamente, para vos dizer, sr. Pedro Calmon, que vivíeis já em nosso coração, no coração do Rio Grande, "coração verde", verde coração do Brasil heróico e liberal.

Quando, pela primeira vez surgistes no cenário das letras, em 1923, editado por Monteiro Lobato, com o belo livro de evocações históricas — **Pedras de armas** — vislumbraram os críticos em vós risonho porvir. E não se enganaram.

Entre **Pedras de armas** e **História social do Brasil e Lições de direito constitucional** quatorze anos medeiam. Quatorze anos fecundos de realizações eficientes, sérias, concienzosas.

E, hoje, com vossos 34 anos sois, sem favor, o maior historiador literato, de linguagem simples e pura, historiador-professor que escreve como ensina, esparzindo as primícias de seu talento em tôdas as inteligências.

Não foi em vão que, no Congresso de História, de Buenos Aires, vos consideraram, sr. Pedro Calmon, "la figura mas

brillante". (1) Mas, digamo-lo sem falsa modéstia, êsse mesmo conceito, muito antes, aqui, já de vós o fazíamos.

Nós, os que lemos e estudamos, não tivemos necessidade do conceito estrangeiro (embora seja hábito inveterado do brasileiro só considerar "bom" ou "bomzinho" o que é nosso depois do "placet" estrangeiro...) nós, repito, não tivemos necessidade do conceito estrangeiro para fazer-vos a merecida justiça.

O riograndense, por tradição, é franco e altivo. E embora o tivessem querido enclausurar nas paredes de um só cérebro, êle não se dobrou. Reagiu e, como onça acuada, saltou, investiu o ousado caçador e continuou pensando e agindo pelos cérebros de seus filhos, em conjunto, movimentando a turba multa, de norte a sul do Brasil, quebrando preconceitos, ora acuado, ora vitoriado, desde as lendárias eras do primeiro império.

E foi êste o conceito também por vos expendido, em vossos livros, **História da Civilização Brasileira** e **História Social do Brasil**, sôbre o Rio Grande do Sul.

Por isso, alguém, certa vez, me disse: "Pedro Calmon foi o primeiro historiador nortista que fêz justiça ao Rio Grande". E nós vo-lo agradecemos.

O liberalismo, nesta parte meridional do Brasil foi, sempre, bandeira desfraldada e por todos querida.

Cinco anos antes de ser proclamada a independência do Brasil pelo "rei cavaleiro", D. Pedro I, já nas campinas gauchas idéias independencistas se faziam notar.

Em correspondência do arquivo do Visconde de Piratini, — dr. João Francisco Vieira Braga, — encontrei (2) o seguinte, em outras palavras está claro: "Diga o que há de certo sôbre o boato de independência do Brasil que por aqui corre".

Não há fumaça sem fogo. Todo o boato tem qualquer coisa de real quando não é pura calúnia, como soe acontecer em

(1) Carta de B. Caviglia (h). de 23/7/1937.

(2) Esta carta e outras nos foram mostradas mos com proibição de cópiá-las. Hoje, não sabemos que fim levou essa correspondência e arrependemo-nos de haver atendido à proibição.

nossos dias. Naquelas épocas havia, porém, respeito e honestidade política: não se caluniava o adversário. O povo era mais simples, mais ingênuo, mormente no interior. E foi, justamente do interior do Rio Grande que partiu aquela carta escrita a Vieira Braga que se encontrava, então, no Rio de Janeiro, na Côrte.

Vê-se, por aí, que já cinco anos antes da façanha de D. Pedro preocupavam-se os riograndenses com a independência.

Daí a immediata aceitação dela, sem resistência de espécie alguma.

Mais tarde, a revolução farroupilha transformada pelas contingências da luta em revolução republicano-federativa, imprimiu novo sentimento na alma riograndense.

E em 1889, quando Deodoro proclamou a República na capital do país, a um velho lidador do Exército nacional, o nobre Visconde de Pelotas, telegrafou Rui Barbosa pedindo, encarecidamente, tomasse conta do governo.

“Se o Rio Grande não aderir, a República está perdida”, — disse, então ⁽³⁾.

Isso mesmo se depreende do officio à Câmara Municipal de Pôrto Alegre, de 16 de novembro, em que comunica ter tomado posse, urgentemente, sem as devidas formalidades e pede a coadjuvação da Câmara “para o bom desempenho das funções de que me acho investido” ⁽⁴⁾.

Razão tendes, portanto, sr. Pedro Calmon, em dizer que o Rio Grande, ao entrar no cenário político do país, mudou por completo os rumos até então traçados por Conservadores e Liberais.

(3) Esse telegrama está no arquivo da familia Visconde de Pelotas, ora em poder de seus netos, Rinaldo P. da Camara, official do exército, e dr. Armando P. da Camara, que poderão, a qualquer momento, confirmar o fato.

(4) “4ª Secção. /N.º 2108./ — Palácio do Governo, em Pôrto Alegre, 16 de novembro de 1889./ — Havendo sido hontem nomeado pelo Governo Provisorio para o cargo de Presidente desta Provincia, assumi, por conveniencia do serviço publico, o respectivo exercicio naquelle mesmo dia, tendo deixado de apresentar-me a essa corporação afim de prestar o devido juramento attenta a urgencia de ser desde logo empossado do referido cargo. /Espero que da parte dessa Municipalidade me será prestada leal coadju-

No segundo tomo da **História Social do Brasil** ⁽⁵⁾, dizeis: “Quando realmente pôde reaparelhar-se ali, na normalidade da vida civil, uma opinião popular, se viu essa cousa espantosa: governando o país o partido conservador, todos os riograndenses eleitos para a Assembléia geral foram liberais. À frente destes — em 1872 — vinha Gaspar da Silveira Martins”.

Não foi, porém, só nessa legislatura que o Rio Grande do Sul apresentou totalidade de deputados liberais, ou maioria de liberais.

Na 14ª legislatura (1869-1872) quatro dos seis deputados enviados à Assembléia, eram liberais, e conservadores os Gabinetes do período (Rodrigues Torres, Pimenta Bueno e Silva Paranhos).

Na 15ª (1872-1875) a totalidade era liberal e os gabinetes (Silva Paranhos e Caxias) conservadores. Também liberal foi a 16ª legislatura (1875-1878) enquanto os gabinetes, Caxias (1875-janeiro de 1878) era conservador, sendo, porém, liberal o que o substituiu, Sinimbú (1878-1880).

Daí por diante, até 1885, todos os gabinetes foram liberais, e liberais também os deputados riograndenses das legislaturas 17, 18 e 19. Em agosto de 1885 entra o ministério João Mauricio Wanderley, conservador. Em março de 1888 entra em cena o Ministério João Alfredo, igualmente conservador que, em junho de 1889, é substituído pelo gabinete Ouro Preto, liberal, que a República encontrou. Durante esse período, de 1886

vação para o bom desempenho das funções de que me acho invertido. / Deus Guarde a Vmces. / Visconde de Pelotas. / Snrs. Presidente e mais vereadores da Camara Municipal desta Capital”. (Ofícios da Presidência, livro 40. — Arquivo Municipal. O ofício traz, à margem, a nota “Lido e respondido em sessão de 17-11-89”, a lapis encarnado).

RESPOSTA: — “A Camara recebeu jubilosa a comunicação de V. Excia ter sido nomeado pelo Governo Provisorio Presidente desta Provincia. / Em resposta esta Camara resolveo em sessão de hoje significar a V. Excia. que pode contar com a sua leal coadjuvação na grande obra da regeneração da Patria. / Felicissimo Me! Azdo.” (Conforme rascunho, parte a lapis, parte a tinta, no arquivo do autor).

(5) — Cap. XV, “A expressão riograndense”.

a 1889, a maioria dos deputados riograndenses foi de conservadores, pela primeira vez em 20 anos: 5 contra 1 liberal.

Mas não só deputados! senadores liberais também os teve o Rio Grande, eleitos, mas nem sempre escolhidos pelo monarca. Tivemos, contudo, liberais, no Senado, os seguintes dos onze escolhidos de 1826 à República: Osório, Florêncio de Abreu, Visconde de Pelotas, Gaspar Martins e Henrique Francisco de Avila, os três ultimos depostos com a República.

* * *

Embora longe de toda nossa documentação, sem ter podido examinar de perto a história real do Rio Grande, vós, sr. Pedro Calmon, a compreendestes perfeitamente, e a interpretastes de acôrdo com vosso pensar, de modo admirável.

Não faz muito o político francês André Tardieu falando sobre “a crise do século” em artigo de jornal, dizia: — “O mundo desde que é mundo viu passar sobre sua crosta cinquenta milhões de homens dos quais, na hora em que escrevo, cêrca de dois milhões transportados pelo movimento planetário a 30 quilômetros por segundo, estão vivos. Dentre êles, porém, muito poucos se têm distinguido. Alguns descobriram maravilhas. Mas ninguém resolveu o problema do Estado, nem o problema da educação, nem o da vida moral. A êste respeito tudo está por fazer. Nossa época engana-se gravemente quando pensa como os norte-americanos e os alemães que os valores espirituais devem cotizar-se com moedas, como os demais. Nossa época engana-se gravemente quando se obstina, como Voltaire, em olhar sómente para a terra. Ressente-se nossa época, na opulenta fisionomia de suas conquistas materiais, da falta de fé, e debilidade do espírito”.

Em verdade tal notamos, presentemente, em todas as atividades construtivas: o materialismo apressado empurrando, brutalmente, tudo para o abismo da descrença e do descrédito.

História, poesia, literatura em geral, e as próprias ciências, em parte, marcham, lentamente, para a decadência.

A história sobretudo, como muito bem observastes em palestra, preclaro historiador e jurista, vive aperreada pelos...

desvirginizadores, isto é: pelos superficiais que abordam os assuntos e, abandonando-os em meio, desmoralizam a história.

Mas, graças a Deus, há uma pléiade de novos que reagem. E, à frente destes, revolucionando a história, estais vós, sr. Pedro Calmon, fazendo da história o que a história deve ser: “mestra da vida”.

Para prová-lo, aí estão vossas obras históricas num total de 18 até o presente, destacando-se dentre elas, no gênero literatura histórica, — ANCHIETA, O SANTO DO BRASIL, — O CRIME DE ANTÔNIO VIEIRA — obras do mais puro cristianismo, — O REI CAVALEIRO em que o historiador e o literato legítimo, o artista da palavra, o romancista, se fundem admiravelmente, superiormente, — e mais: O REI DO BRASIL — VIDA E AMORES DE CASTRO ALVES, e a biografia do grande Marquês de Abrantes, ancestral vosso.

Na história pura destacarei: HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, mas em especial, essa grande obra que é a HISTÓRIA SOCIAL DO BRASIL cujo primeiro volume, ESPÍRITO DA SOCIEDADE COLONIAL é, apenas, magistral.

Além desses não posso deixar sem especial referência vosso belíssimo discurso sobre Gaspar da Silveira Martins pronunciado na Câmara dos Deputados, em 1935, em nome da minoria.

Com essas obras, como aqueles mortos dos frescos de Signorelli na catedral de Orviedo, “rompestes as lápides dos sepulcros” fazendo ressurgir, entre caudais de luz, a verdade histórica de nossa terra.

Mas não somente aí brilhais, sr. Pedro Calmon. Jurista, professor de direito constitucional, vossas obras nesse ramo, — DIREITO DA PROPRIEDADE — A REFORMA CONSTITUCIONAL DA BAÍA — A FEDERAÇÃO E O BRASIL (RUMOS CONSTITUCIONAIS) — INTERVENÇÃO FEDERAL, e CURSO DE DIREITO CONSTITUCIONAL BRASILEIRO, — são obras de mestre que honram e enobrecem a cultura jurídica de nossa terra.

Filho da heróica Baía, berço e alma do Brasil, terra de tradições legendárias, de heróis e sábios, de soldados e poetas, descendente de tradicional família de estadistas e políticos que honraram a pátria, não podéis, sr. Pedro Calmon, fugir ao destino glorioso dos vossos e ao serviço da terra que nos legou o exemplo do heroísmo na luta contra os holandeses; o republicanismo da sabinada; o patriotismo dos heróis da independência; a glória de Joana Angélica; a ciência de Cairú e Caminohá; o talento dos Melo Moraes; o condoreirismo de Castro Alves; o gênio de Rui Barbosa que foi grande amigo do Rio Grande, conforme o atesta Batista Pereira em “Rui Barbosa e o Rio Grande do Sul”, e, modernamente, o civismo e o saber dêsse extraordinário Otávio Mangabeira a cujos pés nos curvamos, reverentes.

Mas não apenas o exemplo nos legou a gloriosa Baía: deu-nos, a nós riograndenses, vultos eminentes nas nossas lutas internas, especialmente na do decênio farroupilha, como o coronel Francisco José da Rocha a quem Bento Manuel Ribeiro chamou de desordeiro o que, contudo, não impediu fôsse pelo governo revolucionário promovido a coronel, em 1839, em plena campanha reivindicadora. E mais: João Rios Ferreira, professor emérito, farroupilha exaltado, preso em 1839 e enviado para os calabouços da Côrte, e Firmino Teles de Menezes, serigueiro, ardoroso liberal que tudo fêz pelos ideais reivindicadores de 1835. E outros muitos e muitos.

E se no nosso Rio Grande “baiano” é sinônimo de mau ginete, significa, também, patriota e amigo.

Amiga na paz, amiga na guerra, a Baía liberal, a Baía de todos os tempos nos enviou preciosos elementos colonizadores, desde a fundação do Rio Grande, com os soldados agueridos que de lá nos vieram concorrendo, com seu sangue e com seu brio, para a formação do legendário e glorioso corpo de dragões, aqui se radicando na sua quase totalidade, formando troncos de famílias ilustres nas ciências, letras e artes sul-riograndenses.

Na vossa pessoa, sr. Pedro Calmon, por tudo isso, saúdamos nossa grande irmã maior, a histórica Baía, e seu templo de saber e de estudos ao qual também pertenceis, — O Instituto Histórico e Geográfico Baiano.

* * *

Ilustre e querido amigo:

Perdoai o desalinhado de minhas palavras. São toscas, mas são sinceras. Partiram do coração de um filho do Rio Grande, deste Rio Grande que vos ama pelo que sois e pelo berço que vos viu nascer.

Recebei-as, pois, de coração e guardai-as, bem ocultas, no seu último recanto.

Benvindo sejais a êste querido trôço de terra do nosso querido Brasil.

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul vos saúda e, em seu nome, unindo o Norte ao Sul, eu vos abraço fraterna e cordialmente.

Disse

A figura singular do tenente-general Conde de Pôrto Alegre

(Confrontos e Contrastes)

CASTILHOS GOYCOCHÉA

Aquele que no século se chamou Manuel Marques de Souza e na Historia da América figura sob o título de Conde de Pôrto Alegre, foi, sem nenhum favor, a figura mais singular de general que há tido o Brasil em tôdas as épocas e circunstâncias.

Caxias logrou maiores êxitos, mais fama, galardões que a ninguém foram dados.

Osório, possuindo o condão para arrebatrar as massas humanas ao delírio, para exaltá-las e empolgá-las, também recebeu a consagração devida aos seus altos feitos de guerreiro intrépido e capaz.

Durante algum tempo, os dois — Osório e Caxias — são os ídolos que a Nação inteira venera e que os governos mimam com favores. Um, atingiria ao Ducado, o único da nobiliarquia nacional; o outro foi um dos poucos Marquesses brasileiros.

Pôrto Alegre — um hierático — é menos popular do que Herval e menos feliz do que Luiz Alves de Lima. Não chega a ser compreendido pelo povo e não sabe se fazer valer junto aos governos.

Um paralelo entre os três, entretanto, mostraria que Manuel Marques de Souza foi tão grande quanto Caxias e quan-

to Osório, sob qualquer aspecto que se lhes estudasse as vidas, de qualquer ângulo que se lhes examinasse as características.

Cêsar de Castro, de autoridade indiscutível, disse que “no rol dos generais brasileiros dois vultos se consignificam insuperáveis, sôbre quantos os precederam e quantos os seguiram nas execuções de seu mistér de lidadores: Luiz Alves de Lima — Duque de Caxias — e Manuel Marques de Souza — Conde de Pôrto Alegre.”

Esqueceu, todavia, Manuel Luiz Osório — Marquês do Herval —, o Legendário.

Ninguém mais, ao que saiba, ousou comparação entre os heróis de Caseros, de Curuzú, de Itororó e do passo da Pátria.

Em verdade, aliás, não há a fazer cotejos entre vultos de tal envergadura, mas sómente assinalar, sem eiva de paixão, o que foram e o que fizeram os três máximos capitães do Brasil no periodo mais dramático da existência nacional, aquele que foi da Independência à morte de Solano Lopez, o último grande caudilho sul-americano que sonhou com a reconstituição do Vice-Reinado do Prata, período em o qual, também, mais sérios ataques sofreu a estrutura do país.

E' nesse meio século de lutas armadas no interior e no exterior que surgem, crescem e atingem o pináculo da Glória, os três vultos trimegistos da Pátria — Pôrto-Alegre, Osório e Caxias — diferentes entre si em minúcias, mas inteiramente iguais nas qualidades impositivas que exornaram as suas personalidades.

Luiz Alves de Lima, nascido em 1803, é o mais velho do grupo; segue-se Marques de Souza, nascido em 1804 e Manuel Luiz Osório, de 1808.

Marques de Souza, porém, é o primeiro a receber o chamado **batismo de fogo**, aos 13 anos de idade. Quando os dois outros se estream na luta armada — Caxias na Baía combatendo as tropas portuguesas do General Madeira, e Osório em Montevidéu, os insurretos lusitanos de D. Alvaro de Macedo — êle já havia ganho no campo de batalha, por atos de bravura, os galões de tenente de cavalaria. Fôra feito alferes, aos 14

anos, depois dos combates de **Pando** e de **Manga**, e tenente, cinco anos passados, em **Las Piedras**.

Na guerra da Independência é que os três começam a combater simultaneamente: Luiz Alves, no norte; Marques de Souza e Osório, na Cisplatina. Daí em diante, até e penúltima fase da Guerra do Paraguai, estão juntos na estacada brasileira. E' assim na Revolução Farroupilha, na campanha que apeiou Oribe e Rozas dos respectivos poderes e no esforço para libertar o povo paraguaio de seu derradeiro tirano.

Caxias levou sôbre Pôrto-Alegre e sôbre Herval a vantagem inicial que lhe deu a posição de seus maiores junto ao governo central e a sua permanência habitual na Côrte do Império.

Marques de Souza é filho e neto de generais renomados, mas generais que não deixam as planuras do Rio Grande do Sul e da Banda Oriental, o palco em que se decide a equação dominadora entre Espanha e Portugal, onde, igualmente, os ancestrais de Osório montaram guarda aos inimigos da raça que se formava e da pátria que se demarcava.

Os Lima e Silva — militares e políticos — ao contrário, exerciam as suas atividades sob as vistas dos governos. O pai do Cadete Luiz Alves, Marechal, Senador e Regente, assiste-lhe o início da carreira, encaminhando-o para a Academia Militar, de onde êle já sai oficial.

Os dois outros conquistam as primeiras divisas no campo áspero das batalhas, com as armas na mão, em face ao contendor. Os seus estudos são feitos nas vigílias entre combates, nos abarracamentos, á luz vacilante dos candieiros, sem mestres e quase sem livros.

Quando Miguel Frias de Vasconcelos, no Rio de Janeiro, se levanta em protesto contra as autoridades constituídas, o Major Luiz Alves de Lima está a postos com o Batalhão de Permanentes, sendo fácil por isso dominar a insurreição.

O êxito pronto que obteve sôbre os companheiros do colega amotinado assegura-lhe o prestígio que o indicaria para a intervenção no Maranhão.

São Paulo, Minas Geraes e Rio Grande do Sul constituem sequência lógica depois da vitória de comêço.

A Marques de Souza e a Osório, na mesma ocasião, estava reservada missão muito mais árdua. Os "Farrapos" de Bento Gonçalves e Vasconcelos Jardim coisa alguma têm de semelhante aos débeis e desorganizados revolucionários maranhenses, paulistas e mineiros. Santa Luzia, Sorocaba e Manga de Igará nem por sombras podem lembrar Piratini, Caçapava, Alegrete, Laguna, São José do Norte e todos os mais lugares onde os gauchos, em prôl de um ideal político superior, perfeitamente constituídos, entestavam as tropas do Império. Mal dirigidas estas, por emissários incompetentes do Centro, Marques de Souza e Osório nenhuma ensanchar tinham para um grande cometimento.

Quando Caxias, já aureolado pelo êxito das intervenções anteriores, no norte e centro, foi nomeado para a Presidência e Comando das Armas do Rio Grande do Sul, a experiência dos êrros de seus dez antecessores e o auxílio de Marques de Souza e de Osório garantiram-lhe o resultado feliz que foi a pacificação da Província indômita.

O mesmo ocorreu na Guerra do Paraguai: os ensinamentos obtidos nos comandos anteriores — inclusive de Pôrto Alegre — aos quais tudo regateavam, homens e material, aproveitaram decisivamente a Caxias, tanto para a elaboração como para a execução de seus planos. Além do mais, como na Guerra dos Farrapos, teve a colaboração eficaz dos seus já velhos parceiros: Osório e Marques de Souza.

Luiz Alves que iniciou seu tirocínio quase ao mesmo tempo que Manuel Marques e Manuel Luiz, deveu a essas circunstâncias importantes — meio e origem — grande parte do êxito na carreira comum, de forma a se distanciar dos outros e de sobrelevar-se a êles na hierarquia militar e na nobiliarquia, quando eram os três por igual capazes e por igual dignos.

O principal fator, porém, da vitória do Duque de Caxias sobre o Conde de Pôrto-Alegre e sobre o Marquês do Herval, foi o fator sorte.

A fortuna, de fato, foi que sempre decidiu em benefício de Luiz Alves na porfia pela Glória, si é que entre êles houve competição ou rivalidade.

Ele não falta a verdade quando, em arenga ao Exército, no Paraguai, assegura nunca ter sido vencido.

Essa declaração categórica, feita por um veterano de muitas campanhas, importou no reconhecimento tácito da “estrêla” que sempre lhe guiou as ações e que não lhe faltou até desfechar o último golpe de sua espada.

E’ verdade que nunca foi vencido, mas é também verdade que nunca se encontrou na situação de Bento Manuel em **Sarandí**, de José Luiz Menna Barreto em **Rincón de las Gallinas**, de Manuel Marques de Souza em **Pelotas** e de Andrade Neves na defesa de **Rio Pardo**.

As derrotas, aliás, não fazem pressupor, em regra, incapacidade ou covardia dos chefes vencidos, da mesma forma que as vitórias não servem de índice ao valor dos generais senão quando houver o equilíbrio das forças, das situações, do material. Inumeráveis e complexos são os elementos que podem decidir de uma peleja, sem que, todavia, aos comandantes seja dado alterar-lhes os efeitos.

A história, de resto, registou vitórias que foram derrotas e derrotas que constituíram esplêndidas vitórias.

Ter vencido sempre, como Caxias, foi antes de tudo uma questão de **chance**, aquela **chance** que o colocou na suprema direção da guerra, permitindo a execução completa e acabada dos seus planos, com o afastamento de Mitre e de Flôres do teatro das operações, quando Pôrto-Alegre teve de lutar, apoiado por Tamandaré, para que, até em Uruguaiana, isto é, no território nacional, o comando em chefe coubesse a um general brasileiro, e mais tarde, Curuzú e em Curupaití, renovar a luta, então com o próprio Tamandaré — primo dileto e amigo caríssimo — para conservar-se à testa das operações.

A investidura de Manuel Marques de Souza no comando brasileiro em Caseros é causa de um atrito entre Caxias e Paraná; a sua entrada em Buenos-Aires com as tropas que haviam derrotado as de Rozas é motivo para um áspero diálogo entre êle e Urquiza.

Caxias mesmo se encarrega de amargurar o fim da esplêndida carreira de Pôrto-Alegre, a propósito do ataque a Tuiuti, por uma questão de nonada, esquecendo a amizade fraterna que os ligara por mais de 50 anos e a solidariedade fidelíssima que os unira até então.

Osório, por sua vez, sofre preterições e é ferido gravemente.

Com Luiz Alves de Lima não houve coisa alguma semelhante. Pelo esquecimento a que o relegaram no começo da Guerra do Paraguai recebe larga compensação. Os ataques que sofreu no Senado não lhe atingiram o prestígio e nem lhe mancharam a nobreza.

Osório foi o mais arrojado dos três. Era um guerreiro a moda dos tempos em que a coragem pessoal resolvia as contendas. Em psicologia seria classificado como agindo apenas pelos impulsos do Coração.

Caxias era o Cérebro em domínio. Mais hábil porque mais frio; mais seguro porque menos impetuoso. A força lhe era recurso extremo. Antes do combate, proclama ao inimigo; depois da refrega não exalta a vitória. Teria sido diplomata si não houvesse sido soldado.

Em Pôrto-Alegre havia o equilíbrio mais perfeito que se possa imaginar entre a Cabeça e o Coração. Nem explosões de violência, como Osório, nem o racionalismo de Caxias. E' um fidalgo na acepção completa do vocábulo. A elegância física, o trato apurado das roupas, o comedimento dos gestos, a tonalidade da voz a um tempo imperiosa e suave, retratam a formação moral do general que, na opinião doutíssima de Souza Docca, foi "o estilizador da bravura riograndense, o galã refulgente das batalhas..."

O Marquês do Herval, lança em riste, poncho a voar, cabelos ao vento, seria a figura de um cavaleiro da Idade-Média em luta pela Cruz com os Sarracenos.

O Duque de Caxias, em Itororó, guardou, por certo, a postura do Duque de Wellington, em Waterloo, assistindo calmo à execução do plano inflexível que traçara.

O Conde de Pôrto-Alegre, na ante-manhã de 3 de Novembro de 1867, em Tuiuti, assim foi pintado por Alfredo Rodrigues: "Enquanto o estrépito da fuzilaria e os clamores dos assaltantes (paraguaios) punham em movimento todo o acampamento, passava-se no quartel-general uma coisa extraordinária. O estado-maior do Visconde de Pôrto Alegre estava impaciente à porta, enquanto o velho general, vestido com esmerado apuro, sossegadamente pregava ao peito, uma a uma, tôdas as suas condecorações. Depois afivelou o cinturão, safu e montou a-cavalo como se fôsse para uma parada. Súbito, a sua fisionomia transfigurou-se e, desembainhando a espada, dando o exemplo de avançar, disse com voz terrível de emoção: Hoje morre aquí até o último brasileiro..."

A uma hora da tarde, quando cessou o fogo com o desbarato dos assaltantes, o velho Tenente-General Visconde de Pôrto-Alegre que tivera dois cavalos mortos na refrega e as abas da farda 47 vezes furadas pelas balas inimigas, não tinha um só ferimento grave..."

Osório, guerreiro por instinto, odeia a guerra; Caxias não a ama mas aceita-a como uma fatalidade necessaria; Pôrto-Alegre pratica-a com a convicção que poria no desempenho de um mistér artístico ou de um rito cultural.

A originalidade da figura do Conde de Pôrto-Alegre consiste na sua forma de ser e de agir, diversa uma e outra das demais, porisso incomparável com qualquer vulto de seu tempo.

Osório foi uma expressão telúrica do Rio Grande do Sul em ação. Nas armas e na política é bem o gaúcho brasileiro. Quando muito é uma exponência racial, um índice alto das ca-

racterísticas do povo de onde saíu. Foi o meio ambiente que o modelou e que o impeliu sempre.

Caxias é um complexo de político hábil na execução do que está estabelecido como programa e de soldado prestante. Não influiu nas idéias de seu tempo embora as posições que desfrutou. As lutas doutrinárias na Regência, no fim do Primeiro Império e no comêço do Segundo Reinado, não conseguem abalar-lhe a contextura moral. E' conservador por tradição e por temperamento. Não combateu princípios; combateu a desordem. No govêrno, Ministro e Chefe de Gabinete, e no Parlamento, é uma figura complementar. Como Osório, parece-se com outros.

Pôrto-Alegre, não. Pôrto-Alegre não se parece com nenhum outro, soldado ou político. O meio não o reconhece embalde o afã que põe em se tornar igual aos seus pares, semelhante aos conterrâneos. Foi um guieiro de homens armados de um recanto da América jovem, quando poderia ter vivido naturalmente numa velha pátria européia requintada pela civilização. E' liberal quando o Exército na quase totalidade pertence ao outro partido político. Autodidata, faz-se mais letrado do que seus êmulos, inclusive Caxias que completou o curso das disciplinas militares. O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul é de sua fundação. Amigo de Ferraz, do primeiro Rio Branco e de Mauá, mantém com êles correspondência no regime puro das idéias. Na Europa, em tratamento da saúde, sente-se perfeitamente a gôsto nos meios diplomáticos. Aquellas luvas brancas que nunca deixou de ostentar, no gabinete de Ministro da Guerra, na bancada da Câmara e nas fileiras, foram mais do que um complemento do uniforme militar ou do traje civil, porque foram o símbolo de uma fidalguia que não lhe veio do título mas do sangue.

Caxias foi um dominador feliz de situações...

Osório, um tipo empolgante de chefe militar e de chefe político...

Pôrto-Alegre, um fascinador de inteligências...

Vila da Aclamação

por Aurélio Pôrto.

A mudança dos nomes de localidades, ruas, etc., tão ao sabor dos tempos atuais, é, talvez, sem que o saibamos, uma herança que nos vem de um passado remoto. E era vezo antigo, ao se dar o predicamento de Vila a qualquer povoação, batizá-la com novo designativo que, muitas vezes, como sucede agora, não pegava.

Foi o que se deu com o Rio Pardo. Foi no Govêrno do Chefe de Esquadra Paulo José da Silva Gama, depois 1.º Barão de Bagé, que o Continente do Rio Grande passou a Capitania Geral, por Provisão de 22 de setembro de 1807. O govêrno de Paulo da Gama se celebrizou por intenso trabalho e pela reorganização do municipalismo rio-grandense. A única Vila criada até então fôra a do Rio Grande, por Carta Régia de 17 de julho de 1747. Mas, porque o Ouvidor de Paranaguá, a quem competia a criação, não pudesse dar immediato cumprimento a ela e fôsse, em seguida, por C. R. de 20 de novembro de 1749 criada a Comarca de Santa Catarina e Rio Grande de S. Pedro, só em 1751 teve lugar essa solenidade, pelo Ouvidor Faria. Foi porém tão irregular êsse ato que determinou se tornasse a criá-la por alvará de 7 de outubro de 1809, conjuntamente com Pôrto Alegre, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha.

Paulo da Gama, então Capitão General da Capitania do Rio Grande, que muito se empenhou pela criação dessas Vilas, querendo, como bom palaciano que era, prestar uma homenagem ao Vice-Rei do Brasil, propôs que Rio Pardo tivesse a

denominação de Vila de Anadia, relembrando assim o governo do Visconde do mesmo título. Mas, fôsse porque fôsse, a designação não foi aceita e Rio Pardo continuou simplesmente Rio Pardo.

Se há designativo toponímico que não possa ser substituído êsse será exatamente o da Velha Tranqueira rio-grandense. A côr das águas do rio que dá origem ao nome, justifica plenamente o da cidade. Conhecido desde as incursões bandeirantes, quer nos documentos de origem portuguesa, quer nos de origem espanhola, seria inócuo dar-lhe qualquer outra designação. Nas mais Vilas também foram conservados os antigos nomes. Só Pôrto Alegre tivera a sua natural evolução. Quando do início do povoamento, sendo parte da fazenda de Jerônimo de Ornellas e Vasconcelos, pela sua localização e proximidade da povoação que em 1741 fôra ereta no Viamão, era conhecida por Pôrto do Viamão. Os seus primeiros povoadores foram marinheiros que haviam prestado serviços a El-Rey, que recomendou, expressamente, ao serem distribuídas as datas aos casais primitivos, que a êles também tocassem frações iguais de terra. Com a vinda dos casais, passou-se a denominar Pôrto dos Casais. Foi José Marcelino de Figueiredo, Governador do Continente, (1769-1781 e 1773-1780) que deu à capital o nome de Pôrto Alegre, que até hoje conserva.

A Vila seguinte, criada por Alvará de 18 de janeiro de 1819, foi a de S. Luiz de Missões. O vasto território anexado ao Rio Grande, depois da conquista de José Borges do Canto e Maneca Pedroso, ficava muito distante de Rio Pardo, a que tinha de recorrer não só para os atos administrativos, como para os judiciários. A sua criação se impunha. Ficou sendo S. Luiz a cabeça de tôda a região missioneira.

Mas, teve um acréscimo, que só usou e por pouco tempo em documentos oficiais: o de "Leal Bragança". Quem hoje sabe que a bela cidade missioneira se chamou de São Luiz da Leal Bragança?

Vem em seguida Cachoeira. El é exatamente esta que motiva estas notas ligeiras sôbre o nosso municipalismo.

Será interessante conhecer os episódios que determina-

ram o seu vilamento, consoante a consulta do Desembargo do Paço de 25 de janeiro de 1819.

Desde 1816 vinham os cachoeirenses impetrando essa graça. Expunham com calor a justeza das suas pretensões. Já era então a terra cachoeirense um forte contingente de homens com serviços inolvidáveis à Patria e a El-Rey. Um rosário de nomes ilustres, nas armas, no comércio, na criação de gados, assina o Memorial. Os Carvalhos, velhos pioneiros das campanhas mais árduas, alargando os domínios da Colônia, levando a tódá a parte a bravura sem par das suas armas; os Portos, enérgicos e fortes, cumulando as glórias de todos, as campanhas contra o castelhano audaz; os Furtados de Mendonça, os Bernardes, os Soeiros, os Macedos, os Fortes, os Fontouras, e outros, muitos outros, cada qual com mais direito de pedir e de impor.

Rio Pardo já então se enciümava da prosperidade vizinha. O Juiz de Fora do Rio Pardo deu informação contrária. Mas, continuaram as demarches. O cachoeirense é tenaz, e depois de três anos de constantes requerimentos e de muito empenho junto aos altos poderes da Côrte, vai ao Desembargo do Paço o assunto para solução definitiva.

Mas, o Marquês do Alegrete, então Capitão General do Rio Grande de São Pedro, (1814-1818) repete o mesmo gesto de Paulo da Gama. Em sua informação diz ser justa a pretensão dos moradores da Cachoeira, convindo aos interêsses da Capitania a criação da Vila, mas, lembrava para não confundir com outra de igual nome, existente na Capitania de São Salvador da Baía, dar a Cachoeira outra designação, ao fazer-lhe o vilamento. Seria a de Vila da Aclamação. Isto serviria para “futura e perpétua recordação da época em que é concedido o benefício de sua elevação a mesma em que êste Reino logra, pela primeira vez, a Augusta Cerimônia do levantamento e Juramento de Preito e Homenagem ao Mais Amado dos Soberanos”.

Como se vê o Marquês de Alegrete, sr. Luiz Teles da Silva, pretendia ficasse Cachoeira ligada, por ocasião de seu predicamento à Vila, à recordação da elevação do Brasil a Reino.

Mas, os Ministros do Desembargo do Paço não estiveram de acôrdo com a proposta do Marquês. E assim o justificaram: "A denominação deve ser Villa Nova de S. João da Cachoeira, visto que não sendo nela feito o ato da Gloriosa Aclamação d'El-Rey não quadra a denominação de Vila de **Cachoeira da Aclamação, que se aponta na informação.**

Mas, uma cousa interessante. Cachoeira ficou com dois padroeiros: a da Vila, N. Senhora da Conceição, de quem os nossos avós eram devotos antigos, e o da Câmara, S. João, que figurava no estandarte dela.

Mas só perduram as criações do povo. Ninguém pode impor à consciência dos homens. São João desapareceu. E' o padroeiro histórico, conhecido dos que remexem os velhos arquivos e dêles ainda, coberto de pó, levantam o velho estandarte da Câmara. Mas, ficou N. S. da Conceição. Ficou na nossa linda igreja, no seu altar mor, coroada de rosas, boníssima, miraculosa e divina, presidindo os destinos do nosso povo, conduzindo pelos ásperos caminhos os cachoeirenses que fitam alto os destinos da Pátria.

E quando nós, cabeças já brancas pelas neves dos sofrimentos e das lutas, volvemos o olhar para o recanto saudoso da Cachoeira distante, insensivelmente, a alma se nos envolve na doce meiguice daquele olhar inesquecível de Nossa Senhora que guiava, quantos anos passaram! os passos incipientes com que penetrávamos na vida para amar a Cachoeira e glosar assim, mais e mais, o Rio Grande.

A imagem de S. Pedro, do Rio Grande

por **Valter Spalding**

A História e a Lenda quasi sempre se encontram. E se esta tem, no geral, por base a História, a História, não raro, é baseada na Lenda. Daí a grande oportunidade e o grande valor das Lendas para os estudos sociológicos e psicológicos dos povos.

Era uma vez...

(Porque não começar a história, ou as lendas como nos encantados contos de fadas que tão gratos nos foram nos velhos tempos de nossa infância?).

Era uma vez um navio que, com outros, partira para longes terras...

Saíra de Palos rumo ao Prata.

Adeuses... Preces... Flâmulas ao vento... Velas pandas...

Alto mar... água e céu... Calmaria...

Súbito, um temporal já em costas sul-americanas.

E a esquadilha dissolveu-se. Todos os navios voltaram. Todos, menos um, menos aquele que trazia em seu bojo, religiosamente, a imagem de São Pedro.

Depois...

Vejam os a história como se passou:

Descoberto o Brasil no ano de 1500 por um povo visceralmente religioso e, depois, em lutas contínuas com outro povo

não menos religioso, não é de estranhar-se ter nascido, no seio da religião, o Brasil e, dentro dêle, dois séculos mais tarde, o Rio Grande do Sul.

Já Silva Pais ao entrar na barra do Rio Grande, — a então “barra diabólica” de Gomes Freire — trouxera comsigo sacerdotes para que a seus soldados não faltasse a assistência religiosa.

Nenhum navio, naquelas priscas eras partia, de Portugal ou de Espanha, quer em guerra de conquista, quer para tomar posse de nova terra, quer para conduzir povoadores, sem o seu capelão e suas imagens para a ermida, capela ou igreja a ser construída na nova pátria.

E foi assim que, certo dia, partiu de Espanha, rumo ao Prata, pequena armada, conduzindo, um dos navios, bela imagem do grande pescador da Galiléia que foi, depois, o primeiro papa da cristandade — São Pedro.

Naus pequenas, de pouco calado, em meados de maio do ano de 1742, pelas alturas da ilha de Santa Catarina violento temporal se fêz sentir e as gloriosas naus de Castela foram violentamente dispersas, aportando algumas, sem o querer, nas costas catarinenses, enquanto outras eram impelidas pela brutalidade do temporal para o sul e para as costas africanas.

Finalmente, depois de mais de quinze dias reüniram-se novamente as caravelas de Espanha nas proximidades do cabo de Santa Maria, ao sul de Maldonado.

Mas... faltava ainda uma nau.

Por ela esperaram um dia, dois, uma semana... E nada.

Teria voltado para Espanha? Teria aportado nas costas da África? Teria naufragado?

Eram as perguntas que todos se faziam em tórno da ausência da caravela Nuestra Señora del Pilar.

Um dia, esquecidos já todos da sorte da caravela espanhola, estando no Rio Grande, em visita de inspeção o fundador do Presídio Jesús, Maria, José, brigadeiro José da Silva Pais, então governador de Santa Catarina, fato estranho se deu naquele pôr de sol de 27 de junho, no pequeno povoado, ainda cheio de aflição a espera do resultado do processo dos implicados no levante de 4 de janeiro.

Governava o presídio, como comandante militar, desde 5 de março de 1739 dia em que recebeu, por doença do mestre de campo André Ribeiro Coutinho, as rédeas da comandância, — o coronel Diogo Osório Cardoso que no levante tão importante papel desempenhara.

Mar calmo, sereno como um lago... O sol dardejava seus últimos raios, suaves, sôbre as ondas mansas da praia, banhando o céu com infindas cambiantes de côres desde o rubro ao alaranjado, deitando, nas almas, aquela branda nostalgia tão própria nos exilados da pátria e que êsses crepúsculos junhais primam por alimentar.

Terra.. areias e mais areias... E o mar, além, a se perder de vista, incendiado, no longínquo horizonte. Na praia um grupo de homens e mulheres, imersos na saudade, a cantar velhas “canções de amigo”, ternas “canções de amor”:

“Mays digna de ser servida
que senhora deste mundo,
vos sois o meu deos segundo,
vos sois meu bem desta vida.

Vois sois aquella que amo
por vosso merecymiento,
com tanto contentamento
que por vos a mim desamo.

A vos soo he devida
lealdade, neste mundo,
pois sois o meu deos segundo
e meu prazer desta vida”. (¹)

ou então nostálgicas trovas de velhos romances populares:

— “Rio Doiro, rio Doiro,
Rio de máo navegar,
Dize-me essas tuas aguas
Aonde as foste buscar;

(¹) Poesia d'El Rei D. Pedro, Cancioneiro de Garcia de Rezende.

“Dir-te-hei a perola fina
Aonde eu a fui roubar.
Ribeiras correm ao rio,
O rio corre a la mar.

“Quem me roubou minha joia,
Sua joia lhe fui roubar...
O moiro que assim cantava
Gaia que o estava a mirar... (2)

Súbito, ao longe, avista, um velho dragão coberto de cicatrizes, banhado por raio mais vivo do sol morrente, algo boiando sôbre as ondas.

Aponta-o aos companheiros.

— Vêdes, além, aquele vulto?

Todos os olhos procuram o “vulto” sôbre as ondas...

— Que será?

— Uma baleia...

— Um tubarão...

— Quem sabe se algum náufrago...

Mas o alquebrado dragão que já tantas vezes cruzara o mar desde Lisboa ao Prata, fixando os olhos no estranho vulto que as ondas impeliam, disse, por fim:

— Não, rapazes. Aquilo não é animal. E' resto de naufrágio. Parece uma tábua. Mas, — concluiu pondo-se de pé, — não é tábua, não. E' uma caixa. Vede como ela joga... como é impelida...

E, num gesto de velho marinheiro, saltou em frágil canoa que alí jazia, naquela arenosa praia, remando ao encontro do “Vulto” que se achava mais ou menos meio quilômetro além.

Momentos depois, quando já o sol se deitara em pleno oceano, voltava o heróico dragão rebocando o achado, — uma caixa comprida e estreita...

(2) Do “rimance” — MIRAGAIA, conforme Garret, no ROMANCEIRO.

A curiosidade aguçava os poucos espectadores e, posta a caixa em sêco, abriram-na.

Surpresa geral!

A caixa trazia, realmente, em seu bojo, um náufrago: o velho e boníssimo pescador da Galiléia que, como naquelas eras primevas de quando Cristo recém entrava neste mundo, — dirigia, galhardamente, pelo mar grosso, rumo à terra que era sua, o seu frágil batel de pescador, única cousa que se salvou do naufrágio daquela caravela de Nuestra Señora del Pilar...

Numa pequena choça alí existente, com todo o carinho colocaram a imagem ficando, alí, os moradores, em mudo culto de dulia àquela imagem milagrosa de São Pedro que as ondas aportaram naquela arenosa praia.

E o velho dragão, orgulhoso e comovido, apresentou-se no presídio solicitando falar, urgente, com o coronel comandante Diogo Osório e o brigadeiro Silva Pais.

Queria comunicar-lhes o presente divino daquela imagem de São Pedro que as ondas trouxeram sabe Deus de que lonjuras...

Diogo Osório e Silva Pais, curiosos também, seguiram o velho dragão à humílima choupana praieira que estava servindo de nicho ao príncipe primeiro da Igreja de Cristo em Roma.

E alí mesmo, à luz de fumarento candieiro, resolveram transportar, solenemente, em procissão, no dia 29, dia do Santo apóstolo, a imagem daquela choupana à já então capela do presídio, de Jesús, Maria, José.

29 de junho de 1742.

Festivo amanheceu o dia. Salvas e repiques do pequeno sino...

E o regimento de dragões do Rio Grande, no seu melhor uniforme, — já todo esfarrapado, — em formatura acompanhando SS. SS. o Coronel comandante Diogo Osório Cardoso e o inspetor visitante, brigadeiro Silva Pais, marchavam ao som do rufo rumo à choça, seguidos da multidão, — aquele punhado de homens e mulheres que habitavam, então, o pre-

sídio, — para transportar a imagem do grande santo pescador da Galiléia.

Nove horas da manhã...

Quatro dragões, depois da missa rezada ali enfrente à choça, sob a patrocínio de São Pedro, carregam o andor.

... E São Pedro lá vai, devota e gloriosamente transportado à casa de Deus...

Te-deum... rancho melhorado... festas populares... luminarias...

São Pedro viera, de tão longe, lutando com as ondas do mar grosso, trazer suas bênçãos àquele povo que ali estava segregado do mundo e da humanidade, sempre de armas às costas velando sua nova terra, — pátria que haviam de formar, como formaram, com o suor de seus rostos e o sangue de suas veias.

*

* *

São Pedro ficou sendo, desde então, oficialmente, o padroeiro do presídio, depois vila de São Pedro do Rio Grande.

Gomes Freire, pelas instâncias anteriores de Silva Pais e Diogo Osório e a novas instâncias do povo, e do novo comandante tenente-coronel Pascoal de Azevedo, resolveu mandar construir, — no mesmo local da velha capela que substituíra a ermida de Jesús, Maria, José, — a imponente matriz de São Pedro, ainda hoje existente na grande e magnífica cidade.

E lá está, numa placa de mármore, ao alto da porta, a inscrição comemorativa da construção da Igreja:

"Reinando El-Rei D. Jozé I. N. S. e sendo Gor. e Capm. Gen. das Caps. do R.º de Janr.º, e Minas Gers. o Illmo. e Exmo. Gomes Freire de Andrade do seo Cons.º, Ml. de Campo General dos seus Exercitos Mandou fazer esta Igreja no tempo, õ conferio, e executou desta parte como principal commissar.º do mesmo Rei e Senhor a Divisão das duas Monarchias. Rio Grande de S. Pedro XXV de Agosto anno de M.DCCLV".

Um grande proboscidião extinto : O Mamute

Carlos de Paula Couto

O mais célebre e também o mais freqüente e mais conhecido dos proboscidianos fósseis do gênero *Elephas* (Linneu, 1735) é o *Elephas primigenius* Blum, designado vulgarmente pelo nome de Mamute que, pelo menos na Europa, foi contemporâneo do homem primitivo paleolítico, como o provam as figuras numerosas, os desenhos e esculturas que o representam, feitos freqüentemente sobre o seu próprio marfim, que tem sido encontrados nas camadas pleistocenas e nas cavernas diluviais da Europa (França, principalmente). Além disso, muitas ossadas de Mamute têm sido encontradas, amontoadas, em diversas partes da Europa, em excavações feitas no solo, o que faz supor que o homem primitivo paleolítico deu caça a esses grandes mamíferos, fazendo-os cair em astuciosas armadilhas abertas no solo, para ali os matarem, após, com pedras, flechas, chuços, etc. Não podendo removê-lo, devido ao seu grande pêso, despojavam-no ali mesmo de sua carne, com que se alimentavam.

Que o Mamute viveu até um idade relativamente bem recente, não há dúvida: além dos desenhos, etc., feitos nas paredes das cavernas pelo homem paleolítico, são exumados, de tempos em tempos, cadáveres intactos do mesmo nos gelados tundras siberianos, onde já foram encontrados em tal

quantidade que à Sibéria foi dado o cognome de “cemitério dos Mamutes”. Noutras regiões, o Mamute é conhecido apenas por restos de seu esqueleto.

Este animal fêz o seu aparecimento na Europa, juntamente com o Rinoceronte de Merck (*Rhinoceros merckii*) e os grandes Hipopótamos, no pleistoceno e durante o período cheleano propriamente dito (paleolítico inferior), cujo clima foi relativamente menos rude que o da época anterior ou precheleana que passou por período glaciário.

O primeiro fóssil do gênero *Elephas* que se descobriu foi o Mamute que abundou durante o quaternário inferior em quasi todo o hemisfério boreal.

A principal diferença que se nota entre o Mamute e os Elefantes atuais é a longa crina de que era dotado o primeiro, cujo corpo era inteiramente coberto por um pêlo macio, lanoso, de 0^m,10 a 0^m,15 de comp., ruivo, que, por sua vez, era coberto por longos pêlos rudes e grosseiros, duros e pretos, de mais de 0^m,20 de comp. (alguns chegaram a atingir mesmo um metro de comp.) que formavam crina sôbre o dorso e no pescoço. Fragmentos dessa lã e crinas, conservados no Museu de S. Petersburgo, serviram de modelo para restaurações fictícias, feitas com muita habilidade.

O *Elephas primigenius* tinha o crânio alongado, de fronte côncava. O seu maxilar superior era guarnecido de duas defesas ou colmilhos enormes, muito maiores que os dos Elefantes atuais, curvos, contornados para cima, espiralados, de ponta um pouco virada para fora, que chegavam a medir 5 metros de comprimento e que abundam na Sibéria, onde são explorados sob o nome de “marfim fóssil”. Na Sibéria, o centro da indústria e comércio dêsse marfim fóssil é a cidade de Yakoustsk. O maxilar inferior era obtuso, de molares mais largos e com colinas paralelas, mais aproximados entre si.

O Mamute era superior em talhe aos maiores Elefantes atuais, pois, conforme Gaudry, media 3^m,42 de altura, a contar do cume do crânio.

Restos fósseis (colmilhos, molares, ossos, etc.) dêsse grande Elefante pleistoceno têm sido encontrados em grande quantidade nas camadas superficiais do globo (terrenos mó-

veis) de todos os climas e principalmente em todo o norte da Eurásia e mesmo da América. No último continente, o Mamute é representado por espécies ou variedades um tanto diferentes do *E. primigenius*, que foram denominadas de *Elephas americanus* ou *Archidiskodon imperator* e *E. colombi* ou *Parelephas*.

O *Archidiskodon imperator*, o Mamute imperial do sul da América do Norte, era, conforme Romer, um grande e um tanto progressivo membro do gênero *Archidiskodon* Pohlig ou *Elephas* Linneu ⁽¹⁾.

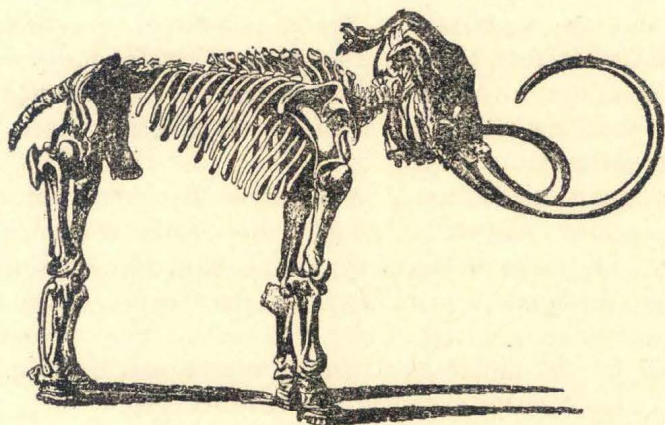
O *Parelephas* (*El. colombi*), comumente designado por "mamute colombiano" que penetrou até ao México e que, segundo Trouessart, se aproxima mais do que qualquer outro gênero ou espécie fóssil do Elefante atual da Ásia, era, no dizer de Romer, uma forma característica, isolada, do clima temperado da América do Norte. "Nestes *archidiskodons* americanos, escreve Romer, o número de cristas molares tende a aumentar de modo mui considerável e a alcançar um elevado total de trinta no mamute colombiano, dêste modo paralelo ao mamute lanoso".

Os restos de Mamutes são, entretanto, mais raros nas atuais regiões temperadas dessas três partes do mundo, se bem que, mais esporadicamente, já tenham sido encontrados na Itália, Espanha e principalmente na França onde, numa jazida quaternária de Mont-Dol (Ille-et-Vilaine) foram achados mais de 400 molares. O limite meridional do grupo parece ter sido a costa européia do Mediterrâneo.

Antigamente, essas ossadas eram consideradas como pertencentes a homens gigantescos e deram lugar às pretensas

⁽¹⁾ O gênero *Archidiskodon* de Pohlig, conforme Romer, parece estar incluído na base do grupo dos Elefantes. Os seus dentes são largos, de coroa relativamente baixas, com um número primitivamente pequeno de colinas (10 a 14, no máximo, nos tipos primitivos). O *Archidiskodon* (ou *Elephas*) *planifrons*, do plioceno recente da Ásia, é um dos velhos e mais primitivos dos Elefantes. O *Archidiskodon* (*Elephas*) *meridionalis*, o mamute austral, era um tipo primitivo, comum na regiões do litoral mediterrâneo, no pleistoceno (Romer — "Vertebrate Paleontology").

descobertas de túmulos de gigantes, citados pelos autores da antiguidade e da Idade-Média. Também a descobertas de restos dessa natureza são atribuídas às fábulas dos Tártaros e Chineses que supunham que tais ossos provinham dum animal subterrâneo que vivia como as Toupeiras e que não podia espor-se à luz do Sol ou da Lua, sob pena de morrer. E' possível que a lenda alemã do **unicórnio** seja também referida ao Mamute, pois que os camponeses da Baixa-Áustria (terra do loess) designam as defesas de Mamute que encontram por "**das Hurn vun an Oang'hurn**" (o corno de um unicórnio), assim como a lenda do **licorne**. As duas últimas lendas são, entretanto, atribuídas também a um animal que devia viver no comêço da época histórica, o **Elasmotério**, grande mamífero de 5 metros de comprimento, tipo mui modificado da



família dos **Rinocerontídeos**, que tinha um enorme chifre no meio da cabeça e cujos restos foram encontrados na Sibéria.

Quando foi estabelecida a verdadeira identidade das ossadas fósseis de Mamute, apareceram novas hipóteses a respeito das que foram encontradas nas antigas regiões palmilhadas pelos Macedônios, Cartagineses e Romanos: seriam estas os restos dos Elefantes conduzidos pelo exército de Aníbal e de outros generais da antiguidade. Aliás, De Blainville, o notável naturalista francês, alimentava tal hipótese.

Notando, porém, que tais ossadas são muito mais numerosas nas regiões nórdicas da Eurásia que nas do centro e sul, os naturalistas começaram a rejeitar tal hipótese, para forjar outra mais natural, conforme a qual o clima das regiões hoje frias do norte do Antigo Continente teria sido, outrora, quente ou temperado, permitindo a existência alí daqueles animais que teriam emigrado sucessivamente para as regiões mais quentes do sul, à medida que o clima se resfriava nas regiões onde viviam. A descoberta de tão grande número de cadáveres de mamutes entre os gelos siberianos, etc., parece demonstrar, porém, que tal resfriamento não se produziu lenta mas abruptamente, de modo que, colhendo-os de surpresa, atordoados aqueles grandes proboscidianos, não lhes dando tempo para se evadirem para o sul e matando-os quasi totalmente, senão totalmente.

A descoberta de tais cadáveres completos, alguns mesmo na posição vertical, com a carne e pele não putrefatos, conservados nos gelos siberianos e nas terras árticas do litoral até nossos dias, constitue bem uma demonstração do que acima foi afirmado: os Mamutes da Sibéria morreram de frio, no meio de súbitas e violentas tempestades de neve, e foram imediatamente encerrados no gelo formado logo após.

Muitos acreditam que o Mamute se alimentava de líquens, caniços, brotos novos de bétulas, amieiros, salgueiros, etc. que medram nas regiões frias.

Aquí, entretanto, parece existir um paradoxo: enquanto que, por sua abundante lanugem e compridas crinas, o Mamute parece ter sido adaptado a um clima frigidíssimo, pelo seu grande tamanho e pelo seu regime indubitavelmente herbívoro, como o dos Elefantes atuais, êle teria sido, antes, um animal próprio de clima, senão tropical, pelo menos temperado, pois, como sabemos, os vegetais que crescem, assim mesmo esporadicamente, nos tundras gelados das regiões frias são mirrados, de escassas vegetação e dimensões (2 a 15 cms. de altura, no máximo), e, pois, ultra-insuficientes para prover a alimentação de tais herbívoros gigantes que, como está demonstrado, chegavam a comer 300 quilogramas de erva por

dia, cada um e que, além disso, deviam viver em grandes rebanhos.

Concluimos daqui a impossibilidade de admitir que o Mamute lanoso tenha vivido naquelas regiões, se não quisermos admitir também que as mesmas tenham tido outrora um clima quente ou temperado. O que parece mais razoável é que o grande *Elephas primigenius* tenha vivido num clima temperado, talvez temperado-frio, mas não num clima tropical, como vivem os seus congêneres atuais (*Elephas africanus* e *E. indicus*), porém ainda bastante quente para permitir o desenvolvimento duma vegetação mais ou menos abundante, da qual o gigantesco herbívoro pudesse tirar os proventos indispensáveis à sua existência. Assim, esta nossa hipótese parece coadunar-se melhor com as duas características essenciais do *E. primigenius*: abundante lanugem e grande tamanho.

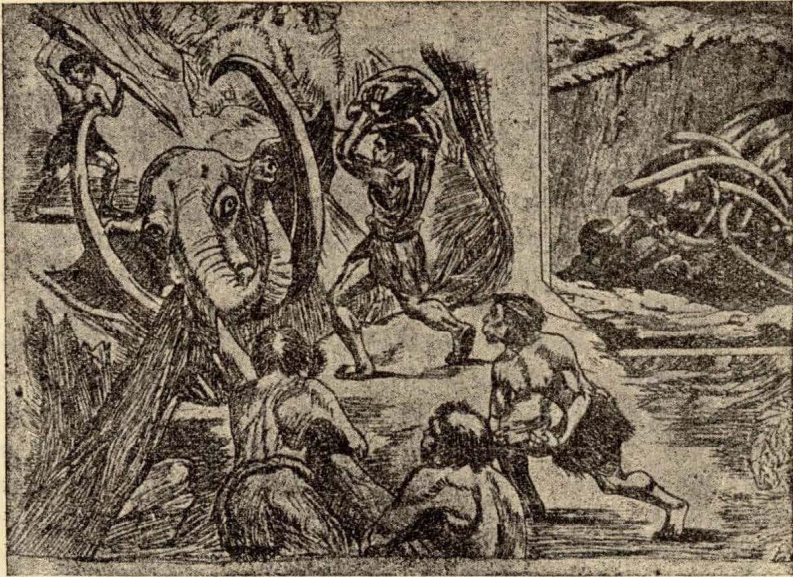
Entretanto, esta nossa hipótese, logicamente, não exclui a de que o Mamute possa ter vivido num clima tão quente como o das regiões tropicais de hoje, a despeito de seu aspecto exterior.

Contrariando, porém, a lógica, alguns autores contemporâneos ainda admitem que o *E. primigenius* tenha vivido num clima frio, como o é o clima atual das regiões siberianas. Alfred Sherwood Romer, por exemplo, em sua obra "Vertebrate Paleontology", considera o *Mammonteus primigenius*, como êle denomina o *Elephas primigenius*, o lanoso mamute, como uma forma adaptada ao clima frio. Dizem mesmo alguns autores que o Mamute de Berezowska possuía 9 cms. de toucinho sub-cutâneo. O alemão Dr. Otto Schmeil, em seu "Curso de Zoologia", depois de citar os cadáveres descobertos, afirma o seguinte: "Por êles sabemos que sua pele estava coberta de pêlo comprido, abundante, pardo-avermelhado, e que debaixo da mesma tinha o animal uma capa espessa de toucinho, que o preservava das baixas temperaturas das zonas em que habitava. Diversas investigações puzeram fóra de dúvida que a extinção desta espécie foi, em nossos países, obra do homem,"

Entretanto, diz Daniel Hämmmerley Dupuy: "O estudo microscópico da pele dêsses paquidermes demonstrou que care-

ciam de glândulas sebáceas, tão necessárias aos animais que habitam as zonas frígidas. A ausência de glândulas sebáceas é uma característica exclusiva de alguns animais tropicais.” (D. H. Dupuy: “El misterio de los Mamuts y Rinocerontes congelados” — *Revista Geografica Americana*, n.º 47, pgs. 122-123 — B. Aires, Agosto 1937).

O Dr. M. H. Neuville, citado pelo mesmo Sr. Dupuy, apresentou a seguinte informação, depois de realizar um prolixo estudo sobre esta questão: “A grande particularidade da pele do mamute (*Elephas primigenius*) é que ela só poderia proporcionar uma proteção precária contra o frio, análogo



à de numerosos mamíferos da zona tropical. Sua derme é, verdadeiramente, mui delgada, porém, não mais que a dos elefantes. Parece-me impossível descobrir com o exame anatômico da pele e dos pêlos argumento algum a favor da adaptação ao frio.” (“*Reports of the Smithsonian Institution*”, ano 1919, pg. 332).

Em contraposição às citações daqueles que afirmam que nos dentes e estômagos de Mamutes foram encontrados res-

tos das mesmas plantas que hoje medram nas tundras siberianas, podemos dizer que Brandt achou alimentos semi-mastigados, principalmente agulhas de **Côniferas**, entre as lâminas dos molares do cadáver descoberto em 1799 e que Smith notou, nos estômagos de alguns Mamutes, a presença de folhas de diversas plantas próprias das regiões quentes, enquanto que outros acharam restos de uma vegetação semi-tropical.

Por fim, com o Sr. Dupuy, podemos dizer: “Não apareceu entretanto a menor prova científica de que os mãmutes e os rinocerontes descobertos no estado de congelação foram animais de zona frígida.”

Portanto,....

Outra suposição que, sôbre os cadáveres completos encontrados nos tundras gelados da Sibéria, se fazia antigamente era a de que êles teriam sido transportados para ali pelos rios que se lançam no mar Glacial Ártico, rios êsses que teriam suas nascentes nas montanhas da Índia (?!). Mais do que qualquer outra, é esta hipótese inverosímil, por diversas e seguras razões e principalmente por ter contra si o fato de que tais cadáveres teriam apodrecido em caminho, indubitavelmente.

O primeiro cadáver de Mamute, ao que parece, foi descoberto em 1799, nas costas do mar Glacial, na desembocadura do rio Lena, por um pescador que navegava num dos pequenos barcos que se usam naqueles rios tributários do Ártico. O cadáver em questão estava encerrado numa massa de gelo. Sómente em 1806 foi êle completamente desembaraçado pela fusão do gelo, tendo dado à costa, onde foi recolhido pela naturalista Leith Adams que fêz com que partes dêle fôssem transportadas para o museu de São Petersburgo.

Já em 1806 o cadáver estava um tanto despojado de sua carne, pois, além das mutilações nêle feitas pelos ursos brancos, os Yakantes, habitantes dos arredores do lugar onde tinha êle dado à costa, cortavam-lhe nacos, para dar a seus cães. O esqueleto, com exceção duma pata dianteira e dos colmillos, estava perfeito. A espinha dorsal, uma omoplata, a bacia e três membros estavam ainda reunidos, por seus liga-

mentos, a porções da pele. A pele da cabeça estava sêca e uma das orelhas, bem conservada, estava guarneçada de um tufo de crinas. A pupila do olho era ainda distinta. O cérebro, embora ressequido, existia ainda. Uma longa crina cobria o pescoço, assim como a pele. Além disso, foram retirados mais de 15 quilogramas de pêlos e crinas que os ursos brancos tinham enterrado no solo úmido, ao lhes devorarem as carnes.

Outro cadáver completo foi descoberto nas margens do rio Aláscia que se lança também no mar Glacial, a leste de Indigirsha. O autor desta descoberta foi um tal de Sarstskew. Este cadáver estava, como o anterior, coberto por sua pele, guarneçada ainda de longos pêlos negros, tendo sido desembaraçado por uma crosão provocada pelo rio.

Um terceiro indivíduo foi descoberto, em idênticas condições, nas costas do mar Glacial. O Museu de Paris possui um pedaço de sua pele e mechas de sua crina.

Algumas ilhas do mar Glacial, fronteiras aos rios onde foram feitas tais descobertas, apresentam tal quantidade de restos de Mamutes que em algumas regiões o solo é uma mistura de areia, gelo e ossadas desses proboscídeos, cujas presas podem muitas vezes ser aproveitadas para o comércio, pois, o seu marfim está geralmente bem conservado.

Além desses, muitos outros cadáveres e restos de Mamutes foram descobertos até hoje na Sibéria e nas ilhas árticas costeiras.

Como já dissemos, o Mamute (*E. primigenius*) constituía uma espécie do gênero *Elephas* mas, por seus ossos, comparados por Camper, Palas, Mer, Blumenbach e Cuvier aos dos Elefantes atuais, parece aproximar-se mais do Elefante indiano que do Elefante africano. O naturalista De Blainville inclinava-se em reuni-lo ao Elefante indiano. Nesti, Fischer de Waldheim, etc., pretendiam, entretanto, que o nome Mamute abrangia diversas espécies particulares, com o que, aliás, concorda a ciência moderna, ao estabelecer a existência de Mamutes no continente americano. Pohlig distingue do ver-

dadeiro *E. primigenius* duas raças: *E. Trogontheril* e *E. Leith-Adamsi*; a primeira, que se encontra no diluvium antigo, associada com o *E. antiquus*, é intermediária entre o *E. meridionalis* e o Mamute propriamente dito (*E. primigenius*) e a segunda é uma raça anã.

Ainda existem, provavelmente, nos gelos siberianos, muitos cadáveres de Mamutes e de Rinocerontes, intactos, que, a despeito de estarem sepultados no gelo, tendem a desaparecer, pois, embora não se corrompam, por não estarem em contacto com o ar atmosférico e por estarem, por assim dizer, frigorificados, sofrem, entretanto, uma auto-desintegração que os conduz, finalmente, a uma destruição total.

O Mamute vivia nas planícies e particularmente nas margens dos rios, lagos, pantanos e costas do mar, no pleistoceno. Devia ser bom nadador, pois, ao que parece, passava duma para outra das ilhas costeiras. Era, provavelmente, um animal pacífico mas selvagem, que procurava fugir dos lugares habitados pelo homem. Embora fôsse maior que os Elefantes atuais, não foi, entretanto, dos maiores proboscídeos que já existiram, pois o seu talhe era suplantado pelos dos *Elephas anticus*, *E. meridionalis* (4^m,42 de altura) e pelo do *Dinotherium* (5^m,25 de altura).

Certas lendas chinesas admitiam ou admitem ainda a existência atual do Mamute que se acharia confinado em alguma região isolada e inacessível do globo. Atualmente, porém, tal sobrevivência não é levada, absolutamente, a sério.

— Para Cuvier, o *E. primigenius* de Blumenbach, que êle denominou de *E. mamoteus* e Schut, de *E. jubatus*, deveria ser a única espécie de Elefante fóssil. A ciência estabeleceu, entretanto, posteriormente a existência de muitas outras espécies do gênero *Elephas* (*E. planifrons*, *E. priscus*, *E. meridionalis*, etc.).

Romer, como De Blainville, etc., acredita que o Mamute (*E. primigenius*) deve ser incluído no mesmo tipo ou grupo de elefantes que o vigoroso Elefante indiano atual, *Elephas* propriamente dito, forma que teria persistido na provável

região originária dêste grupo, cujas características são: pequenos dentes de coroas baixas, chatos, adelgaçados, parecidos com lâminas, alcançando um número máximo de 27.

E, segundo Trouessart, o *E. colombi*, uma das variedades ou espécies de mamutes americanos, aproxima-se, mais do que qualquer outro gênero ou espécie fóssil, do Elefante atual da África (*E. africanus*).

Nótulas Bibliográficas

REVISTA DEL ARCHIVO DE LA BIBLIOTECA NACIONAL, — Quito — Ecuador. — Año I — N.º 1 — 1937.

Notável é o movimento de divulgação de cousas históricas, que se está verificando em algumas Repúblicas da América do Sul, merecendo, dentre elas, menção especial a da Colômbia cujo Ministério de Educação não tem poupado esforços nesse sentido.

Agora surge-nos com preciosa publicação o Arquivo da Biblioteca Nacional de Quito: a **Revista del Archivo de la Biblioteca**, valioso repositório que, continuando, será de consulta obrigatória a quantos se dedicarem ao estudo da História sul-americana de língua espanhola, nos seus primórdios.

Revista muito bem feita, publicando valiosíssimos cimélios e nítidas reproduções de quadros históricos, divide-se em duas partes principais: Parte Colonial, — Parte Republicana, esta subdividida em três secções: Independencia, — Gran Colombia, — Ecuador, Republica Independiente. Como apêndice: Parte Bibliográfica.

Muito gratos, permutaremos.

W. Sp.

**PUBLICACIONES DE LA SOCIEDAD DE
HISTORIA ARGENTINA. — Ns. 1 a 7 — Buenos
Aires.**

Interessantes e, sobretudo, úteis são as publicações da Sociedad de Historia Argentina que nos foram enviados.

São sete fascículos de formato variado, editados entre 1933 e 1936.

Dêsses, o primeiro trata dos precursores de Colon, — **Precursores de Colon, — Las perlas agri y las representaciones sobre tejidos arcaicos, como prueba del descubrimiento de America antes de Colon,** — pelo Ing. Arthur Posnansky.

O assunto é sério, grave e, principalmente, controvertido quanto aos “descobridores” primeiros. Dúvida não resta de que a América foi visitada por outros povos. Quais, porém? E? essa a pergunta que jamais obterá resposta favorável porque isso de dizer que há signos, lendas, usos e costumes semelhantes a êsse ou aquele povo, nada significa porque, dessa forma chegaríamos à conclusão de que, antes de Colon, e muitos séculos antes de Cristo, aqui estiveram todos os povos do globo.

Mas o trabalho, **Precursores de Colon**, do ing. Arthur Posnansky é digno de nota e de ser lido por todos.

O n.º 2 das publicações supra é um trabalho do sr. Narciso Binayán, — **Cielos en la Historia Argentina,** — trabalho original e interessante, — “comentario bibliografico leído en la Sociedad de Historia Argentina, el 8 de agosto de 1932”.

Como introdução diz o autor, entre outras cousas, as seguintes verdades: “la historia no consiste en amontoar documentos, sino en utilizarlos. La historia sin ideas es como un collar sin hilo”.

O n.º 3 é magnífico estudo do famoso padre Castañeda, feito à luz da psicologia patológica pelo dr. Osvaldo Loudet.

El Padre Castañeda, figura curiosa de sacerdote, político e poeta, é trabalho precioso em que o homem nos é apresentado integralmente. Trabalho que honra seu autor e digno de estudo acurado que, infelizmente, não nos é dado fazer pelo limitado espaço.

Vocación Histórica de Mitre, de Sigfrido A. Radaelli, forma o 4.º fascículo das “Publicaciones”.

Com carinho, fazendo com que o leitor o acompanhe com vivo interêsse, examina o sr. Radaelli a vocação do grande Mitre para os estudos de história.

R. de Lafuente Machan é o autor do 5.º fascículo — **La Casa-fuerte de la Asunción**, editado, em 1936.

Trata o sr. Lafuente Machan da fundação de Asunción, “la ciudad madre del Río de la Plata”, à luz de documentos preciosos, com o fim de estabelecer, mais ou menos, “el momento de sua iniciación”, chegando “a un resultado aproximado a la verdad”, e tão aproximado, quer parecer-nos, que não será contradito.

Compõe o 6.º fascículo erudito estudo do sr. Enrique M. Barba, sobre **Algunos Aspectos de Política Internacional durante el gobierno de Cevallos**.

Nessa monografia preciosa estuda o sr. Barba os antecedentes do tratado entre Espanha e Portugal, o tratado de Madrid, a atuação de Cevallos e Valdelirios na questão dos jesuítas e portugueses com referência ao tratado de Madrid.

O 7.º fascículo, da autoria de Romulo D. Carbia, é “um trastrueque biografico aclarado” sobre “**Los Clerigos Agüero en la Historia Argentina**”.

Comenta o autor nesse erudito estudo o que tem sido escrito sôbre os três clérigos Agüero, retificando os êrros que “la falta de erudición autentica y el afán combativo anticlerical” enchertaram a vida e os feitos distintos dos famosos clérigos que papel importante tiveram na história argentina.

Pelas breves notas que aí ficam sôbre os folhetos editados pela Sociedad de História Argentina, vê-se a grande importância dessa entidade, cujos trabalhos merecem os mais calorosos aplausos que nós, gostosamente, lhe não regateamos.

BIBLIOTECA DE LA SOCIEDAD DE HISTORIA ARGENTINA, — Buenos Aires.

Esta Biblioteca de la Sociedad de Historia Argentina nada mais é do que continuação das "Publicaciones" de que tratamos na nota anterior.

Dessa Biblioteca recebemos os três primeiros volumes: **Las guerras civiles argentinas y el problema de Buenos Aires en la Republica**, de Juan Álvarez; **El general Paz** (desde su evasión hasta su muerte. 1840-1854), de Juan B. Terán e **Erección y abolición del Cabildo de Salta, — Un digesto municipal de 1784**, de Miguel Solá.

São verdadeiramente notáveis essas três obras, especialmente a primeira, **Las guerras civiles Argentinas y el problema de Buenos Aires**, em que seu erudito autor estuda as conseqüências de tôdas as revoluções argentinas, fazendo menção, no seio da obra, ao famoso "plano Artigas".

Subsídios preciosos, e interessantes são, para o estudo da História Argentina, as obras de Juan B. Terán e Miguel Solá, escritas com muita precisão e mão de mestre.

O PORQUÊ DA BRASILIDADE FARROUPILHA, — pelo coronel Souza Docca. — S. Paulo.

Cremos que, no Brasil, a causa que maior número de obras, até hoje, consagram e estudam é a da Revolução Farroupilha.

À enorme bibliografia, da qual já parte catalogamos nesta revista, devemos, agora, acrescentar mais um trabalho, — **O porquê da brasilidade Farroupilha**, — conferência realizada pelo coronel Souza Docca no "Centro Gaucho", de S. Paulo, a 20 de setembro de 1936.

Souza Docca é nome nacional. Seus trabalhos históricos verdadeiras obras de mestre. E a êle deve, precipuamente, o decênio farroupilha, a grande obra de reivindicação de seu profundo sentido de brasilidade, brasilidade que, na conferên-

cia de S. Paulo que aqui registramos, ficou mais uma vez provada através minuciosa pesquisa e cerrada documentação em torno das causas primarciais do porquê dessa intensa brasilidade.

O riograndense foi e é, e sê-lo-á sempre, enamorado de sua terra, surja o que surgir. Dá, por isso, a impressão de ser regionalista aferrado, intransigente. Entretanto, ninguém mais brasileiro do que êle. E si diz, — quando perguntado, — eu sou riograndense, — não o diz com intenção de sobrepor o pago à pátria, mas sim pelo orgulho de ser filho da terra que tudo fêz pela grandeza do Brasil, pela integridade do Brasil.

E' êsse o porquê de que nos fala, com abundância, o illustre coronel Souza Docca em sua excelente conferência de S. Paulo.

Somos riograndenses porque nascemos no Rio Grande e brasileiros porque em nosso sangue corre o mesmo sangue dos maiores vultos da grande Pátria, quer sejam portugueses, quer paulistas, quer cariocas, quer baianos, quer mineiros, quer catarinetas.

Foi porisso também que a Revolução Farroupilha foi a maior das revoluções brasileiras distinguindo-se, sempre, pelo ideal brasilista que norteava seus fautores máximos.

W. Sp.

AS FAMOSAS ARMADAS PORTUGUESAS —
1496-1650, de **SIMÃO FERREIRA PAEZ**, — **Introdução** do cap. de fragata **Didio I. A. da Costa**. — **Ministério da Marinha**, Rio de Janeiro, — 1937.

Existe na Biblioteca do Ministério da Marinha precioso cimélio que a cultura do Comandante Didio I. da Costa, por ordem do sr. Ministro, estudou, comentou e traduziu para o português corrente.

E' êsse velho "papiro" o manuscrito original, ao que parece, da "Recopilação das famosas armadas que para a índia foram desde o ano em que se principiou sua gloriosa conquista",

da autoria de Simão Ferreira Pais, “natural da cidade do Pôrto, cavalheiro fidalgo da casa de sua majestade”, até agora inédito.

A respeito dêsse manuscrito que será, em breve, publicado, escreveu o ilustrado e erudito comandante Didio Costa, valioso prefácio historiando o trabalho de Simão Ferreira Pais em seus pormenores, e explicando de como deu cumprimento às ordens do sr. Ministro da Marinha.

Completa êsse interessante e erudito prefácio trechos de confronto literário entre autores da época e o original de Simão Pais.

O sr. comandante Didio Costa revela-se, nesse prefácio uma das mais belas culturas literárias e históricas do país e a publicação, que será feita em breve, de todo o manuscrito seguido da tradução do ilustrado comandante, e precedido, por certo, do prefácio já editado e de que aqui tratamos, acredita-lo-á, com justiça, entre os grandes cultores de nossas letras, e benemérito da história.

E Portugal dever-lhe-á, perenemente, o inestimável serviço de que o incumbiu o Ministério da Marinha. ⁽¹⁾

W. Sp.

APUNTES PARA LA PREHISTORIA INDIGENA del Rio de la Plata y especialmente de la Banda Oriental del Uruguay, como introducción a la Filologia comparada de las lenguas y dialectos Arawak, — por S. Perea y Alonso. — Montevideo, Imprenta de A. Monteverde y Cia. — 1937.

E' esse trabalho do sr. Perea y Alonso separata do *Boletim de la Sección Filologica del Instituto de Estudios Superiores* e trata, com muita proeficiência, cultura e farta documentação, das linguas e dialetos *Arawak*, entre os quais inclui o A. o Mínuano e o Charrúa (Cxarrúa).

(1) — Já estavam compostas estas linhas e a Revista em via de ser impressa quando recebemos a obra completa a que fazemos alusão na nota. Em nosso proximo numero trataremos do precioso trabalho.

A propósito cita algumas palavras minuanas, já nossas conhecidas, como *baumarahate* ou “marmaraja”. Entretanto há ainda outras palavras do mesmo dialeto, como *Mbiamon* (Vião) e, entre as charrúas podemos citar, de memória, as que figuram na famosa lenda da *Lagôa do Parobé* (lagôa existente no município do Alegrete), como *Parobé* que quer dizer salobre e o nome da indígena — princesa charrúa — *Ponaim*, cujo significado é, ao que parece, a grande beldade, pura, encantadora, superior. Surge, também aí, a palavra *Berá* nome pelo qual é conhecido uma espécie de cervo pampeano — o *veado berá*, de pêlo claro e sedoso.

Mas não queremos, aqui, dar lições ao mestre, e sim, apenas, fazer rápida digressão sobre esse mundo infinito que nos lembrou o magnífico e precioso trabalho do sr. S. Perea y Alonso, que a bondade de nosso grande amigo dr. Buenaventura Caviglia (h.) — a quem, aliás, é dedicado, — nos enviou.

E nada mais temos a dizer a não ser que os *Apuntes* do sr. Perea y Alonso são valiosa contribuição que nos veio mostrar de como, no Uruguai, se estuda esse complicado assunto da linguística indígena.

W. Sp.

SANTA TERESA DE ROCHA, — por Miguel Victor Martínez. Casa A. Barreiro y Ramos, Montevideu, 1937.

Com uma gentil dedicatória do autor recebemos este livro recém-publicado nessa maravilhosa oficina de trabalho que é o Estado Oriental do Uruguai.

O seu autor, snr. Miguel Victor Martínez, dedicou seu livro ao nosso confrade Horácio Arredondo, hijo, diretor do Museu Municipal de Montevideu e a quem o govêrno daquela República, em feliz inspiração, encarregou a restauração da fortaleza de Santa Teresa, a obra do malogrado Thomaz Luiz Osório, vítima imolada à ferocidade dos dominadores de Portugal, nos meados do século 18.º.

O livro em aprêço versa impressões que o autor recebeu em visita feita à histórica fortaleza ora se transformando em parque nacional. São narrações do que viu e o senhor Martínez soube fazê-lo com tal colorido e vigor de linguagem, que o leitor devora aquelas cento e quarenta paginas sem a menor fadiga.

Sem ser um livro de história, pròpriamente dito, o nosso espírito, entretanto, que tem vivido a prescrutar as cousas do nosso passado, vai, através de deliciosa leitura, recapitulando os fatos que se prendem à histórica fortaleza, o pomo de discórdia, em alongados anos, entre as coroas de Portugal e Castela.

Quanto sentimos ser tão estreito o espaço em que devemos fazer esta notícia, pois o livro de Martínez bem merecia que se fizesse a transcrição de vários de seus capitulos, aqueles que mais fortemente nos impressionem pelo vigor do colorido. Assim, o estrangulamento da palmeira pelos músculos de ferro daquela figueira que um dia, semente ainda, um pássaro deixou na sua frondosa copa. E por fim a morte da alterosa árvore...

A caça à cruzeira, que impressionante narração. Abelardo, o caçador sem nervos, com que habilidade embravece o terrível offídio, para, em seguida, golpeá-la de morte. Ainda neste mesmo sentido, a morte de Felícia Neto picada por um réptil. Doroso.

Enfim, é muito interessante o livro em aprêço e bem merece uma tradução em português, e a essa tentação nos sentimos preso. Ademais, tem êsse livro íntima ligação conosco pelas nossas afinidades histórico-geográficas e por ser um trabalho de aproximação fraternal entre as duas nações irmãs, amigas.

Ao snr. Miguel Martínez enviamos parabens pelo seu excelente livro e, igualmente, por tê-lo dedicado, merecidamente, a Horácio Arredondo, o magnífico homem de letras que tão belas obras produziu e que, com tanto luzimento, sabe honrar a sua terra e a sua gente.

E. D.

**A TOPONOMÁSTICA DA COSTA CATARINENSE
NO SÉCULO XVI.** — Lucas Alexandre Boiteux —
Separata da Revista Marítima Brasileira de Maio —
Junho — Imprensa Naval — Rio, 1937.

O trabalho que temos em mão é uma memória apresentada ao 5.º congresso de Geografia realizado na Baía em 7 de Setembro do ano passado pelo Capitão de Mar e Guerra Lucas Alexandre Boiteux. Um estudo honesto e brilhante sobre a toponomia do litoral Catarinense do XVI século. Valiosa contribuição de que muito virá aproveitar o historiador de amanhã. São bem conhecidas as confusões que a região dos Patos tem ocasionado à realidade histórica brasileira. Não admira que assim seja a **Ilha da Prata e Baía dos Perdidos**.

O autor é minucioso no seu brilhante estudo, em detalhes hidrográficos com uma série de acidentes que devem ser lidos, meditados e tomados em definitivo. A tese apresenta o mérito de legítimo horizonte condensado de luz, e tôdas as conclusões do autor são amparadas em documentos preciosos, na cartografia da época, no espírito histórico e na análise comparada das origens toponímicas para assim fazer acionar um raciocínio conclusivo, sem tropêços e dúvidas sombrias.

O eminente historiador Boiteux fez obra meritória digna de louvores os mais quentes e expressivos.

O. S.

BUARQUE DE MACEDO — (Escôrço Biográfico)
HERMINIA BUARQUE DE MACEDO PINTO GUI-
MAÑES. — C. Mendes Jr. — Rio, 1937.

A autora dessa importante obra é neta do eminente estadista do império, Buarque de Macedo, ilustre pernambucano, espírito trescalante de nobreza e erudição. Nasceu em 1837 Passando agora o 1.º centenário do seu nascimento, D. Hermínia escolheu uma oportunidade esplêndida para homenagear seu benemérito avô.

Buarque de Macedo embora decorra já uma centúria do seu aparecimento e largos decênios da sua morte, continua

lembrado na história do Brasil. A sua ação foi notadamente patriótica, sincera, altamente honesta e infatigável.

A autora fez uma magnífica biografia, retratando o espírito brilhante do grande Conselheiro do Império.

Desde suas primeiras viagens à França e após ao posto de deputado e sucessivamente Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas no 28.º Gabinete de 28 de Março de 1880 de José Antônio Saraiva até a alta dignidade de Conselheiro, a culta biógrafa, em traços firmes, nos pinta magistralmente, à luz de documentos preciosos, toda essa marcha ascensional. Todo o livro é um manancial de anotações históricas que merece ser lido, acompanhado de ilustrações e reminiscências da vida do grande homem público que com tanto desinteresse e abnegação serviu a sua pátria.

A edição da Casa C. Mendes Junior é primorosa.

O. S.

O REINO DAS MULHERES SEM LEI — Ângelo Guido — Livraria do Globo — PAlegre, 1937.

O trabalho que Ângelo Guido acaba de divulgar é digno dos mais altos louvores, de reflexões, de meditação apurada, tal é a essência que o seu livro contém em todos os seus períodos. **O Reino das Mulheres sem lei** é um meticuloso estudo-estravagante de consciência e erudição — das lendas amazônicas, do complexo remoto dos seus mitos, onde há erudição e carinho aprofundado.

Canhãs-teco-ima teve, com Ângelo Guido, a interpretação racional, afastada de fantasias, sem perلustrar campos difusos e incertos.

A obra divide-se em 3 partes: O mito das Icamíabas, O mistério das pedras verdes e A religião dos nossos índios. Em todas elas há o traço vigoroso do observador insatisfeito, a ânsia da pureza histórica sem reminiscência, mas com o cuidado da análise às tradições e ao material divulgado.

Notável sem dúvida o estudo vertical, a crítica serena de **Iurupari** interpretando a mitologia com seus cultos, uns extravagantes outros cheios de doce encantamento poético.

As teorias de que o Muiraquitã tem sua origem remota asiática, contesta-o o autor com abundância de erudição baseado na generalidade dos hábitos totêmicos e nas jazidas de jades existentes em diversos continentes, cancelando assim a fértil imaginação de historiadores que classificaram todo o mistério mitológico amazonense sem exame acurado.

O Snr. Ângelo Guido, intelectual dos mais primorosos e apaixonado pelas coisas da arte pura, nesse seu trabalho de mitologia amazônica, veio rasgar novos horizontes, novos rumos aos já consagrados por tantos nomes ilustres. E para as judiciosas conclusões de Ângelo Guido não lhe falta o amparo da boa lógica, de um raciocínio esclarecido e dissecador, atraindo os aplausos de todos os estudiosos.

O autor confessa o inebriamento dêsse aranhol suntuoso nestas palavras lapidares: "Assim é a terra verde do Amazona — maravilhoso Muiraquitã que emergiu das águas, matéria plasmável que ao sol se modelou, sagrado presente que a Mãe d'Água deu aos homens e que fascina a todos que o contemplan pela beleza e a magia da sua bárbara e sedutora juventude".

O trabalho gráfico da Livraria do Globo, como de costume, é esmerado.

O. S.

MEU CANTEIRO DE SAUDADES (poesias)
— e DISCURSO, pelo dr. **Mário Totta**. — Livraria do Globo — Pôrto Alegre, 1937.

Mário Totta é dos mais brilhantes e nobres espíritos literários do Rio Grande do Sul. E' um nome que se tornou querido no seio cultural do Estado e que representa, hoje, um padrão de beleza estética a enflorar um ciclo de exaltação artística. Tôda sua obra está dispersa pelos periódicos, nas colunas dos jornais que passam vertiginosamente deixando, apenas, um rastro luminoso, uma lembrança viva de sua transitoriedade.

Lamentável é que até hoje êsse autêntico artista da frase emocional, o sentimentalista do pensamento criador, não se tenha lembrado de reunir em volume o ouro da sua copiosa inteligência fragmentado pela imprensa.

Apenas agora nos dá, em folheto, seu magistral DISCURSO, páginas de límpida literatura, proferido na Academia Rio-grandense de Letras, da qual é membro destacado, em homenagem a Otávio Mangabeira e Pedro Calmon por ocasião da visita que êsses dois embaixadores da inteligência nacional fizeram a Pôrto Alegre, e, num pequeno livro, um tufo de poemas sentidos que denominou MEU CANTEIRO DE SAUDADES.

Mário Totta é essencialmente poeta. Poeta no verso e poeta na prosa. Basta observar a peregrina limpidez dêsse seu "Discurso" para se admirar a elegância e o ritmo com que escreve.

Como poeta, Alcides Maya classificou-o como um dos mais perfeitos sonetistas do Brasil. E nisso não há benignidade. Sua poesia é espontânea, dulcíssima, e tanto é lírico hoje, como foi parnasiano ontem, e como será modernista amanhã. Não tem escola e sua grande pletora é ser poeta de si mesmo, pondo em cada estrofe um pouco de sua alma e em cada pensamento o melhor de seu coração.

"Meu canteiro de saudades" veio reviver não o glorioso cientista que é, mas apenas o poeta que sempre foi sob um caráter de ternura imensa. Sem preocupação de artificialismo estético, sem o cuidado tenebroso das fórmulas, do convencionalismo, nesse livrinho de sagrado amor há um sentido de arte que é a poesia pura, simples, legitimista, clara, que desanda em seráfico deslumbramento.

Mário Totta, com êsses dois novos trabalhos enriqueceu primorosamente as letras de nossa terra.

O. S.

Nota: — Por falta de espaço ficaram para o proximo número apreciações sobre uma dezena de obras que nos foram gentilmente enviadas.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS.

REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, sob a direção do Barão de Studart. — Comissão de redação: Tomaz Pompeu Sobrinho, Eusébio de Sousa, Carlos Studart Filho e Martinez de Aguiar. — Tomo L. — Ano L. — 1936. Fortaleza, Ceará.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE. — Vols. XXVII e XXVIII. — 1930/1931. — Redatores: Dr. Nestor Lima, desemb. Antônio Soares e dr. Luis da Câmara Cascudo. — Natal. 1937.

PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA DE LETRAS. — Ano III — 1937 — n.º 4. Rio de Janeiro.

IDEARIUM. — Revista mensal — Organo de la Escuela Normal de Occidente. — Diretor: Eduardo Martinez Esponda; Redator: Sergio Elias Ortiz. — Año I, n.º 6. — Republica de Colombia, Pasto noviembre 1.º de 1937. — Idem, idem n.º 7

BOLETIN DE LA ACADEMIA PANAMEÑA DE LA HISTORIA. — Año V — n.º 14 — Julio de 1937; e Año V — n.º 15 — Octubre de 1937. — Diretor: Juan Antonio Susto. — Panamá, Rep. de Panamá.

REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS GENEALÓGICOS, de São Paulo. — Ano I — 1937 — Numero 2. — Comissão da Revista: Dr. Menezes Drummond, dr. Carvalho Franco, dr. Melo Nogueira, Celso de Melo Pupo, Roberto Thut, cel. Salvador de Moya e Bueno de Azevedo Filho. — Como o primeiro número traz este excelente matéria, excelente e valiosa.

BOLETIM DO MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO, Ns. 37 e 38 — Ano IV. — Setembro e outubro de 1937. — Departamento de Estatística e Publicidade — Rio de Janeiro.

IBERO AMERIKANISCHES ARCHIV, Jahrgang XI — Oktober 1937 — Heft 3. — Herausgeber: — Ibero-Amerikanisches Institut — Berlin C 2 — Breite Strasse 37 (Marshall) — Presidente do Instituto: General Albrecht Reinecke; Redator da Revista: Professor dr. Otto Quelle.

BOLETIN DEL INSTITUTO DE INVESTIGACIONES HISTORICAS — Indice geral do tomo XVIII (Añ XIII — Ns. 1-63). — Buenos Aires — 1934-1935.

ÍNDICE

(III trimestre de 1937)

A religião de nossos índios — <i>Angelo Guido</i>	3
Lições de meteorologia — <i>Dr. Ladislau Coussirat de Araujo</i>	59
Pequeno dicionário histórico e geográfico do município de Osório — <i>M. E. Fernandes Bastos</i>	85
Nótulas bibliográficas	145

(IV trimestre de 1937)

Alguns aspectos da fonética Sul-riograndense — <i>Dr. Elpidio Ferreira</i> <i>Paes</i>	165
---	-----

Discursos:

— do <i>Dr. Olinto Sanmartin</i>	245
— do <i>prof. Walter Spalding</i>	257
— do <i>Dr. Mario Teixeira de Carvalho</i>	263
— do <i>Dr. Dante de Laytano</i>	291
— do <i>Rev. P. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.</i> (O clero e a emanci- pação política do Brasil)	299
— do <i>Dr. Adroaldo Mesquita da Costa</i>	321
Dia da Bandeira — conferencia do <i>Dr. Adroaldo Mesquita da Costa</i>	335
Átas das sessões do Instituto durante o ano de 1937	335

INCORRUPTAM FIDEM PROFESSIS NEQUE AMORE QUISQUAM ET
SINE ODI DISCENDUS EST.

INDICE

Francisco Pinto Bandeira, — <i>General João Borges Fortes</i>	3
Adagiário Gaucho, — <i>dr. Vitor Russomano</i>	47
Saüdação do dr. Pedro Calmon, — <i>Walter Spalding</i>	119
A figura singular do tenente-general Conde de Porto Alegre, — <i>Cas- tilhos Goycochea</i>	127
Vila da Aclamação, — <i>Aurelio Pôrto</i>	135
A imagem de S. Pedro, do Rio Grande, — <i>Walter Spalding</i>	139
Um grande proboscídiano extinto: o mamute, — <i>Carlos de Paula Couto</i>	145
Nótulas Bibliográficas	157

GEOGRAFIA:

Prof. Afonso Guerreiro Lima.
Dr. João Maia.
Tenente Dioclecio de Paranhos Antunes
Dr. Alcides Maya.

ARQUEOLOGIA, ETNOGRAFIA E PALEONTOLOGIA:

Prof. Jaci A. L. Tupi Caldas.
Dr. Mario Teixeira de Carvalho.
Prof. Jorge Bahlis.
Dr. Armando Dias de Azevedo.

FOLCLORE E LINGUA DOS INDIGENAS:

Cel. Manoel de Faria Correia.
Prof. Valter Spalding.
Dr. Dante de Laytano.
Manoelito d'Ornelas.

ESTATUTOS E COMISSÃO DA REVISTA:

Dr. Adroaldo Mesquita do Costa.
Cel. E. F. de Souza Doça.
Prof. Othelo Rosa.
Dr. Eduardo Duarte.

ADMISSÃO DE SÓCIOS:

Dr. Armando Dias de Azevedo.
Prof. Afonso Guerreiro Lima.
Cel. Gaston Hasslocher Mazon.
Dr. Eduardo Duarte.

Condições de assinatura da Revista:

Por ano	15\$000 rs.
Por fascículo trimestral ..	4\$000 rs.
Preço da coleção até 1930.	1:000\$000 rs.

Fascículos atrasados, preço da tabela existente na secretaria

Para assuntos da Revista dirigir-se diretamente ao Dr.
Eduardo Duarte, à rua Duque de Caxias n.º 1231. Pôrto
Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.